

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Pós-Graduação em Comunicação  
Mestrado em Comunicação e Sociedade

Gabriela Marques Gonçalves

**CULTURA POPULAR E COMUNICAÇÃO: A FOLIA DE REIS EM BAIROS  
POPULARES DE JUIZ DE FORA**

JUIZ DE FORA – MG

2014

Gabriela Marques Gonçalves

**CULTURA POPULAR E COMUNICAÇÃO: A FOLIA DE REIS EM BAIROS  
POPULARES DE JUIZ DE FORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração: Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ta</sup>. Dr<sup>a</sup> Christina Ferraz Musse  
Coorientador: Prof. Dr. Bruno Fuser

JUIZ DE FORA – MG

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Marques Gonçalves, Gabriela.

Cultura Popular e Comunicação : A Folia de Reis em bairros populares de Juiz de Fora / Gabriela Marques Gonçalves. -- 2014.

118 p. : il.

Orientadora: Christina Ferraz Musse

Coorientador: Bruno Fuser

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

1. Comunicação. 2. Cultura Popular. 3. Folia de Reis. 4. Festa. 5. Etnografia. I. Ferraz Musse, Christina, orient. II. Fuser, Bruno, coorient. III. Título.

Gabriela Marques Gonçalves

**Cultura Popular e Comunicação: a Folia de Reis em bairros populares de Juiz de Fora**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação e Sociedade, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em 17 de março de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Christina Ferraz Musse (Orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora



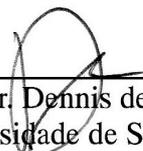
---

Prof. Dr. Bruno Fuser (Coorientador)  
Universidade Federal de Juiz de Fora



---

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal  
Universidade Federal de Juiz de Fora



---

Prof. Dr. Dennis de Oliveira  
Universidade de São Paulo

A todos os foliões que mantêm viva a cultura  
popular brasileira

## AGRADECIMENTOS

À Folia de Reis Sinal dos Três Reis Magos do Oriente pela acolhida e por aceitar participar desta pesquisa. Obrigada a Adão, Adão Beirão, Bel, Careca, Marley, Jonatas, Franklin, Wanderton, Boi, Lu, Lê, Sebastião, Igor, Geraldo, Tulim, Washington, Palito, Bibil, Yago, Kaíque, Maikim e Fu pelas conversas, depoimentos, pelo cuidado durante a jornada de 2012/2013 e pela amizade.

À Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora, na figura de André Brasilino, pela ajuda, contatos e informações dadas. Agradeço aos mestres foliões de Juiz de Fora por terem me recebido em suas casas e terem separado um tempo para conversar comigo sobre a Folia de Reis na cidade, além da acolhida de suas famílias. Obrigada aos grupos: Folia do Carrapatim, Folia do Inferninho, Folia do Dé, Folia do Kinó, Folia do Branco, Folia do André, Folia do Domingos e Folia do José Quintino.

À família Grigório Silva, que se tornou minha família em Juiz de Fora, obrigada por me acolherem em sua casa, pelo carinho, pela ajuda, pelas conversas, pelas risadas e pelas festas: Virgínia, Adão, Marley, Suyan, Bel, Grace e Alicia. Agradeço também à comunidade do Bela Aurora que tanto frequentei nesses dois anos de pesquisa.

Ao Bruno Fuser por ter acreditado nessa pesquisa e pela confiança depositada em meu trabalho. Obrigada pela orientação dada e pela amizade.

Ao Nilton José dos Reis Rocha, por toda ajuda dada desde a primeira versão desse projeto, por fazer parte da minha formação enquanto pessoa, jornalista e pesquisadora com a serenidade que lhe é característica. Estendo meus agradecimentos a todo o Coletivo Magnífica Múndia da Universidade Federal de Goiás que também faz parte da minha formação.

Às amigas Maiara Dourado, Ana Lúcia Nunes, Tatiane de Assis e Milena Nominato pela leitura dos capítulos, dos artigos, pelos conselhos, pela ajuda na reta final com os pequenos detalhes, pela troca de angústias e sonhos, pela amizade e pelo amor que temos umas pelas outras. E ao querido Bruno Fiorese pela grande ajuda com a finalização do documentário.

À minha família pelo apoio, pelo suporte e pelo amor. A Deus, aos Santos Reis e a todas as entidades espirituais que iluminaram essa caminhada.

Salve essa casa,

Nobre morada.

Nova jornada

Vamos começar.

Nossa festa vai principiar.

Abrição de Portas – Domínio Público com adaptação  
de Antonio Nóbrega e Wilson Freire

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar de que forma se constroem os processos culturais e comunicativos em bairros populares de Juiz de Fora, no contexto da festa de Folia de Reis, presente na cidade há mais de 50 anos. As festas sempre tiveram papel importante na sociedade, não só brasileira, já que se mostram como lugar de representações e construções de sentido para uma determinada comunidade. Na atualidade, elas se tornam ainda mais complexas quando interagem com outros elementos da vida urbana contemporânea.

Entendendo que a comunicação se dá nos vários atos da vida cotidiana, pensar como determinados grupos sociais constroem processos comunicativos próprios, independentes das grandes mídias, mas em diálogo constante com elas, contribui na compreensão da própria organização social dessas pessoas, bem como da maneira como elas elaboram significações sobre a vida.

A etnografia se mostra assim, uma importante ferramenta para esta pesquisa já que investiga a produção simbólica de um grupo social. A convivência e relação cotidianas com esses sujeitos contribuem na elaboração das análises propostas. Para isso foi escolhido um dos grupos de Folia de Reis de Juiz de Fora, da Zona Sul da cidade, região que concentra o maior número de folias.

Acompanhar os ensaios e a festa em 2012 e 2013 da Folia de Reis Sinal dos Três Reis Magos do Oriente, do bairro Bela Aurora, possibilitou a identificação de categorias que contribuíram com a análise dos processos culturais e comunicativos desse grupo social como: comunidade, violência, religião e mídia.

A pesquisa mostra como complexas redes de relações e informações são criadas e como as relações cotidianas que fazem parte da cultura dessas pessoas são mediadas pelas mídias tradicionais apenas de forma secundária, fazendo com que elas interajam com outras formas de comunicação próprias do contexto desses grupos sociais.

**Palavras-Chave:** Comunicação. Cultura Popular. Folia de Reis. Festa. Etnografia

## RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo investigar cómo se construyen los procesos culturales y comunicativos en barrios populares de Juiz de Fora, en el contexto de la fiesta de Folia de Reis, presente en la ciudad desde hace más de 50 años. Las fiestas siempre han tenido papel importante en la sociedad, no solo brasileña, ya que se muestran como espacio de representaciones y construcciones de sentido para una determinada comunidad. En la actualidad, ellas se vuelven aún más complejas cuando se relacionan con otros elementos de la vida urbana contemporánea.

Comprendiendo que la comunicación se da en las diferentes acciones cotidianas, pensar como determinados grupos sociales construyen procesos comunicativos propios, independientes de los grandes media, pero en dialogo constante con ellos, contribuye en la comprensión de la propia organización social de esas personas, así como de la manera como ellas elaboran significaciones sobre la vida.

La etnografía se muestra así, una importante herramienta para esta investigación una vez que estudia la producción simbólica de un grupo social. La convivencia y relación cotidianas con estos sujetos contribuyen en la elaboración de los análisis propuestos. Para esto elegimos uno de los grupos de Folia de Reis de Juiz de Fora, en la Zona Sul de la ciudad, región que concentra la más grande cantidad de folias.

Acompañar los ensayos y la fiesta en el 2012 y 2013 de la “Folia de Reis Sinal dos Três Reis Magos do Oriente”, del barrio Bela Aurora, ha posibilitado la identificación de categorías que han contribuido con el análisis de los procesos culturales y comunicativos de este grupo social como: comunidad, violencia, religión y media.

La investigación muestra como complejas redes de relaciones e informaciones son creadas y como las relaciones cotidianas que hacen parte de la cultura de estas personas son mediadas por los media tradicionales solo de forma secundaria, haciendo con que ellas interactúen con otras formas de comunicación propias del contexto de estos grupos sociales.

**Palabras-Llave:** Comunicación. Cultura Popular. Folia de Reis. Fiesta. Etnografía.

## ABSTRACT

The purpose of this essay is to investigate how cultural and communicational processes are constructed in popular neighborhoods from Juiz de Fora (Minas Gerais – Brazil), in the context of Folia de Reis festivity, which happens in this city for more than 50 years. Traditional festivities always had an important role in the society, not only in Brazil, since they've become a place for representation and construction of meanings for the community. Nowadays they are even more complex because of the interaction with other elements of the contemporary urban life.

As the communication happens in different acts of the everyday life, to think how these social groups construct their own communicative processes, unattached to the mainstream media, but constantly dialoguing with it, contributes to comprehend the social organization of those people, as well as how they elaborate significations about life.

Ethnography shows itself as an important tool to this research, since it investigates the symbolic production of a social group. The acquaintanceship and the everyday relationship which those people contribute at the elaboration process of the proposed analyses. For that I chose one of the Folia de Reis group from southern Juiz de Fora, region which concentrates the highest number of festivities.

Follow the rehearsals and the Folia de Reis "Sinal dos Três Reis Magos do Oriente" itself, from the neighborhood of Bela Aurora, allowed the identification of categories, which contributed to the cultural and communicative processes analyze of this group, such as: community, violence, religion and media.

The research shows how relational and informational complex networks are build and how the everyday relationship, that are part of those people culture, are shown by the mainstream media just in a secondary way, making them interact through their own communicational ways.

Keywords: Communication. Popular Culture. Folia de Reis. Festivity. Ethnography.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Foto 1:</b> .....	46
<b>Foto 2:</b> .....	47
<b>Foto 3:</b> .....	47
<b>Foto 4:</b> .....	49
<b>Foto 5:</b> .....	50
<b>Foto 6:</b> .....	50
<b>Mapa 1:</b> .....	52
<b>Foto 7:</b> .....	61
<b>Foto 8:</b> .....	61
<b>Foto 9:</b> .....	72

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. CULTURA</b> .....	17
<b>1.1 Cultura e Comunicação</b> .....	17
<b>1.2 Cultura Popular</b> .....	21
1.2.1 Cultura popular: algumas características.....	27
<b>2. CULTURA POPULAR: AS FESTAS</b> .....	34
<b>2.1 Festa</b> .....	34
<b>2.2 Folia de Reis</b> .....	38
2.2.1 Folia de Reis em Juiz de Fora.....	44
<b>3. PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	51
<b>3.1 Etnografia</b> .....	53
3.1.1 Entrada no campo.....	57
<b>4. A FOLIA DO ADÃO</b> .....	75
<b>4.1 Comunidade</b> .....	75
<b>4.2 Violência</b> .....	81
<b>4.3 Religião</b> .....	86
4.3.1 Palhaços.....	91
<b>4.4 Mídia</b> .....	93
<b>4.5. Associação</b> .....	98
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	108
<b>ANEXOS</b> .....	113
<b>APÊNDICE</b> .....	DVD

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge a partir de minha trajetória acadêmica fortemente influenciada pela extensão na Universidade Federal de Goiás. Em meu segundo ano de graduação em Jornalismo comecei a participar do Coletivo Magnífica Mundi de comunicação compartilhada e desde então desenvolvo atividades em projetos com crianças e jovens, camponeses, indígenas brasileiros e bolivianos, movimento por moradia popular, de catadores de materiais recicláveis e de luta pela terra, entre outros. Além disso, em 2009, fiz um estágio no Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e o contato com diversos grupos da cultura popular brasileira fez com que me decidisse por este tema para desenvolver minha pesquisa de mestrado. Com a quantidade de manifestações existentes decidi por pesquisar uma festa que existisse em meu estado, de forma a retornar também às minhas origens e de minha família já que um de meus avôs tocava viola, cavaquinho, sanfona e dançava catira, e que estivesse presente também no contexto urbano de grandes e médias cidades. Assim escolhi a Folia de Reis como tema.

Todas essas experiências influenciaram diretamente minha formação acadêmica, profissional e pessoal, o que contribuiu com as escolhas teóricas e metodológicas apresentadas nesta dissertação. A busca por uma metodologia que me permitisse o contato direto com os grupos sociais estudados é também consequência desses trabalhos desenvolvidos com a extensão universitária que permite um grande envolvimento com as pessoas participantes dos projetos, além de possibilitar uma outra compreensão do que é comunicação e da capacidade e responsabilidade que cada um tem neste processo.

Além disso, essas experiências se colocaram para mim enquanto uma forma de reflexão e prática em que todos os sujeitos envolvidos são ativos no processo de construção do conhecimento. Neste sentido, enquanto o acesso à universidade e à pesquisa continua restrito, a pesquisa deve apresentar como função importante transformar e ser transformada diretamente pela realidade do homem comum, nas palavras de Pablo Neruda (2004, p. 12): “um homem, como todos os homens”. Este comprometimento com as pessoas, com o povo, influenciou não só a escolha do tema desta pesquisa, mas também a forma como ela seria realizada.

Compreender que a versão final desta dissertação interfere de uma maneira muito indireta na vida dos sujeitos que participaram desta pesquisa fez com que eu buscasse outras

formas de retribuir todo o conhecimento que era construído com eles, ainda que esse retorno fossem apenas em fotos e vídeos feitos por mim. Mas além disso, destaco a própria convivência, as conversas e o afeto construído entre nós como mais um resultado desta pesquisa e que muitas vezes não pode ser mensurado ou mesmo categorizado.

Segundo Zemelman (2004, p. 460), “quando escrevemos, não procuramos tornar explícita a nossa profundidade de pertença que, noutras formas de expressão, como as coloquiais, se condensa na espontaneidade”. Assim, ainda que não se apresente de forma tão clara no texto, o meu envolvimento com estas pessoas é inegável e foi justamente isso que me proporcionou conhecê-las, inclusive em suas contradições e nas minhas também.

Ao final do processo que é o desenvolvimento de uma pesquisa, pude constatar que a subjetividade presente neste encontro feliz, termo utilizado por Marcondes Filho (2004) ao explicar o que é a comunicação, não prejudica o rigor científico buscado pela academia. Pelo contrário, a ampliação da subjetividade é capaz, segundo Zemelman (2004, p. 463), “de enriquecer o ângulo a partir do qual se constrói o pensamento”. Além disso, acredito também que o rigor científico não deve colocar as pessoas em segundo plano, mas sim fazer delas o objetivo último da pesquisa já que “quando encarada a partir dos sujeitos, a realidade torna-se um conjunto de espaços de construção” (opus cit, p. 461) e por isso repleta de conflitos, tensões, contradições<sup>1</sup> e disputas, logo, nem sempre ajustada ao pensamento teórico existente. Como lembra Pablo Neruda (2004, p. 136), “este é o tesouro: não esquecer o homem”.

Nesta perspectiva não apresento aqui uma linha ou escola teórica única para as reflexões elaboradas. A variedade de autores utilizada é consequência justamente de um dos aprendizados construídos com a cultura popular, o da contextualização. Assim, a realidade pesquisada nesta dissertação exigiu um diálogo com aspectos específicos das obras aqui utilizadas. Além disso, tais reflexões são uma interpretação possível deste contexto, aquela que foi construída a partir de uma trajetória específica, no caso, a minha. Logo, ela não substitui nem o fenômeno da festa, nem as interpretações realizadas por quem dela participa.

Essa adequação a um contexto específico de pesquisa interferiu inclusive na proposta inicial da pesquisa, que era estudar a relação dessas manifestações populares com as novas tecnologias da informação e comunicação. No entanto, enquanto me preparava para a seleção de mestrado no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, não consegui encontrar muitas referências na internet dos grupos da cidade,

---

<sup>1</sup> Para o músico e mestre de Maracatu Siba Veloso, no documentário Siba – Nos balés da tormenta (2012), é a contradição que nos aproxima da verdade, evitando assim uma romantização das coisas.

fazendo com que a questão problema da minha pesquisa mudasse.

Se a internet era pouco usada por estes grupos ou, quando feita, de forma pouco sistematizada, quais eram então os principais processos comunicativos desses sujeitos? Entendendo então que a comunicação não se restringe às mídias propriamente, quais os principais processos culturais construídos por esses grupos para que a comunicação se dê também em outros formatos?

Esses questionamentos se tornaram, assim, guias para o desenvolvimento dessa pesquisa que investigou, a partir do contexto da festa da Folia de Reis, a maneira como esses processos culturais e comunicativos são construídos nos bairros populares tradicionais de Juiz de Fora. A pesquisa foi então realizada a partir dos onze grupos pertencentes à Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora.

A existência de grupos com maioria de componentes jovens fez com que se tornasse importante também compreender as diferenças e semelhanças entre as folias. Além disso, a forte relação desses sujeitos com seus bairros mostrou a importância de refletir sobre a forma como a festa interage com o cotidiano desses foliões.

Esta pesquisa justifica-se pela importância de se compreender a comunicação e a cultura enquanto processos construídos cotidianamente por grupos sociais por meio de elementos variados que fazem parte de suas vidas, como é o caso aqui da Folia de Reis. No entanto, as relações sociais, e logo os processos culturais e comunicativos, são construídas e fortalecidas cotidianamente em situações que extrapolam este contexto da festa. Ao mesmo tempo, mesmo sendo temporalmente demarcada, ela interage diretamente com a construção e consolidação desses laços de sociabilidade entre os moradores desses bairros ao longo do ano.

Nesses bairros os processos comunicacionais não mediados ainda são de grande importância e por vezes se sobrepõem a mídias como a internet, a televisão e o rádio, não deixando de dialogar com eles. A festa e o bairro se mostram como os principais elementos para a construção desse contexto, já que são espaços onde há relações de influências recíprocas entre as manifestações de diversos segmentos e classes sociais. A circularidade dos processos culturais faz com que mesmo nos elementos mais tradicionais dessa manifestação e modo de vida, a renovação e a criação estejam presentes.

A análise de tais elementos é apresentada nesta dissertação em quatro capítulos. No primeiro deles faço uma revisão teórica a partir, principalmente, de Geertz e Laraia acerca do conceito de cultura compreendida em seu sentido amplo de produção simbólica de uma

determinada sociedade, incluindo tanto o aspecto material, quanto o imaterial. Esta perspectiva possibilita entender a comunicação também em seu sentido mais abrangente que não se restringe às mídias, e que se apresenta nas ações cotidianas dos sujeitos.

A partir desta discussão sobre a cultura e o cotidiano faço também um debate sobre a noção de cultura popular com uma revisão teórica de autores como Brandão, Souza Martins, Passeron e Grignon, Chauí, dentre outros. Compreender as diferenças existentes nos diversos grupos sociais permite elencar alguns elementos que destaco no mesmo capítulo como sendo característicos da cultura popular tais como: oralidade, comunidade, sua concepção estética e o caráter festivo, tendo como principal referência Mikhail Bahktin.

No segundo capítulo tem destaque uma das manifestações da cultura popular, a festa. Estes rituais, como são nomeados pela antropologia, são importantes não só para compreender as sociedades e suas culturas, mas também o contexto no qual a Folia de Reis se insere. Estas manifestações, tão presentes no Brasil, se apresentam enquanto um importante espaço de troca de informações, construção de identidades e organização social. A Folia de Reis, que tem sua origem na Europa medieval, é uma das festas que pode ilustrar a importância que este ritual ainda mantém nos dias de hoje. Por fim, este capítulo conta também um pouco do histórico dessa festa em Juiz de Fora, bem como suas características e elementos principais.

É importante destacar contudo que, mais que buscar as explicações para os significados da festa e de suas origens, esta dissertação se propõe a compreendê-la a partir das ações cotidianas dos seus sujeitos e das interpretações que eles fazem sobre ela, independentemente se correspondem ou não a uma verdade histórica. Até porque, como lembra Siba Veloso (2012)<sup>2</sup>, “o presente é a única verdade real” já que a força dessas manifestações populares está justamente na energia que elas conseguem fazer circular no momento em que acontecem, a qual é responsável pela sua continuidade no ano seguinte e pelo contexto de sociabilidade criado por ela.

O terceiro capítulo traz a metodologia utilizada nesta pesquisa. Após uma pequena explanação sobre pesquisa qualitativa, detalho as ferramentas utilizadas na etnografia a partir, principalmente, do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira. Ver, ouvir e escrever são destacados por ele como as principais fases dessa metodologia. Neste capítulo explico, por exemplo, quais foram os critérios utilizados para a escolha do grupo de Folia de Reis pesquisado. Além disso, faço uma narração/descrição do processo de entrada no campo,

---

<sup>2</sup> Em entrevista ao documentário Siba – Nos balés da tormenta.

mostrando os passos percorridos por mim durante a pesquisa.

O último capítulo, antes das considerações finais, traz as análises propriamente ditas do contexto pesquisado a partir de cinco categorias que se mostraram ao longo da pesquisa como as mais importantes para a reflexão proposta aqui. São elas: comunidade, violência, religião, mídia e Associação (referente à Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora). A primeira delas trata das relações comunitárias construídas nos bairros das folias, as relações de amizade e parentesco e como os grupos se inserem neste contexto. Esta reflexão se dá em diálogo com autores como Pierre Mayol e Janice Caiafa.

A violência é retratada com os casos de assassinato de dois integrantes de folias de Juiz de Fora, além das disputas por status dentro do contexto da festa. Jadir Pessoa, Madeleine Félix e Peter Burke trazem reflexões interessantes que contribuem no debate referente a esta pesquisa. Já a religião é apresentada a partir do catolicismo popular que pôde ser identificado nos depoimentos, o que mantém atual o debate realizado por autores como Alba Zaluar, Pedro Ribeiro de Oliveira, Núbia Gomes e Edimilson Pereira.

A mídia é debatida a partir da relevância dada a elas pelos integrantes da folia, bem como a família de Adão, dono do grupo pesquisado. Outras dimensões não midiáticas dos processos comunicativos desses sujeitos são debatidas a partir de Ciro Marcondes Filho. Já as questões políticas presentes na Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora são debatidas com a ajuda de Laraia, Moreira e Certeau.

A observação participante e as entrevistas realizadas possibilitaram recolher depoimentos importantes para as análises apresentadas nesta dissertação. Estas falas aparecem ao longo de todo o texto, nos quatro capítulos que se seguem. Para evitar uma repetição da origem desses depoimentos, apresento a seguir os personagens desta dissertação. Em primeiro lugar, o dono do principal grupo da pesquisa, Adão. Sua família também teve papel importante pela grande convivência que tive e pelo envolvimento de todos eles com a Folia de Reis: Virgínia (esposa de Adão), Suyan (sua filha mais velha), Marley (seu filho do meio e mestre de palhaços de seu grupo), Bel (seu filho mais novo e contra mestre do grupo), Grace (esposa de Bel), dona Eva (mãe de Adão) e seu Sebastião (pai de Adão).

Acompanha ainda esta dissertação, como apêndice, um documentário sobre a festa de 2012/2013 do grupo de Adão, a qual acompanhei. Como a ideia inicial de produzir um documentário com a participação ativa dos integrantes da folia não pôde ser concretizada, como será visto no capítulo 3, optei por construir eu mesma essa narrativa audiovisual, ainda

que tal narrativa seja influenciada diretamente pelo processo vivido ao longo da pesquisa. Assim, a partir das imagens gravadas durante a pesquisa de campo e com a posterior gravação de algumas entrevistas pude finalizar este material que se apresenta enquanto uma parte da pesquisa disponibilizada em um formato mais acessível.

Em seguida apresento os componentes – muitos deles pelos seus apelidos – do grupo de Adão: Geraldo (contramestre e cavaquinho), Adão Beijo (cavaquinho), Igor (chocalho), Lê (bandeirista e triângulo), Tulim (cavaquinho), Washington (cavaquinho), Palito (sanfona), Bibil (caixa), Yago (caixa), e os palhaços: Careca, Jonatas, Franklin, Wanderton, Lu, Boi, Fu, Kaíque e Maikim.

Outros personagens importantes da minha pesquisa são integrantes de outras folias: Kinó (dono da folia do bairro Teixeiras), André (presidente da Associação e dono de uma das folias do bairro Bela Aurora), Marley (dono da folia do morro do Carrapatim), Moi (primo de Marley e mestre de palhaços da folia do morro do Carrapatim), Nino (pai de Marley e ex-palhaço da folia do Adão), Dé (dono da folia do bairro Vale Verde), Keké e Bruno (donos e palhaços da folia da rua do Inferninho), Branco (dono da folia do bairro Furtado de Menezes), Domingos (dono da folia do bairro Nossa Senhora de Lurdes), José Quintino (dono da folia do bairro Amazônia), Lió (dono da folia do bairro Ipiranga) e Pepê (dono de uma das folias do bairro Dom Bosco).

## 1-CULTURA

Para compreender a Folia de Reis em sua dimensão comunicativa, faz-se necessário refletir sobre as relações entre cultura e comunicação enquanto fenômenos que são indissociáveis e a partir de perspectivas que tornam suas abordagens mais abrangentes, incluindo as produções simbólicas, bem como suas manifestações na vida cotidiana. A partir desta reflexão é possível destacar também a cultura popular enquanto um dos contextos culturais vividos ainda hoje. Além disso, serão apresentados neste capítulo alguns elementos da cultura popular que são importantes em sua caracterização e que estão presentes na sociedade contemporânea.

### 1.1 Cultura e Comunicação

O conceito de cultura tem abordagens diferentes de acordo com as diversas áreas do conhecimento e linhas teóricas. Não é objetivo desta pesquisa tentar realizar um estudo tão amplo, por isso uma delas servirá como referência para os debates que serão desenvolvidos ao longo desta dissertação: a da antropologia interpretativa norte-americana. A cultura é compreendida enquanto a esfera simbólica de uma dada sociedade, incluindo sua produção material e imaterial.

mais que um somatório de valores, artefatos, crenças, mitos, rituais, comportamentos etc. [...] cada cultura é uma gramática que delinea e gera os elementos que a constituem e lhe são pertinentes, além de atribuir sentido às relações entre os mesmos. (RODRIGUES, 1989, p. 132)

A cultura não se restringe aos bens culturais em si, sejam eles da indústria cultural ou não. Mais que o produto cultural, dá-se uma atenção também aos processos e contextos nos quais eles foram produzidos e às interpretações dadas a eles. O conceito de cultura que será usado nesta pesquisa

nada tem a ver com as ideias de senso comum em que a cultura se identifica com o saber, com o erudito e, até mesmo, com refinamento – e aí se contrapõe à incultura, à ignorância, à rudeza. A cultura consiste num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve. (MACEDO, 1979, p. 35)

A própria sociedade, de acordo com Peter Berger (1985), seria uma maneira que os seres humanos têm de se organizar culturalmente, sendo portanto resultado da cultura e condição necessária dela. Cada grupo social vai se organizar de acordo com as condições

físicas e culturais em que está inserido, já que “as formas da sociedade são a substância da cultura” (GEERTZ, 1989, p. 38-39), produzindo formas de sociabilidade diferentes. Viver coletivamente é condição necessária para o ser humano e requer a criação de códigos e significações para a troca de informações. A existência humana, acompanhada de todas as formas de representações simbólicas que ela constrói, se dá a partir da convivência e do compartilhamento destes símbolos. “(...) nos sistemas de significação cada parte contém a totalidade de onde provém: em cada mensagem individual, a totalidade do código está embutida, pois esta é uma condição necessária à sua formulação e ao seu deciframento” (RODRIGUES, 1989, p. 116).

Os mitos, os ritos e as práticas têm sentido para um sujeito apenas se eles são significados também por outras pessoas. Segundo Geertz (1989, p. 20-21), a cultura é pública porque esses significados também o são, “embora uma ideiação, não existe na cabeça de alguém; embora não-física, não é uma identidade oculta”. É a partir da transmissão e desenvolvimento desse conjunto de significados que a cultura se constrói constantemente, por isso a compreendo enquanto um processo e nunca como algo estático ou pronto. A comunicação, em suas diversas modalidades, se coloca enquanto parte integrante deste complexo sistema social, elemento indispensável para a criação de um mundo humano,

pois não é possível imaginar sociedade sem comunicação, sistema social em que os membros não estejam em contato dinâmico. Os chamados 'processos sociais básicos' – cooperação, competição, conflito, imitação, associação etc. - são fundamentalmente processos comunicacionais. (RODRIGUES, 1989, p. 29-30)

É justamente a possibilidade de comunicar-se que diferencia o ser humano, pois “não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”, através do qual “toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um interminável processo de acumulação” (LARAIA, 2001, p. 52). É essa capacidade de aprender e ensinar que possibilita o acúmulo de experiências e conhecimentos que vão transformando a cultura em um processo histórico cada vez mais complexo. O processo de aprendizado, que se dá por meio da comunicação, determina a maneira como os grupos sociais definem seus sistemas simbólicos, mesmo para aqueles que servem para funções vitais do ser humano. Assim, comunicar é dar continuidade à cultura, ao mesmo tempo em que é um processo dela, já que a comunicação se apresenta de formas diversas em grupos sociais e tempos históricos distintos.

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um

herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (opus cit, p. 45)

Ao mesmo tempo em que deve haver um consenso sobre as linguagens e suportes utilizados para que seja possível a decodificação da mensagem, Rodrigues nos lembra que só existe a troca da informação na diferença porque algo que já exista no outro não precisa ser transmitida a ele. “Qualquer mensagem é uma dialética de semelhança e diferença e, enquanto sistemas de trocas de mensagem, as sociedades não podem ser diferentes” (1989, p. 168).

Tais processos comunicacionais precisam ser aprendidos e significados pelos membros da sociedade a que eles pertencem, já que são parte de um complexo sistema de símbolos e interpretações. Justamente pela variedade de comunidades existentes em uma determinada sociedade, ainda que alguns elementos da cultura sejam comuns a todos, seus processos de significação podem não ser os mesmos. Os símbolos, como lembra Rodrigues (ibidem, p. 31), “dependem de convenções estabelecidas *entre* os indivíduos que constituem o grupo” e elas não são construídas de forma consensual, mas também através da luta de forças entre grupos sociais. Compreender esta capacidade de contestação e de provocar mudanças é entender que, ainda que a cultura pareça ser algo dado e seja objetivada, ela não é imutável e está sujeita às reinterpretações que os sujeitos são capazes de elaborar.

... em um sistema social altamente complexo, sempre existem fontes de desordem, derivadas do descompasso entre o comportamento dos indivíduos que o formam, pois estes são comparativamente muito mais autônomos que os que compõem sistemas de complexidade menor; além disso, os sistemas sociais complexos são obrigados a conviver com fontes de desorganização advindas da própria complexidade social. Diante dessas fontes de desordem, para não perecer diante delas, é necessário ao sistema social reabsorver os antagonismos organizacionais, incorporando-os à sua própria sistematicidade. Impõe-se, então, que a sociedade esteja em organização permanente, renascendo sem cessar, autoproduzindo-se continuamente, pelo próprio fato de incessantemente dissolver-se. Somente o símbolo possuiria a plasticidade necessária para acompanhar esta dinâmica. (opus cit, p. 56)

A cultura é, ao mesmo tempo, aquilo que assemelha e que diferencia os grupos humanos, sendo tão variada quanto a multiplicidade de grupos sociais e seus momentos históricos. “(...) nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura” (GEERTZ, 1989, p. 61). Características comuns dos seres

humanos como falar, comer, reproduzir, proteger-se a si e ao outro etc., adquirem formas diferentes em cada grupo social. São essas diferenças que fazem com que o homem seja visto enquanto um ser cultural.

Não existe rigorosamente *A* Cultura, que é apenas um conceito totalizador, um artifício de raciocínio; mas miríades de culturas, correspondentes à multiplicidade dos grupos humanos e a seus momentos históricos. *A* Cultura é uma abstração, um artefato de pensamento por meio do qual se faz economia da extraordinária diversidade que os homens apresentam entre si e com o auxílio do qual se organiza o que os homens têm de semelhante. (RODRIGUES, 1989, p. 132).

A integração a um mesmo quadro de significações se dá por meio da socialização, que é construída no cotidiano dos sujeitos, nas suas relações diárias com o Outro e com as instituições sociais existentes. Ainda que esta sociabilidade possa ser mediada e midiada por diversos tipos de tecnologias existentes hoje, o estar-junto ainda é sua condição de efetivação, já que essas redes de comunicação são formadas entre semelhantes em um processo de identificação com o contexto em que se apresenta.

... na medida em que são sistemas de codificação, cada cultura equipa os homens como uma lente específica, através da qual transparecerá um mundo particular. Ser Homem é viver em *um* desses mundos específicos: é vivenciar a capacidade humana de diferir. [...] característica das culturas, tomadas como linguagens, de fragmentar a experiência do mundo de acordo com as fragmentações dos sistemas de significação que os constituem: como os códigos destas linguagens são aprendidos durante os processos de socialização, não há percepções ou conhecimentos automáticos e naturais. (opus cit, p. 143).

Essa inserção em um determinado modo de ver e viver o mundo requer que os sujeitos reconheçam ao mesmo tempo o que os assemelha e o que os diferencia de outras pessoas. Nesse sentido, a identidade é compreendida a partir da alteridade, enquanto um produto instável desses encontros com os Outros, nos quais os diferentes sistemas culturais se colocam em constante negociação. A ligação de sujeitos semelhantes também se dá em suas diferenças. A singularidade dos sujeitos existe porque eles não são passivos no processo de interiorização de significações e é esta capacidade de ser diferente que caracteriza a cultura humana. É por isso que “as individualidades 'singulares' não se opõem às sociedades, assim como estas não se opõem à humanidade” (opus cit, p. 192-193).

Logo, abordar a cultura a partir de ações concretas dos sujeitos em contextos específicos não impede a compreensão de sua inserção em sistemas econômicos, políticos e sociais mais amplos. “(...) querer articular o conceito de 'cultura' com as diferenças concretas

vividas nas inúmeras e sempre mutáveis circunstâncias particulares é um contra-senso” (opus cit, p. 170-171). Por isso, é a partir, justamente, da visão dialógica das relações entre os sistemas culturais e os sujeitos que é possível compreender a formação das sociedades, com suas transformações, seus conflitos e variações.

A estrutura social envolve o desempenho de papéis e proporciona o contexto para a ação. A organização social equivale à atividade ordenada, que inclui tanto os papéis sociais quanto as atividades decisivas mais espontâneas que não seguem simplesmente o desempenho de papéis. (FELDMAN-BIANCO, 1987, p. 21-22)

Essas atividades espontâneas são chamadas por Michel de Certeau (1994) de táticas<sup>3</sup> que o homem comum, o povo, desenvolve a partir de uma estrutura maior na qual está inserido para possibilitar sua existência dentro de um sistema que não valoriza suas formas de ser e viver. A necessidade que alguns grupos têm de fazer das suas interpretações a única interpretação existente, ou mesmo a mais verdadeira, reforça ainda mais a existência de outros modos de significar a vida, bem como a capacidade do ser humano de se diferenciar do Outro. O problema surge quando estes grupos tentam elevar a sua cultura à própria definição do que é ser humano, submetendo todos aqueles que não se enquadram em seus padrões a diferentes tipos de violência.

(...) a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários. (opus cit, p. 44-45)

A complexidade de organização das sociedades contemporâneas nos mostra como contextos culturais diferentes convivem entre si, se comunicam e se influenciam, processo esse que não está livre de tensões. É por isso que acredita-se, ainda hoje, ser pertinente a utilização da noção de cultura popular.

## 1.2 Cultura Popular

As décadas de 1970 e 1980 tiveram grande importância no debate teórico sobre cultura popular no Brasil porque mudaram sua perspectiva de análise para uma interpretação mais positiva. Se antes ela era vista, principalmente, enquanto arcaica ou alienada, em seguida se

---

<sup>3</sup> As táticas são contrapostas às estratégias como lógicas de ação diferentes. Enquanto estas “escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição”, as táticas se manifestam em contextos específicos da vida cotidiana modificando os sistemas estabelecidos – mas não sendo determinados por eles –, combinando elementos heterogêneos que se apresentam disponíveis no momento dessas práticas (CERTEAU, 1994, p. 47).

caracteriza por uma busca dos “aspectos políticos positivos de sua espontaneidade, autenticidade e comunitarismo” (SCHERER-WARREN, 1993, p. 17). Nesta época esses estudos dão uma maior atenção à presença de grupos populares, principalmente migrantes, no espaço urbano quando se consolidava no país a formação de uma sociedade industrial. Para Scherer-Warren,

A categoria de sujeito popular, para uns, e de ator social, para outros, passa a substituir a categoria de classe social, bem como a de movimento popular e/ou de movimento social substitui a de luta de classe, significando que, em lugar de tomada revolucionária do poder poder-se-ia pensar em transformações culturais e políticas substantivas a partir da cotidianidade dos atores envolvidos. (ibidem, p. 17-18)

Autores não só das ciências sociais, mas também da comunicação, se dedicaram a estudar e pesquisar manifestações da “classe popular” – o povo, como também será utilizado nessa dissertação –, entendida como, por exemplo, as “gentes [...] que habitam as comunidades indígenas ou rurais e vivem nas periferias proletárias” (BRANDÃO, 1985, p. 11). Para Borda (1980, p. 43), tal expressão compreende “as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas”.

Dentre os argumentos que criticavam então este enfoque (questionado por muitos se não se trataria de um modismo acadêmico) está o de que a categoria *popular* “não é um termo nativo”, além de ser “uma expressão própria à fala dos intelectuais”, no entanto, segundo Fernandes (1984, p. 3-4), seria falacioso concluir que devido a isso a expressão “não possa ser encontrável, ou traduzível, no discurso corrente entre as classes populares”, que conseguem (e o fazem) demarcar as diferenças em seus modos de vida com relação a outros grupos sociais<sup>4</sup>. E é justamente porque estes grupos sociais não fazem parte da sociedade da mesma maneira que outros, o que inclui também aspectos sociais, políticos e de direitos, que se pode pensar na validade da categoria *popular*.

Além disso, ao compreender a cultura popular no contexto urbano a partir da produção de um grupo social específico, os trabalhadores, há que se considerar, como lembra José de Souza Martins, que o mundo do trabalho brasileiro tem particularidades e a realidade social dos trabalhadores daqui tem “peculiaridades antropológicas” (2012, p. 116). Tais peculiaridades se devem à realidade do Brasil, “um país agrário e oligárquico, em que a

---

<sup>4</sup> Virgínia demarca sua posição social quando diz: “antigamente rico tinha muita coisa na sala né” e “a Santa Casa não atende pobre mais, nenhum, qualquer um, eles não atende”. Adão se diferencia de mim a partir da minha profissão: “... foi essa vez que eu conversei com gente assim do seu porte...”. E Suyan e Lê se referem a eles enquanto gente do morro. (Depoimentos concedidos durante pesquisa de campo e entrevista à autora nos anos de 2012 e 2013).

indústria só muito recentemente deixou de ser uma atividade econômica marginal” (opus cit, p. 115), distanciando assim a classe trabalhadora brasileira de uma “classe operária mítica”, a qual, segundo o autor, muitos historiadores se dedicam, mas que “entrou em crise com a crise profunda do socialismo de Estado e o fim do comunismo oficial” (opus cit, 116).

É importante ressaltar que o trabalhador urbano brasileiro ainda carrega fortes marcas do mundo rural que acompanhou e vem acompanhando os migrantes camponeses nos períodos de ocupação das cidades do país<sup>5</sup>. Isso se mostra ainda mais claro em cidades de pequeno e médio porte, como é o caso de Juiz de Fora<sup>6</sup>. Além disso, o “fascínio” desses grupos de migrantes pela cidade se deve muito mais a “experiências prévias de miséria” causadas pela desintegração das sociedades rurais brasileiras do que propriamente numa valorização desse modo de vida urbano (WEFFORT, 1979, p. 22).

Devido a isso, é possível compreender como as tradições, crenças e características de um modo de vida rural conseguem persistir ainda hoje nas cidades brasileiras, reforçando assim a noção de que “a sociedade atual não é constituída de uma temporalidade única” porque “se desenvolve em ritmos desiguais”. Logo, essas vivências são “desencontradas porque situadas diferencialmente no percurso da História” (MARTINS, 2012, p. 149). É o que Pierre Sanchis (1997) chama, no que se refere à cultura brasileira, de um sincretismo sincrônico, no qual as três fases da modernidade no contexto ocidental se superpõem.

Falar em cultura popular é referir-se a grupos de sujeitos que vivem uma das temporalidades existentes dentro de uma sociedade, temporalidade esta que só é possível identificar nas ações, gestos e sentimentos vividos no cotidiano dessas pessoas porque “os tempos históricos estão mesclados e confundidos no dia a dia, como estão confundidos e invertidos os estilos cognitivos dos diferentes mundos que demarcam a nossa vida social” (MARTINS, 2012, p. 41).

A festa, como é o caso da Folia de Reis, bem como outros elementos de seu cotidiano, se apresenta enquanto uma forma de assegurar seu modo de vida e, por não se enquadrarem nos padrões estipulados pelos grupos hegemônicos, são muitas vezes desvalorizados por eles. Excluídos de um estilo de vida urbano que seja realmente beneficiado por condições de vida

---

5 Para Gramsci (1991), o alto número de latifúndios em países da América do Sul faz com que muitos de seus intelectuais sejam também de tipo rural, ligados aos grandes proprietários.

6 Os integrantes dos grupos de Folias de Reis da cidade, por exemplo, compõem, em sua maioria, a primeira ou segunda geração de suas famílias que nasceram na cidade, mostrando uma proximidade com um estilo de vida rural de seus pais ou avós. Alguns deles se conheceram, inclusive, devido à criação de cavalos em bairros da Zona Sul da cidade. Ainda hoje Bel cria uma égua em sua casa e Adão faz planos para comprar um novo cavalo, além de terem uma criação de galinhas no quintal.

mais satisfatórias, estes grupos sociais encontram e preservam as formas de comunicar seu próprio saber, sua maneira de viver e compreender o mundo.

A cultura hegemônica será identificada aqui com a cultura de elite, ficando de fora desta pesquisa a noção de cultura de massas. Primeiramente por não se acreditar na existência de uma categoria “amorfa e compacta” (TURINO, 2009, p. 201-202) e também porque, como lembra Chauí (1979), a indústria cultural é a própria realização do exercício de hegemonia da cultura de elite que a utiliza para consolidar um “consenso espontâneo” existente acerca de seu prestígio (e logo, autoridade) resultante “de sua posição e de sua função no mundo da produção”, ou mesmo, para reforçar os aparatos de coerção do Estado que asseguram “'legalmente' a disciplina dos grupos que não 'consentem'” em momentos “nos quais fracassa o consenso espontâneo” (GRAMSCI, 1991, p. 10-11).

Já a cultura popular será trabalhada nesta dissertação não a partir de uma visão fragmentária da cultura ou de uma dicotomia entre cultura popular e cultura de elite. Essa diferenciação pode ser feita, portanto, entendendo-se que a cultura é vivida de forma diferenciada pelos sujeitos sociais e na qual a questão de classe vai perpassar, mas não necessariamente determinar, já que “apesar de referida à dinâmica da reprodução de um sistema de classes, há fatores históricos, regionais, demográficas e naturais que interferem e contribuem para a diferenciação cultural” (MACEDO, 1979, p. 35).

Assim, suas características e percepções serão construídas “conforme as condições de vivência e sofrença” (IANNI, 1992, p. 146) e de forma dialógica a cultura do povo e da elite vão se influenciar reciprocamente por meio de tensões e alternâncias de complementaridade e antagonismo, conformismo e resistência (CHAUÍ, 1986; GINZBURG, 1987; MENEZES, 2003).

Aos sistemas de saber e práticas pré-capitalistas; de organização de modos camponeses de vida e reprodução da vida; de transmissão do conhecimento rústico; de serviços sociais de cura; de criação artística em todas as suas expressões e de recursos populares do lazer, são progressivamente incorporados equivalentes eruditos, como se fossem extensões setorializadas da ordem e dos símbolos do capital, até que todos os espaços de existência e troca entre os homens acabam por perder o todo ou parte de seus sentidos primitivos e ser incorporados a essa mesma ordem invasora e dominante (BRANDÃO, 2007, p. 217).

Segundo Certeau (1994, p. 42), a cultura popular tem “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir”. Assim, é a partir dessas ações cotidianas, as quais possuem “sua formalidade e sua inventividade próprias” (opus cit, p. 47), que se pode compreender

suas reflexões acerca do mundo porque “sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a 'ocasião’” (opus cit, p. 93).

Os elementos que caracterizam sua cultura não são reforçados pelo povo apenas enquanto resistência a um modelo social hegemônico, já que “ninguna condición social, por más desgraciada o dependiente que sea, puede impedir completamente el trabajo de organización simbólica” (GRIGNON; PASSERON, 1989, p. 18). Ainda que em constante interação com este, a cultura popular não se restringe à ideia de resistência cultural, conseguindo manter autonomia em sua criação simbólica.

Es, en todo caso, un contrasentido teórico cuando pretende encontrar en la inversión el nervio de toda creación popular, en la denegación la forma de toda alteridad. Las culturas populares no están evidentemente detenidas en un alerta perpetuo ante la legitimidad cultural, pero tampoco hay que suponerlas movilizadas día y noche y en un alerta contestatario. También descansan. (opus cit, p. 75).

Para os autores, é justamente este momento de descanso que garante ao povo uma produção cultural menos marcada pelas influências das elites. Mais que conhecer as relações de força entre estes grupos sociais, é preciso compreender como se dá a produção simbólica de um e de outro também fora dessa questão.

Siempre es posible (...) partir de un balance cultural fundado sobre la idea de una autonomía previa para llegar luego a interpretar todos los cambios de sentido y de equilibrio, los aportes y las amputaciones, las alteraciones y las re-interpretaciones que produce la instauración de la relación desigual. (opus cit, p. 17)

No entanto, por não estar isolada de um contexto cultural mais amplo no qual o intercâmbio simbólico com as elites é desigual, a cultura popular consegue também produzir-se enquanto uma forma de contestação a estas estruturas sociais ressignificando padrões de vida que lhe são impostos cotidianamente através da indústria cultural, por exemplo. Há assim a “reelaboração de um *saber imposto* como um *saber conquistado*, *sistêmico* sob uma outra lógica e capaz de refletir, simbolicamente, a posição e a experiência dos subalternos” (BRANDÃO, 2007, p. 382-383). Muitas vezes essa adaptação é encarada pelas elites como distorção ou má compreensão de seus símbolos, enquadrando o povo dentro de uma percepção preconceituosa de ignorância. No entanto, o que fazem os grupos populares é uma seleção daquilo que é compatível ou não com o seu universo simbólico.

Os modos de viver do povo e seus símbolos se misturam àqueles das elites que são ressignificados em seu novo contexto nos embates travados seja pela sobrevivência, seja pela

autonomia. Para Ecléa Bosi (1979, p. 27), na cultura popular, “são dois grupos que se defrontam: - um, cujas realizações culturais *significam* socialmente; - outro, cujas realizações assumem significação quando postas em oposição à cultura dominante”.

Busca-se assim o equilíbrio na interpretação entre estas duas lógicas características da cultura popular, que não é uma alternativa à cultura hegemônica. A primeira é uma mistura heterogênea, na qual convivem as influências da segunda, bem como dos “detritos de cultura de civilizações precedentes, ao mesmo tempo que sugestões provenientes da condição da classe oprimida” (GRUPPI, 1978, p. 91). Da mesma forma, os grupos hegemônicos modificam e alteram continuamente suas ações – influenciados pelas culturas populares –, remanejando suas experiências, ideias, crenças e valores, podendo até mesmo entrar em crise (CHAUÍ, 2006). Assim, a cultura desses dois grupos sociais não se superpõem, mas se relacionam ainda que de forma desigual.

Do erudito para o popular, o saber se transmite através de diferentes aparelhos de inculcação [...] e aparece como reprodução derivada da filosofia das classes dominantes. Do popular para o erudito há um trabalho de reelaboração simbólica e (...) nunca de simples reprodução de símbolos e significados iguais, pela boca de sujeitos diferentes. (BRANDÃO, 2007, p. 382)

Segundo Chauí (2006, p. 20), “na perspectiva gramsciana, o popular na cultura significa, portanto, a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis”, sendo portanto “uma concepção de mundo particular das classes subalternas” (ORTIZ, 1980, p. 46-47) que se interagem cotidianamente com a cultura hegemônica. Hegemonia entendida aqui, a partir da perspectiva de Gramsci, “como algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer” (GRUPPI, 1978, p. 3).

O objetivo não é dizer que existem apenas duas culturas – pois, no limite, a cultura de uma sociedade é uma cultura perpassada de contradições de diferentes formas de manifestações, mais ou menos conflituosas –, mas facilitar as perspectivas de análise no que se refere à cultura de determinados grupos sociais.

Reconhece-se aqui a diversidade de manifestações culturais existentes nos grupos da elite e do povo, mas o contexto de vida desses sujeitos faz com que elementos comuns sejam percebidos dentro dos grupos acima delimitados e é nas regularidades que o pensamento teórico é construído, já que como lembra Rodrigues (1989, p. 171) “não há ciência daquilo

que ocorre apenas uma vez”. Mas ao mesmo tempo, deve-se compreender que a cultura popular não é fixa nem imutável e que, portanto, acompanha as mudanças sociais, políticas e culturais da sociedade.

### **1.2.1 Cultura popular: algumas características**

Ao se investigar a comunicação e a cultura a partir da Folia de Reis em bairros populares de Juiz de Fora, por isso o próximo capítulo se dedicará à discussão sobre festa, propõe-se aqui uma revisão de algumas características da cultura popular, tendo como eixo norteador a obra de Bakhtin “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais”, de 1941. Assim, será possível analisar, em um diálogo com outros autores, de que forma elementos da cultura popular como o caráter festivo, sua concepção estética da vida, o riso e a comicidade, sua linguagem e oralidade se conformam no contexto urbano contemporâneo.

Pesquisar a cultura popular em alguns bairros de Juiz de Fora é buscar compreender a maneira como seus sujeitos sociais vivem, bem como aquilo que eles pensam e acreditam. E a festa é um dos caminhos que pode ser percorrido para tal objetivo, já que ela é uma das formas de materializar sua concepção de mundo, onde estão presentes características como universalidade, liberdade, igualdade, abundância e tempo cíclico. “Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação” (BAKHTIN, 1999, p. 6).

Além disso, essas festas produzidas pelo povo têm uma diferença de princípio, uma visão de mundo diferente, em relação àquelas produzidas pela Igreja, pelo Estado e pelas empresas de entretenimento, principalmente pelo caráter cômico existente nelas, que conseguem estabelecer um equilíbrio entre o sagrado e o profano. Assim, as formas cômicas, que antes da consolidação de um sistema de classes e da presença do Estado eram tidas como igualmente sagradas, foram se transformando, se tornando mais heterogêneas e se aprofundando até se consolidarem em formas de expressão da cultura popular, em que o sagrado e o profano caminham juntos (opus cit).

A concepção estética da vida e a linguagem que lhe são próprias estão diretamente ligadas a esse lado profano das festas populares, onde o exagero, o grotesco e os “palavrões” vão se juntar em um corpo coletivo que une o cósmico, o social e o corporal (opus cit) por meio de máscaras e fantasias cheias de adornos, com chifres e bocas grandes, bem como versos relacionados à fé misturados a outros que falam da vida cotidiana, que permitem

brincadeiras e jogos de palavras. Isso porque, segundo Bakhtin (*ibidem*, p. 23), “o corpo grotesco não está separado do resto do mundo, não está isolado, acabado nem perfeito, mas ultrapassa-se a si mesmo, franqueia seus próprios limites”.

Além disso, por não ser estático, o grotesco e seu constante inacabamento permitem que a tensão entre o novo e o velho seja dialógica e não excludente. A criação se dá a partir do que já existe, sem que nenhum dos dois elementos seja anulado. Esse “inacabamento perpétuo da existência” se mostra na necessidade de criar e preservar ao mesmo tempo, numa circularidade própria da cultura popular. É “ao mesmo tempo o que parte e o que está chegando, o que morre e o que nasce” (*opus cit*, p. 45-46). A tradição e a modernidade não são postas, portanto, em uma oposição temporal ou conflituosa, mas sim em uma relação de influências mútuas que acompanham e constituem os movimentos da sociedade e da cultura<sup>7</sup>.

Fora dos limites da festa, esse inacabamento se encontra também na relativização de certos valores morais tão presentes na sociedade contemporânea, que Bakhtin (*ibidem*) chama de estabilidade e completude dos costumes. O roubo, o uso de drogas, as brigas de bairro e até mesmo a morte são encarados a partir de uma naturalização de tais acontecimentos já que fazem parte do cotidiano desses sujeitos. A superioridade à qual, segundo Bakhtin, a cultura popular se opõe é compreendida na contemporaneidade pelo não reconhecimento das estruturas legais do Estado, como as leis e a polícia<sup>8</sup>.

Sua forma de questionar esse sistema vigente não precisa ser necessariamente a capacidade de articulação política ou uma ação direta de reivindicação nas estruturas do Estado. “Um erro muito difundido consiste em pensar que toda camada social elabora sua consciência e sua cultura do mesmo modo, com os mesmos métodos, isto é, com os métodos dos intelectuais profissionais” (GRAMSCI, 1991, p. 173-174). Tais atitudes não atrapalham a festa porque esta não está separada da vida de seus sujeitos e o “corpo imperfeito” do grotesco bakhtiniano pode ser analisado hoje enquanto esse corpo que não se enquadra nos modelos e estruturas sociais vigentes, que excluem determinados grupos sociais.<sup>9</sup>

---

7 Bel fala sobre a criação de novas toadas para a Folia, tendo como referência aquelas cantadas na época de seu pai: “Aí eu vou misturar as novas com as mais antigas. Aí vai dar uma mistura boa, pesada”. Marley complementa: “Tem que inventar, mas dentro do padrão da Folia de Reis né, entendeu.” (Depoimentos concedidos em entrevista à autora em 2013).

8 Segundo Adão, a pior coisa que pode acontecer em uma situação de conflito dentro do bairro é ter que chamar a polícia.

9 O envolvimento com a venda de drogas, por exemplo, não é visto por Marley como um problema: “essas questão do dia a dia da pessoa em si, sem ser esse negócio de briga, não prejudica a folia em nada não, entendeu. Prejudica não”. Da mesma forma, André não recusa um componente em seu grupo apenas porque ele usa drogas: “ah, a minha folia tem uma pessoa que ele usa uma coisa ilícita, uma droga. Eu não posso dizer que ele tem que ficar 12 dias sem usar isso porque eu tô sendo hipócrita e eu também não vou deixar de ter um componente

A falta de julgamento moral em relação ao Outro tem como base também a recusa desse corpo popular de se enquadrar a padrões que não são seus. Na concepção de mundo das classes populares, o meu corpo não está isolado dos demais e, por isso, ganha sentido aquilo que se expressa na realidade concreta de seus sujeitos. A experiência vivida corporalmente ganha destaque em relação a outras formas de representação e expressão, ainda que não deixe de dialogar com elas. Há assim “a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato” (BAKHTIN, 1999, p. 17).

Percebe-se que não há aqui uma contraposição entre o material e o ideal, mas a necessidade de trazer essas significações da vida para um espaço que possa ser compartilhado com os demais sujeitos, destacando o caráter público e universal não só da festa, mas do próprio cotidiano onde o subjetivo e o privado estão sempre em uma relação direta com a comunidade.

A relativização de valores morais que estão presentes em uma concepção de vida hegemônica se torna uma forma de resistência e rebeldia desses sujeitos que se colocam enquanto parte de ações e realidades condenadas por uma elite. Reconhecer-se nesse corpo grotesco é o que diferencia as classes populares na sua concepção de mundo da mesma forma que o grotesco carnavalesco bakhtiniano

ajuda a liberar-se do ponto de vista dominante sobre o mundo, de todas as convenções e de elementos banais e habituais, comumente admitidos; permite olhar o universo com novos olhos, compreender até que ponto é relativo tudo o que existe, e portanto permite compreender a possibilidade de uma ordem totalmente diferente do mundo. (opus cit, p. 30).

Este caráter público e universal no qual o corpo grotesco se encontra contribui com a percepção de pertencer a um grupo, a uma comunidade, a uma coletividade, o que faz esse corpo ser eterno, na sua “imortalidade terrestre histórica” e “renovação-crescimento incessantes” (opus cit, p. 218). A festa e o cotidiano desses sujeitos representam “*o drama da imortalidade e da indestrutibilidade do povo*. Nesse universo, a sensação da imortalidade do povo associa-se à de *relatividade do poder existente e da verdade dominante*” (opus cit, p. 223).<sup>10</sup> Poder e verdade que são questionados cotidianamente através das táticas do homem

---

porque o cara na vida dele, no cotidiano dele, ele usa sua maconha ou sua cocaína que não é um problema da Folia de Reis”. (Depoimentos concedidos em entrevista à autora em 2013).

10 A violência é um exemplo prático da permanência desse corpo popular. Marley, ao falar sobre as brigas de bairro em Juiz de Fora, diz que isso não vai acabar: “Já morreu um monte, já nasceu um monte...” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013). Discurso semelhante pode ser encontrado no documentário *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas* (dir. Marcelo Luna e Paulo Caldas, 2000), que retrata a violência na

comum.

Pertencer a esse corpo coletivo não apaga o estilo individual de cada um de seus sujeitos. A criação popular se apresenta enquanto coletiva, ainda que atravessada por essas individualidades que a constituem, já que “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais” (CERTEAU, 1994, p. 38). A partir de uma estrutura consolidada pela tradição, cada um dos sujeitos que participa da festa interfere com sua criação, inclusive o público que estimula ou não a sobrevivência das novidades apresentadas (BURKE, 2010). Assim, a festa é sempre vivida pelos seus sujeitos e não assistida como um espetáculo. Cada um contribui nessa construção a partir de suas funções dentro das regras existentes em cada grupo social, regras estas que não são necessariamente excludentes.

Além disso, esses sujeitos compartilham de um universo comum, a festa, que no caso de Juiz de Fora se soma a outro vínculo importante, o bairro. A convivência durante o período festivo se estende a outros momentos de diversão, de conflitos e até mesmo de trabalho<sup>11</sup>. “Pela prática constante desses encontros coletivos se solidifica um grupo de fé comum que, rezando junto, também trabalha e se diverte coletivamente” (GOMES; PEREIRA, 1995, p. 23). O grupo então formado compartilha de uma mesma visão de mundo na qual as “posições individualizadas são compreendidas no contexto amplo da comunidade” (opus cit, p. 229). Núbia Gomes e Edimilson Pereira vão utilizar o conceito de “homem pessoalizado” para caracterizar esse sujeito.

Homem pessoalizado são os parentes, os vizinhos, aqueles que compõem a rede de amizades no trabalho e nos festejos, aqueles que se falam mais de perto na experimentação afetiva. O homem pessoalizado se insere no cotidiano da História e nas histórias do cotidiano. O homem pessoalizado é identificado pelo seu caráter solidário. (opus cit, p. 228-229).

A comunidade fortalece os núcleos políticos, sociais ou culturais do bairro ao mesmo tempo em que é fortalecida por eles, contribuindo com os processos de identificação dos sujeitos, bem como de pertencimento a um grupo. Grupo este que não é homogêneo, fazendo com que os sujeitos equilibrem suas vontades individuais com as coletivas, já que eles precisam lidar com a diferença do Outro diariamente, seja no ônibus, no mercado, na igreja ou na rua. Segundo Tacussel (2004, p. 107), são as festas e outros rituais simbólicos que

periferia de Recife. Dois personagens dizem: “Olha, se a gente morrer nasce outro, o problema é esse, nunca se acaba. A mesma coisa é você, você mata uma alma sebosa, amanhã tem dois, três no mesmo lugar. Nunca vence, sempre tem.”

<sup>11</sup> Muitos integrantes das folias trabalham ou trabalharam juntos. Adão, Bel e Washington, por exemplo, têm como chefe Geraldo, todos pertencentes à mesma folia.

contribuem com a manutenção de uma comunidade, “sempre ameaçada de dispersão ou destruição”.

No contexto contemporâneo das cidades brasileiras em que as características da “segregação espacial urbana (...) não favorecem condutas coletivas de interação extra-econômica” (SHERER-WARREN, 1993, p. 112-113), o caráter comunitário se reforça no ambiente dos bairros populares tradicionais. Estes se apresentam enquanto a concretização de um modelo de cidade mais integrador e menos excludente nos quais elementos como “flexibilidade, intercomunicação horizontal e redes” (opus cit, p. 8), que tanto inspiram os movimentos sociais, se colocam presentes. Fazer parte desse grupo social significa ter acesso à “comunicação, articulação, intercâmbio e solidariedade”. Ao mesmo tempo a vida no bairro também tem como características “a tagarelice e a curiosidade” que “alimentam a motivação das relações de vizinhança” e “tentam abolir sem cessar a estranheza contida no bairro” (MAYOL, 2011, p. 50-51).<sup>12</sup>

As relações comunitárias do bairro se efetivam a partir de um contrato social implícito inscrito numa tradição oral que é compartilhada por meio da aprendizagem proporcionada pela vivência e convivência dos sujeitos. Segundo Ginzburg (1987), a oralidade é uma das principais características da cultura popular, tem papel importante na transmissão e renovação desse modo de ver e viver o mundo. Apesar de colocá-la aqui enquanto elemento da cultura popular, Certeau e Giard nos lembram que a oralidade é uma das funções da própria sociabilidade humana, se tratando então de nossa cultura urbana e moderna, ainda que faça parte dos elementos “tidos como ilegítimos ou negligenciáveis pelo discurso acadêmico da modernidade” (2011, p. 335-336), que privilegiou a escrita e o conhecimento produzido por ela.

A aprendizagem tem também como grande ferramenta a oralidade, em que os saberes e costumes são transmitidos nos próprios atos da vida cotidiana em que não é necessário separar um momento específico para o ato de ensinar. A conversação se torna então o espaço em que sujeitos se encontram em um mesmo patamar de troca de conhecimentos a partir de um repertório que lhes é próprio.

uma informação nova só é recebida e assimilada, isto é, só se torna

---

12 Estas características também estão presentes na Folia de Reis de Juiz de Fora já que esta se apresenta enquanto um espaço de prática coletiva. “Folia de Reis corre boato, você já viu” (Adão). “Aqui nego quer fazer fofoca (...) toda vez rola fofoca pra caramba com esse negócio de Folia de Reis (...) Folia é uma coisa que tem uma vez no ano só, dá fofoca pro ano inteiro, véi. O ano inteiro de fofoca, ainda mais se você falar um verso pra uma pessoa, pra você agradar ela legal mesmo ou então você falar e ela não gostar, rende fofoca o ano inteiro, o ano inteiro” (Marley). (Depoimentos concedidos em entrevista à autora em 2013).

apropriável e memorizável se quem a adquire conseguir configurá-la *à sua maneira*, assumi-la por sua conta inserindo-a em sua conversação, em sua língua habitual e nas coerências que estruturam seu saber anterior (opus cit, p. 337-338).

Além disso, o enunciado é sempre complementado pela presença física e toda sua linguagem corporal. Aprende-se não só com o falar, mas também com o fazer, elementos que se complementam no ato de ensinar e aprender. Aqui, “o gesto e a palavra caminham juntos” (CLAVAL, 1999, p. 392) e os sujeitos vão ressignificando esses momentos de conversação de acordo com o seu saber anterior configurando assim uma rede de significados tão complexa quanto os próprios momentos de aprendizagem. “Eles aprendem ouvindo os mais velhos e tentando imitá-los, e o que eles aprendem não são textos acabados, mas um vocabulário de fórmulas e motivos e as regras para a sua combinação, como uma espécie de 'gramática poética’” (BURKE, 2010, p. 195-196).

A oralidade, portanto, está sempre dialogando com outras formas de expressão como o visual, o corporal, o eletrônico e o digital. Nas tensões e nas aproximações com esses outros meios comunicacionais é que a oralidade vai se consolidando na transmissão de lógicas de pensamento, bem como de práticas sociais. “(...) a oralidade exige o reconhecimento de seus direitos, pois começamos a descobrir mais nitidamente o papel fundador do oral na relação com o outro” (CERTEAU; GIARD, 2011, p. 336). Cada sujeito integrante dessa rede reinterpreta e retransmite a mensagem a partir de seu contexto que é ao mesmo tempo individual e coletivo. E essa tradição se constitui para a cultura popular também como um desafio de resistência (FERREIRA, 1995).

O oral tem como característica fundamental o instante em que acontece, que é vivenciado. É nessa constante atualização do tempo, em que “a apreensão dos eventos ocorre no momento presente, ainda que tenham se desenvolvido no passado ou que venham a se desenrolar no futuro” (GOMES; PEREIRA, 2002, p. 52), que o novo é criado tendo como base a experiência atual e como referência as opiniões construídas em fatos passados.

Isso não quer dizer que a oralidade esteja sempre relacionada com a instabilidade da mensagem, em sua oposição a uma suposta estabilidade da escrita. A continuidade dos enunciados orais pode ser alcançada, por exemplo, quando inserida em um contexto comunitário forte. A rede de relações familiares e de vizinhança contribui para a transmissão e consolidação de discursos em um determinado contexto social. Além disso, as novas mídias como os gravadores de voz e o vídeo se configuram como importantes aliados da oralidade no

mundo contemporâneo.

## 2- CULTURA POPULAR: AS FESTAS

Dentre as várias formas de manifestação da cultura popular, a festa se apresenta enquanto um rico espaço para análise devido à sua história e à sua forte presença na vida dos grupos sociais aqui estudados, além de reunir em um mesmo contexto diversos elementos da cultura popular. A Folia de Reis é apenas uma dessas festas existentes no Brasil e será analisada aqui a partir dos contextos de sua origem e de sua inserção no país. Com isso, será possível compreender como ela se apresenta também enquanto importante elemento da cultura de Juiz de Fora.

### 2.1 Festa

As festas populares, religiosas ou não, fazem parte da história brasileira e são tema de diversas pesquisas acerca da cultura nacional. Compreender seu papel dentro de uma sociedade é de grande importância já que elas se mostram como lugar de representações e construções de sentido para uma determinada comunidade, um ritual de busca de identidade (ALVES, 1986). Além disso, a festa se coloca também enquanto um importante espaço para as construções dos processos culturais e comunicativos em determinados contextos territoriais, principalmente entre as classes populares.

Essas práticas, ultrapassando a barreira do tempo, enfrentando diversas dificuldades de diferentes aspectos, vivenciando intensos processos de aculturação, de sincretismo e mesmo de proibições, prevalecem até a atualidade numa reafirmação da cultura como força propulsora de processos civilizatórios integradores e, também, como poderoso instrumento de comunicação. (FERREIRA, 2006, p. 112)

Segundo Oliveira (2003), as festas religiosas são “as atividades urbanas mais antigas do Brasil, sendo que, até o século XIX, foram os acontecimentos culminantes da vida social de nossas cidades” (p. 30-31). Se nos séculos seguintes elas perdem seu privilégio em relação à sua função para um determinado grupo, as festas continuam cumprindo seu papel, ainda que em concorrência com outros elementos e instituições sociais, de agregador dos sujeitos e de espaço de afirmação da identidade coletiva já que se sentem parte de um grupo e assumem funções, tornando-se assim protagonistas de suas próprias histórias. Além disso, a festa é também um “lugar simbólico”, onde valores e crenças são veiculados “transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social” (FERREIRA, 2006, p. 112).

É importante destacar que a identidade reforçada e reafirmada pela festa não é imutável e se ressignifica permanentemente justamente porque se dá em um espaço de contato constante com o Outro, já que como lembra Tilly, “todo indivíduo, grupo ou posição social têm tantas identidades quanto relações com outros indivíduos, grupos ou posições sociais” (2005, p. 50). Além disso, a cultura popular, não sendo estática, incorpora e influencia os novos elementos que se apresentam para seus sujeitos que vão se readaptando aos contextos nos quais se inserem. Este processo é conflitivo, mas é justamente nas tensões que o novo é criado e a tradição é recriada em um processo dialético de enriquecimento da identidade do grupo.

Si può affermare tranquillamente che nessuna società è mai riuscita – per fortuna – a costruire e mantenere la propria identità sotto forma di una sfera compatta e inattaccabile (...) Tutte le culture sono il prodotto di interazioni, di scambi, di influssi provenienti da altrove... le culture non sono pure. Ogni società ha a da fare i conti con l'alterità... (REMOTTI apud FERREIRA, 2006, p. 113)

As festas são o espaço onde as identidades vão dialogar entre si constantemente, se renovando mutuamente e se transformando diariamente, não sendo nunca algo acabado, mas um processo constante de reconstrução. Isso porque a identidade é parte que compõe e que é composta pela cultura. E esta não pára nunca. Ela acompanha as mudanças que ela mesma provoca. A cultura é uma rede complexa que nunca poderá ser compreendida a partir de visões fragmentárias ou sem o lugar de fala claramente definido pelo seu autor. Primeiro porque “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro” e segundo porque “todas as afirmações e sistemas culturais são construídos nesse espaço contraditório e ambivalente da enunciação” (BHABHA, 2007, p. 65 e 67-68). Assim pode-se dizer que “a identidade cultural é também uma construção material de sentido social, ou uma construção simbólica; daí resulta que a ‘cultura é o corpo da identidade’.” (FERREIRA, 1995, p. 26).

Se consideramos que “os novos modelos de comunicação, em suma, por si mesmos não garantem a alteridade” (CAIAFA, 2007, p. 24), então pensar a festa em seu contexto urbano se torna de fundamental importância já que ela retoma uma forma de produção comunicativa que ao proporcionar a sociabilidade, o estar junto, força justamente esse contato com o Outro. Além disso, o sistema de representações dominante, composto principalmente pelas grandes empresas de comunicação, não consegue refletir os modos de vida populares, encarados muitas vezes enquanto uma cultura que sempre pertence a algo estranho e distante.

Isso faz com que se reforce ainda mais o papel das festas para estas comunidades enquanto um espaço de produção e reprodução simbólica.

Assim, elas se colocam enquanto um importante espaço de transmissão de saberes e valores, onde a tradição católica se mesclou com as culturas indígena e negra, e onde a oralidade exerce ainda hoje um papel fundamental já que “numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando essa sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber” (CERTEAU, 2011, p. 336-337).

Apesar de muitos esforços, ainda hoje,

... no caso do Brasil as práticas culturais superam em muito a competência dos pesquisadores e críticos e que, apesar deles e do sistema político pretensamente criador de uniformidades, o painel rico de realizações (e contradições) culturais do povo vive e existe, engendrando pela sua existência inquieta e incômoda esquemas próprios de análise social e caminhos para a continuidade da sua sobrevivência.” (ALVES, 1986, p. 123)

Isso porque essas festas fazem parte dos ideais desses sujeitos sociais que não estão ali para ver e sim para viver as representações de manifestações cujo acesso lhes é negado ao longo do ano, além de se constituírem enquanto importantes espaços de sociabilidade, o que é imprescindível para a construção dos processos culturais e comunicativos.

As festas são, portanto, consideradas um espaço de reforço dos laços da rede de relações da qual fazem parte seus sujeitos, de “competição pelo prestígio e para expressar simbolicamente a unidade e os conflitos inerentes a essas relações sociais estabelecidas” (ZALUAR, 1983, p. 95). Da mesma forma, Pedro Oliveira lembra que ao participar da festa, os sujeitos participam também “do trabalho social de restauração e reforço dos laços de solidariedade do grupo” (1983, p. 929).

Esta relação do ordinário com o extraordinário e do mundano com o sagrado apresenta a forma dialógica em que se misturam as questões da vida social com as representações que são vividas e reforçadas durante a festa. Isso porque mesmo se apresentando enquanto uma fuga do cotidiano, o período festivo é composto por experiências concretas entre seus sujeitos que continuamente resgatam sua cotidianidade. A festa se mostra então como sendo ao mesmo tempo a inversão e a reprodução da vida dos que participam dela, contribuindo para a elaboração de sentidos principalmente daquilo que no cotidiano se apresenta de forma descontínua e fragmentada.

A festa pode ainda ser caracterizada por meio de um outro par dialógico: a tradição e a inovação. Na tentativa de dar continuidade a esse ritual festivo, seus membros se utilizam do

resgate à tradição para poderem criar novos elementos. É nessa tensão entre o novo e o velho que os grupos populares vão se reconstruindo e se adaptando às mudanças que ocorrem em seus contextos de vida, influenciando e sendo influenciados por eles. A criação se dá em meio a cobranças de manutenção de um padrão que se justifica na tradição da festa. Assim, ao mesmo tempo em que o novo é incentivado, a recorrência às origens da festa reconhecem sua autenticidade.

Para os grupos populares não há aqui um conflito e esse par não deve ser encarado enquanto uma simples oposição. “Tradição e modernidade apresentam pontos conflitantes mas, desde que são frutos de uma realidade intrinsecamente social, permanecem como parceiros de diálogo”, por isso, “a relação de influências mútuas entre tradição e modernidade transforma o conflito em acontecimento fecundo que nos permite acompanhar os movimentos que dão forma à sociedade contemporânea” (GOMES; PEREIRA, 1995, p. 385-386).

A partir desses elementos é possível compreender a festa a partir de duas perspectivas, apresentadas por Ferreira (2006), que não se excluem: o sentimento da festa e a institucionalização da festa. Enquanto a primeira é composto pela dimensão simbólica e mística do ritual, a segunda comporta as formas como cada comunidade se organiza para organizar a festa, incluindo aqui a distribuição de funções e, logo, a carga de responsabilidade e reconhecimento que cada uma delas carrega.

No caso da Folia de Reis, a festa que tem uma mensagem de cunho religioso e uma característica artística devido à música e à dança carrega também o “estar junto” entre os foliões e destes com os moradores. São nesses espaços que podem ser compreendidos o processo comunicativo e cultural de uma determinada comunidade e, portanto, a construção das identidades desses grupos, já que as festas são representações coletivas de uma realidade coletiva, ou seja, da própria forma de pensar e agir desses sujeitos.

As manifestações de origem ancestral, principalmente quando se constituem em movimento coletivo, são veículos de ideias daqueles que lutam pela hegemonia interna dos grupos nas mais diferentes sociedades, sendo também um componente estratégico da luta social e um elemento fundamental na construção da identidade local, regional e nacional. (idem, 1995, p. 21-22).

Segundo Benjamin (2001, p. 20), “os processos comunicacionais que ocorrem na preparação, realização e no tempo que sucede à festa são muito variados” e se apresentam com linguagens diferentes, indo desde a iconografia da bandeira e das roupas dos foliões e palhaços, até os versos cantados, a música, a dança e a organização dos membros do grupo em cada parte do ritual. A própria convivência proporcionada pela festa e seus momentos de

preparação se transforma em um importante processo comunicativo. Como lembram Gomes e Pereira (2002, p. 46), a cultura popular é “um sistema comunicacional caracterizado por uma plasticidade, que lhe permite transitar através de diferentes suportes”.

Portanto, para compreender a festa enquanto um processo comunicativo é necessário não confundir a comunicação com o mercado da comunicação, como lembra Enzo Pace (2009, p. 10), já que a primeira não se restringe à segunda, mas entendê-la enquanto

(...) *um processo*, um acontecimento, um encontro feliz, o momento mágico entre duas intencionalidades, que se produz no 'atrito dos corpos' (se tomarmos palavras, músicas, ideias também como *corpos*); ela vem da criação de um ambiente comum em que os dois lados participam e extraem de sua participação algo novo, inesperado, que não estava em nenhum deles, e que altera o estatuto anterior de ambos, apesar de as diferenças individuais se manterem. Ela não funde duas pessoas numa só, pois é impossível que o outro me veja a partir do meu interior, mas é o fato de ambos participarem de um mesmo e único mundo no qual entram e que neles também entra. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 15)

Esta perspectiva possibilita a compreensão de contextos mais complexos que interagem entre si, como é o caso da festa. Assim a comunicação é compreendida em seu processo “contínuo e contíguo” à cultura (JACKS, 1997, p. 6). Além disso, “é no espaço da cultura, da cotidianidade, portanto, que se desenvolvem as relações conflituosas dentro de uma sociedade e interagem os diferentes sistemas comunicacionais” (FERREIRA, 1995, p. 32).

A visão da cultura popular “oposta a toda ideia de acabamento e perfeição, a toda pretensão de imutabilidade e eternidade” (BAKHTIN, 1999, p. 9-10) faz com que ela necessite também de uma forma de expressão dinâmica, mutável e ativa, em que a comunicação se dê nas relações e se realize também “no silêncio, no contato dos corpos, nos olhares, nos ambientes” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 16). Isto porque a própria vida “também é mobilidade, impaciência por mudança, relação com um plural do outro” (CERTEAU, at all, 2011, p. 207). O mundo dos ideais se torna o fim último das festas populares, nas quais a produção de bens materiais não é buscada e sim os valores dos membros dos grupos sociais que integram estas manifestações (BAKHTIN, 1999; PESSOA, 2005).

## 2.2 Folia de Reis

De origem europeia, a Folia de Reis é uma festa ligada ao ciclo natalino do catolicismo e celebra a viagem dos Três Reis Magos em visita ao Menino Jesus, quando este

acabara de nascer. Os primeiros registros dessa festa no Brasil datam do século XVIII e desde então ela se difundiu pelo país se adequando e se modificando com os contextos regionais. Hoje, apesar de sua forte presença na zona rural, a Folia de Reis se espalha também pelas grandes e médias cidades brasileiras.

A festa é, em grande parte, organizada e vivida por grupos sociais que não necessariamente estão ligados à Igreja Católica e que por outro lado, são também influenciados por diversos elementos da estrutura social contemporânea. Assim, ritos e crenças diretamente relacionados à tradição da festa se mesclam e interagem com contextos da vida cotidiana na contemporaneidade.

A Folia de Reis pertence a um ciclo de festas cristãs que têm suas origens diretamente relacionadas com o surgimento do teatro medieval em muitos países europeus, cuja base são as encenações de textos litúrgicos principalmente ligados ao Natal e à Páscoa (FÉLIX e PESSOA, 2007, p. 132). Os participantes da Festa dos Loucos ou Festa dos Foliões, tradição na Europa no século XI e da qual se originou a Folia de Reis, se aproveitavam da celebração para negarem suas identidades. “Ela acontecia geralmente no dia 1º de janeiro e dela tomavam parte até mesmo padres piedosos e cidadãos ordeiros, sempre portando máscaras grotescas e cantando modinhas insinuantes” (opus cit, p. 133). Durante a Idade Moderna, os doze dias do Natal eram também conhecidos em algumas regiões da Europa pela festa dos Inocentes,

e todo esse período era tratado de forma carnavalesca, algo bastante apropriado do ponto de vista cristão, já que o nascimento do filho de Deus numa manjedoura era um exemplo espetacular do 'mundo de cabeça para baixo'. Como o Carnaval, os doze dias de Natal eram grandes ocasiões de se comer e beber, para a encenação de peças e 'desgoverno' de vários tipos. (BURKE, 2010, p. 262-263)

À medida que as encenações se desenvolviam, agregavam mais elementos e enriqueciam as narrativas. Além disso, Bahktin (1999) mostra que a própria Igreja fazia coincidir as datas das festas oficiais cristãs com as festas pagãs, a fim de cristianizá-las, sendo portanto inevitável as misturas e influências mútuas.

Tais manifestações se espalharam por grande parte da Europa e só perderam um pouco de sua força por volta do século XVI com influência direta da Reforma e Contrarreforma, período marcado “pelo enrijecimento hierárquico, pela doutrinação paternalista das massas, pela extinção da cultura popular, pela marginalização mais ou menos violenta das minorias e dos grupos dissidentes”. (GINZBURG, 1987, p. 33-34).

Devido a essa grande difusão da festa por países da Europa, às vezes se torna difícil

definir suas origens, mas no caso da Folia de Reis é possível reconhecer Portugal como a região onde se originou a dança “Folia”. Já a tradição de se cantar os Reis, também conhecida como reisadas ou janeiras, não era exclusividade deste país e, segundo Jadir Pessoa e Madeleine Félix (2007), na Alemanha estaria a provável origem desses cantares.

É a partir de todo esse contexto de influências e construções simbólicas acumuladas ao longo de tantos séculos que a festa da Folia de Reis chega ao Brasil junto com os padres jesuítas no período da colonização portuguesa, se incorporando “de maneiras diferenciadas às diversas realidades econômicas e culturais do território brasileiro” (opus cit, p. 155).

Apesar de ser uma festa de caráter religioso e de ter sido trazida ao Brasil pelos próprios jesuítas, é importante dizer que ela não dependia de representantes oficiais da Igreja para ocorrer, além de carregar as próprias crenças vindas com portugueses pobres que não tinham relação direta com o clero oficial ou mesmo com uma elite da Coroa. Assim, apesar das boas relações com padres e párocos de regiões próximas às de realização das festas, elas ocorriam de forma autônoma, agregando valores próprios, bem como a parte profana das danças e bebidas.

Esta autonomia fez com que, da mesma forma como a Festa dos Loucos sofrera interferência direta da Reforma e da Contrarreforma no século XVI, o processo de romanização<sup>13</sup> implementado pela Igreja Católica na segunda metade do século XIX e o Concílio Vaticano II<sup>14</sup> na segunda metade do século XX também atingissem diretamente a realização das Falias de Reis no país já que

se a romanização não aboliu inteiramente as práticas religiosas tradicionais, é entretanto inegável que ela contribuiu para retirar delas o seu caráter coletivo e público, relegando muitas daquelas práticas para a esfera doméstica e privada. (OLIVEIRA, 1983, p. 911).

É esta tradição que remete a um mito que teria ocorrido há cerca de dois mil anos e que vem sofrendo interpretações e recriações diversas ao longo do tempo que hoje está

---

13 “Chamamos romanização o processo de reformas religiosas levadas a efeito pelo pontificado de Pio IX e que visava implantar em todo o orbe o mesmo modelo romano de catolicismo. Seu núcleo reside na administração dos sacramentos para a salvação individual, tendo por conseguinte a marca clerical e espiritualista. No Brasil, sua implantação se faz em confronto direto com o catolicismo popular tradicional, cujo caráter leigo e devocional aparecia ao clero romanizado como um desvio mais perigoso do que uma heresia, sendo por isso desqualificado como ‘ignorância religiosa’ e recebendo um combate sem tréguas. Tratando-o como um conjunto de superstições, crenças e práticas mágicas, fanáticas e até imorais, o agente romanizador busca destruí-lo substituindo-o pela forma romana, a seus olhos a única autenticamente católica” (OLIVEIRA, 1997, p. 50).

14 A imagem de Deus estabelecida pela renovação litúrgica inspirada no Concílio Vaticano II não é a “de um Deus milagroso e protetor, mas sim de um Deus que faz exigências éticas e que é celebrado como Pai ou como Senhor, mais do que como protetor. Não considerar a necessidade religiosa de proteção, é manter a separação entre o campo religioso dos romeiros e o campo religioso dos agentes de pastoral” (OLIVEIRA, 1983, p. 937)

presente nos versos dos mestres de folia. “... dois mil anos depois, um ritual aprendido e transmitido praticamente à margem da escrita, como é a Folia de Reis, não necessariamente deve ser visto como portador de uma compreensão uniforme daquela viagem” (PESSOA; FÉLIX, 2007, p. 32).

Dessa forma, a festa que se inspira em uma pequena passagem bíblica<sup>15</sup>, vai criando novas significações e acrescentando informações à narrativa mítica. Um exemplo é a própria transformação dos magos em reis, santos e pastores<sup>16</sup>, a definição de sua quantidade em três<sup>17</sup> – que se justifica pelo número de presentes ofertados a Jesus: ouro, incenso e mirra –, de seus nomes – Baltazar, Belchior (ou Melchior<sup>18</sup>) e Gaspar – e suas origens, representando a África, a Ásia e a Europa. Muitas vezes “a história bíblica é esquecida sem remorsos, como corpo exemplar de doutrina, e é multiplicada como *corpus* mítico tomado sobre apenas poucas passagens popularizadas” (BRANDÃO, 2007, p. 368).

---

15 A única menção feita aos magos na Bíblia se encontra no Evangelho de Mateus 2, 1-12: “Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, segundo Mateus – Naquele tempo, Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo. A esta notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele. Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo. Disseram-lhe: Em Belém, na Judéia, porque assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo (Miq 5,2). Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo. Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho.”

16 Para Félix e Pessoa (2007) há uma junção das interpretações dos evangelhos de Lucas e Mateus, já que o primeiro também narra o nascimento de Jesus, mas fazendo referência à visita de pastores e não de magos. “Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhes os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e o deitou numa manjedoura porque não havia lugar para eles na hospedaria. Havia naquela mesma região pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite. E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, lhes disse: “Não temais: eis aqui vos trago boa nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura. E subitamente apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem. E, ausentando-se deles os anjos para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos que o Senhor nos deu a conhecer. Foram apressadamente e acharam Maria e José, e a criança deitada na manjedoura. E, vendo-o, divulgaram o que se lhes havia dito a respeito deste menino. Todos os que ouviram se admiraram das cousas referidas pelos pastores. Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração. Voltaram então os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado.” (Evangelho de Lucas 2:6-20).

17 Segundo Félix e Pessoa (2007, p. 55), no século VI, os reis magos “passaram a representar também as três idades da vida: o idoso, o adulto e o jovem, uma maneira de traduzir a universalidade”.

18 Em pesquisa realizada por Gomes e Pereira (1995), os autores identificam como o racismo no Brasil se transfere também para as narrativas da Folia de Reis. Em uma delas, Melchior é identificado como o rei negro que teria essa cor de pele como castigo por ter praticado o incesto.

Enquanto para a Igreja Católica o ciclo natalino gira em torno do nascimento de Jesus, para os grupos de folia os principais personagens são os reis magos, responsáveis por anunciar à humanidade a chegada à terra do salvador dos homens, diminuindo até mesmo o lugar central ocupado por Cristo (opus cit). André justifica

(...) a gente não sai com a bandeira de Jesus Cristo, a gente sai com a bandeira de Santos Reis. Então Santos Reis ele tem, ele foi uma passagem da vida de Jesus Cristo, entendeu, então a gente tem que cantar dentro do Reis a passagem de Jesus Cristo, a passagem dos Magos do Oriente na vida de Jesus Cristo. Aonde que começou, aonde que terminou. (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).

A esse corpus mítico são acrescentados outros elementos como a ideia de que uma promessa paga na Folia de Reis deve ter a duração de sete anos, ou ainda o fato de que a comida da festa deve ser preparada no dia 6 de janeiro. Segundo Virgínia, tudo tem uma ciência e com a comida não seria diferente. “A dona Eva sempre falou comigo que comida de santo a gente não faz de um dia pro outro não. Pode cozinhar o feijão, temperar uma carne, assar, cozinhar a carne, mas o resto da comida não pode não que azeda”. A origem dessas “regras” remetem-se muitas vezes, como nas palavras de Adão, ao “início do mundo”. (Depoimentos concedidos em entrevista à autora em 2013).

Segundo Gomes e Pereira (1995), a Folia de Reis apresenta seis importantes papéis para a comunidade a qual pertence. Um deles é o aspecto econômico que envolve todo o preparativo da festa, com as despesas das roupas, instrumentos, as compras para o almoço da entrega da bandeira e os gastos durante o próprio giro. Há também o papel da definição da identidade grupal já que a folia é o momento em que estes sujeitos se autonomizam para criarem uma manifestação que representa seus valores, em que eles constroem sua imagem perante todos aqueles que irão vivenciar, de alguma forma, o período da festa.

O aspecto comunicativo se dá na troca de experiências, opiniões e informações tanto entre os foliões, que experimentam uma convivência intensa nos doze dias de giro, quanto com os moradores de outras cidades, que recebem os grupos em suas casas, podendo assim conhecer um pouco do lugar de origem das folias, mesmo sem nunca ter estado lá. “Há necessidade do confronto com o outro, também camponês, e com os outros – urbanos, representantes do modelo dominante – para se asseverar sobre a veracidade das informações, para uma análise dos acontecimentos, para o entendimento de novas verdades...” (idem, 2005, p. 98 e 101).

Os autores citam ainda a estruturação social como papel importante da Folia de Reis,

já que seus componentes se colocam pertencentes a um “nós”, caracterizando assim uma entidade coletiva que se diferencia daqueles que não participam do rito. Assim eles se colocam enquanto detentores de um conhecimento do sagrado que não é compartilhado pelo restante da sociedade e a transmissão dessa mensagem se apresenta enquanto uma das funções do grupo.

Apesar desse caráter fortemente marcado pelo coletivo, pelo “nós”, a Folia de Reis se apresenta também enquanto um espaço de realização pessoal para os seus integrantes, onde os dons de cantar, tocar ou dançar são valorizados dentro dessa comunidade, mostrando que cada um tem sua capacidade de criação cultural, onde marcam suas posições individuais e são reconhecidos por elas<sup>19</sup>.

Por fim, o aspecto lúdico da festa se apresenta não só na figura do palhaço com sua forma de dançar, seus versos engraçados e suas roupas coloridas, mas pela própria característica do rito que é a representação de uma narrativa mítica. O ritual sagrado abre espaço para o divertimento espontâneo que surge pela convivência em si mesma.

Habituo-nos a ver uma oposição entre o sagrado e o divertimento, pela seriedade atribuída ao plano espiritual ou mesmo por uma visão dicotômica entre sacralidade e divertimento. A cultura popular, no entanto, - assim como os ritos das populações ditas primitivas - integra alegria e sacralidade: por esse motivo se canta e se dança para Deus, numa atividade simultaneamente religiosa e lúdica. (idem, 1995, p. 105-106)

Todos estes elementos que envolvem a Folia de Reis se transformam em aprendizados que são construídos principalmente nas vivências de preparação e realização do giro<sup>20</sup>, que reúnem velhos, adultos, jovens e crianças na representação da tradição religiosa e popular. Característica esta que se faz presente não só nas áreas rurais, mas também nos bairros populares, onde tais festas, no caso de Juiz de Fora, são realizadas.

É nessa convivência que os laços são reforçados e o passado da festa e do grupo é recordado, preservado ou perpetuado, construindo assim um patrimônio sócio-histórico que vai constituir e ser constituído por um sentimento identitário. Essas identidades e

---

19 Essa valorização pode ser vista na fala de Bel quando conta sobre o convite feito a Tulim para entrar no grupo: “Vamo lá pô, você toca cavaquinho, você já tem um valor. Pra mim você tem um valor porque se você toca cavaquinho é um cara raro você achar na rua aí quem toca cavaquinho pra sair em folia. Todo mundo que toca já tem folia, entendeu. Aí falei, pô vamo sair lá em casa lá esse ano lá pô. Me dá moral lá. Aí ele, já é pô, vou sair lá.” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).

20 Giro é a peregrinação feita pelos foliões que inclui um ponto inicial, a festa de partida, e um ponto final, a festa de chegada. O percurso é composto pela visita a casas de devotos que recebem a bandeira dos santos e lhes dão oferendas, fazem rezas de pedidos e agradecimentos. (FELIX e PESSOA, 2007, p. 8). Os grupos de Juiz de Fora utilizam a expressão “jornada” ou “trecho” para nomear essa peregrinação.

territorialidades são expressas nos “lugares de memória” (LE BOSSÉ, 2004, p. 168), que podem ser formados tanto por paisagens reais, como as cidades percorridas pelo giro, as casas onde os ensaios e a festa são realizados, como por representações artísticas como as músicas que são criadas, os versos improvisados, etc. Estes lugares criados em um momento específico da festa, ultrapassam esse limite temporal para fazer parte do cotidiano dessas pessoas que vão se relacionar também em outras situações do dia a dia.

E é devido a isso que a Folia de Reis em Juiz de Fora vai se constituir também em um espaço onde se prolongam as disputas simbólicas vividas no contexto urbano, em que as identificações dos moradores com seus bairros vai interferir na própria dinâmica dos grupos.

Estas novas possibilidades são vistas por Pessoa e Félix (2007) como mais uma ferramenta na continuidade das festas de Folia de Reis, já que

... os seus devotos e praticantes têm a chance de serem reconhecidos como sujeitos no que fazem, encontram força e criatividade suficientes para definir o seu lugar na nova sociedade emergente – mais urbana e tecnificada, mais calculista e menos mística. (p. 7)

Dessa forma, uma tradição como a Folia de Reis que era majoritariamente rural passa a ganhar atenção nos centros urbanos, bem como de novas áreas de estudo como teatro, dança e fotografia. Assim, a festa que pretende marcar seus membros com valores e tradições se transforma também em palco de demonstração de novas descobertas, mudanças, concepções e “por que não dizer, da fecundidade das transgressões” (PESSOA, 2005, p. 39).

### **2.2.1 Folia de Reis em Juiz de Fora**

A falta de registros escritos sobre a Folia de Reis em Juiz de Fora dificulta uma pesquisa sobre suas origens na cidade. Em um livro de 1973, Wilson de Lima Bastos relata que nesta época as folias tinham praticamente desaparecido em Juiz de Fora, mostrando assim que a festa é realizada na cidade desde antes dessa data<sup>21</sup> com maior destaque na zona rural. Segundo o autor, nos atuais bairros de Teixeiras, Ipiranga<sup>22</sup> e Santa Luzia, os grupos tinham maior destaque e coesão e uma das causas para o fim da festa era a ação policial que a considerava como “arregimentação de marginais”. Nesta época os grupos já não usavam roupas típicas, tinham poucos integrantes e pouca receptividade.

Trinta anos separam uma segunda referência sobre a festa em Juiz de Fora. Segundo

---

<sup>21</sup> Padre Guanair, que trabalhou na paróquia do Ipiranga de 1993 a 1999, acredita que a Folia de Reis da região, hoje, deve estar em sua quarta ou quinta geração, já que ela tem um caráter familiar muito forte.

<sup>22</sup> Nesta época o Ipiranga incluía bairros como Bela Aurora e Jardim Gaúcho.

Simone de Oliveira (2003), após um período de ostracismo, a Folia de Reis volta a ganhar destaque na cidade no ano de 1993 a partir de um projeto folclórico do grupo Amalé, conhecido por apresentar festas que retratam o folclore nacional. Neste projeto, os grupos de folia se apresentavam na escadaria da Câmara dos Vereadores, mas, segundo André, não recebiam qualquer tipo de ajuda nem mesmo para chegar ao local. Além disso, a Funalfa (Fundação Alfredo Ferreira Lage), órgão responsável pelo setor de cultura na cidade, não tinha qualquer compromisso com os grupos ou com a apresentação.

Padre Guanair conta que nesta época chegou a contabilizar 25 grupos de Folia de Reis, apenas na Zona Sul da cidade. Segundo ele, algumas famílias tinham até dois grupos. Mas as folias já sofriam perseguição da polícia, principalmente os palhaços, por andarem mascarados<sup>23</sup>. Jorge Pintinho do bairro Jardim Gaúcho, Barrigudo do Santa Efigênia, Januário do São Bernardo, Afonso do Progresso, Preto do Sagrado Coração, Zé Pretim do Nossa Senhora Aparecida, Miltim do Dom Bosco, Carmino do Santa Cecília, Juvená Pé de Pato, Joel, Carlinho, Cici e Pinga são alguns nomes (ou apelidos) de foliões lembrados por Adão ao rememorar sua história na Folia de Reis.

Em 2001, a Prefeitura de Juiz de Fora, por meio da Funalfa, começou a realizar o Encontro de Folias de Reis, no qual cada grupo tem cerca de 15 minutos para se apresentar em um palco montado no centro da cidade (de início realizado no Parque Halfeld e posteriormente na Praça Antônio Carlos). Inicialmente o encontro era conhecido também pela cerimônia de bênção das chaves que, segundo padre Guanair, contava com a presença de cerca de 5 mil pessoas no Parque Halfeld.

---

23 Ainda hoje há relatos sobre a ação da Polícia Militar junto aos grupos durante a Folia de Reis. André conta que há dois anos, a PM solicitou à Funalfa que não mais liberasse a Praça Antônio Carlos para a realização do Encontro de Folias, devido às brigas envolvendo integrantes dos grupos. No entanto, como lembra André, elas não são exclusividade da Folia de Reis: “Peguei todos os eventos da prefeitura, todos os eventos da cidade, Miss Gay, Marcha pra Jesus, tudo, entrei na internet, fui no jornal, fui xerocando tudo e todos teve briga de baile funk, todos teve briga de baile funk, umas até com morte, certo. Fiz uma carta pra Funalfa e uma carta pra Polícia Militar, anexei todos esses, perguntando pra ele qual que era a perseguição que eles tinham contra a Folia de Reis porque todos os outros eventos da cidade teve briga de funk...” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).



Foto 1: Arquibancada montada para o Encontro de Folias de Reis em 2013<sup>24</sup>.

Nesta época, os grupos passaram a ganhar uma pequena ajuda financeira da prefeitura, além disso começaram a se organizar e a pensar na criação da Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora, criada em 2003 e que conta hoje com a participação de onze grupos de folias e seis de charolas. Sua criação foi uma iniciativa dos próprios foliões que, liderados por André Brasilino (que também é o dono do grupo Resposta do Oriente Jesus Vivo, do bairro Bela Aurora), se organizaram para elaborar a proposta do que viria a ser a entidade responsável pela articulação dos grupos da cidade, bem como mediador do diálogo entre os integrantes das folias e o poder público municipal.

Com uma média de 15 integrantes cada grupo, todo ano eles se deslocam para as pequenas cidades de Minas Gerais e do Rio de Janeiro que estão próximas a Juiz de Fora. Cerca de dez dias após a partida, os grupos retornam à sua cidade de origem onde continuam o giro da folia em seus bairros e em bairros vizinhos, até o dia da entrega da bandeira, quando a festa se encerra em local determinado pelo mestre folião. A chegada da bandeira representa o encontro da manjedoura pelos reis magos, sendo o fim da missão dos foliões. O mestre canta uma toada específica, longa, em que agradece a cada um dos componentes de seu grupo que, quando mencionado deve se dirigir até a bandeira e fazer sua oração. É um momento de muita emoção para eles e quase todos choram. Em seguida o almoço é servido para todos aqueles que acompanharam a festa.

As Folias de Reis de Juiz de Fora são compostas basicamente por foliões e palhaços. Os primeiros contam com um mestre<sup>25</sup>, que é conhecido como dono da folia, e com contramestre, podendo ser mais de um de acordo com cada grupo. Os mestres se revezam na

<sup>24</sup> Público à espera do início do Encontro, na cidade de Juiz de Fora. Foto da autora, janeiro de 2013.

<sup>25</sup> Em Juiz de Fora, o mestre é também o responsável pela festa de entrega da bandeira no dia 6 de janeiro. Em outras regiões do país, existe a figura do festeiro, que não faz parte do grupo e que muda a cada ano.

responsabilidade de cantar as toadas – músicas que narram a história do nascimento de Jesus Cristo – sendo esta função exercida principalmente pelo dono da folia. O restante dos foliões cantam o refrão, conhecido como resposta, sendo que um deles é também responsável por carregar a bandeira<sup>26</sup> do grupo com a imagem dos Santos Reis, bem como receber as esmolas, sendo chamado bandeirista. Os principais instrumentos musicais utilizados são o cavaquinho, o bandolim, a sanfona, o triângulo, a caixa, o chocalho e o pandeiro<sup>27</sup>.



Foto 2: Grupo se preparando para dar início ao giro na cidade de Cipotânea<sup>28</sup>.



Foto 3: Bandeira de 2012/2013 da Folia de Reis Sinal dos Três Reis Magos do Oriente<sup>29</sup>.

O bandeirista deve andar sempre à frente dos foliões com os palhaços a sua volta, já que eles têm a função de proteger o grupo. Bandeirista e palhaços perguntam aos moradores se eles querem receber a bandeira em suas casas e muitas vezes precisam explicar o significado do que fazem, já que muitas pessoas não conhecem a tradição da Folia de Reis. Este é para Adão, Bel e Marley, por exemplo, um dos principais objetivos da folia, por isso, não tem sentido para eles fazer algo que as pessoas não entendam.

O morador que aceita a bandeira a leva pelos cômodos de sua casa e depois

26 Cada grupo carrega uma bandeira que representa os santos, seu formato varia em cada região podendo ser um mastro, uma imagem de tecido ou uma pequena caixa adornada no formato de um oratório com a imagem dos santos reis estampada.

27 A cada dia, os instrumentos e a bandeira ficam guardados na última casa que o grupo visita, podendo ser a mesma cujo dono oferece alojamento aos foliões ou não.

28 Foliões vestidos de azul e mestre e contramestres de dourado. Foto da autora, dezembro de 2012.

29 Bandeira repousada durante almoço na casa de uma moradora de Alto Rio Doce. Foto da autora, janeiro de 2013.

acompanha a apresentação da toada pelos foliões. Uma segunda toada pode ser cantada quando o dono da casa oferece alguma refeição para o grupo e este canta em agradecimento antes de ir embora. As casas que contêm um presépio montado recebem uma cantoria especial, na qual o mestre faz referência a ele, podendo também saudar outros santos, cujas imagens estejam presentes na casa.

Outra função importante do bandeirista é puxar a oração dos palhaços na bandeira pela manhã, no horário do almoço e no fim da tarde<sup>30</sup>. Envoltos de muitos mistérios, o palhaço segue alguns rituais que representariam uma forma de penitência perante Jesus. Além da reza, por exemplo, os palhaços só podem entrar na igreja ajoelhados e sem suas máscaras. Isto porque, segundo a crença dos foliões, eles representam os soldados arrependidos que foram enviados pelo rei Herodes<sup>31</sup> para matar Jesus, passando assim de perseguidores a protetores, não deixando de carregar um certo simbolismo de representação do mal<sup>32</sup>. Para o padre Guanair, os palhaços servem para nos lembrar que o mal sempre está caminhando junto com a humanidade, que ele não se separa do bem. Gomes e Pereira (1995, p. 34) lembram que “a existência do Demônio é uma reprodução-idealização dos valores culturais negativos de uma sociedade. [...] Demonizam-se os valores recusados pela comunidade, assim como se divinizam os aspectos positivos da convivência”.

---

30 Segundo Câmara Cascudo (apud GOMES; PEREIRA, p. 433-434), estes horários fazem parte das “horas abertas”, momentos “em que se piora, em que os feitiços agem fortemente, em que as pragas e as súplicas ganham expansões maiores. Horas sem defesa, liberdade para as forças malévolas, os entes ignorados pelo nosso entendimento e dedicados ao trabalho da destruição.”

31 Peter Burke (2010, p. 210-211) lembra que durante a Idade Moderna, “os governantes eram frequentemente comparados aos tiranos da Bíblia”, e Herodes era figura recorrente em muitos lugares. “Ele era tradicionalmente representado na Inglaterra como um fanfarrão megalomaniaco, que se declarava Deus (...) Na Rússia, a tradicional peça de Herodes foi transformada, provavelmente no final do século XVII, na do 'czar Maximiliano', um governante orgulhoso, cruel e pagão que persegue seu filho cristão, até ser abatido pela vingança de Deus”. No Brasil, Félix e Pessoa citam um dos sermões de Padre Antônio Vieira em que ele chama Herodes de holandês, em alusão à batalha contra a invasão holandesa.

32 Em algumas regiões, os palhaços representam os próprios Reis Magos, sendo sempre portanto três. Nesta versão, eles tiveram que se vestir de palhaços e usar máscaras justamente para fugir da perseguição dos soldados de Herodes. (Gomes e Pereira, 1995).



Foto 4: Palhaço rezando na bandeira<sup>33</sup>.

Com roupas, máscara, capacete adornados e um porrete na mão, eles se responsabilizam por cuidar da entrada das casas onde a Folia está cantando não permitindo a aproximação de estranhos. Os palhaços também contam com um mestre responsável pelo grupo que deve conter no máximo sete pessoas<sup>34</sup>. Logo após a apresentação dos foliões, eles dançam o chule<sup>35</sup> e recitam versos – que podem ser sagrados ou profanos e de autoria própria, improvisados ou mesmo letras de música – para o dono da casa que recebeu a bandeira como uma forma de agradecimento. Existe também em algumas folias a figura da Catirina, um palhaço, cuja máscara tem um rosto mais feminino e sua forma de dançar é diferente. Já a criança que sai como palhaço pela primeira vez é chamada de mascote.

---

33 Mascote faz oração em casa de moradores da cidade de Cipotânea. Foto da autora, dezembro de 2012.

34 Este número foi estabelecido pelos grupos membros da Associação de Falias de Reis e Charolas de Juiz de Fora como uma forma de evitar uma grande quantidade de palhaços e, conseqüentemente, as brigas. Em 2013, a quantidade subiu para oito.

35 Giovannini (2005, p. 24) cita em seu livro a chula como um “ritmo frenético tocado pela sanfona e pela percussão para a brincadeira”.



Foto 5: Palhaços<sup>36</sup>.



Foto 6: Catirina<sup>37</sup>.

---

36 Palhaços da Folia de Reis Sinal dos Três Reis Magos do Oriente durante o giro na cidade de Alto Rio Doce. Foto da autora, janeiro de 2013.

37 Catirina da Folia de Reis Sinal dos Três Reis Magos do Oriente durante o giro em Juiz de Fora. Foto da autora, janeiro de 2014.

### 3- PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui proposta possui uma abordagem qualitativa para melhor alcançar o objetivo desta pesquisa, que busca compreender as relações sociais na cultura popular, bem como suas construções de significados, já que seus integrantes transformam simbolicamente a Folia de Reis segundo as suas próprias necessidades e concepções (ALVES, 1986, p. 128).

Assim, pretende-se aqui uma metodologia que atenda à construção de um conhecimento de forma dinâmica e por que não dizer coletiva, já que “a pesquisa qualitativa recupera, em todas as suas consequências, os sujeitos do processo de pesquisa, tanto o pesquisador como os participantes” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 83).

A pesquisa qualitativa se adéqua melhor a esta proposta já que, ainda segundo González Rey (ibidem), o foco da pesquisa está “nos sujeitos que serão pesquisados, nos contextos em que eles atuam e nas interações que caracterizam o processo da pesquisa”. A metodologia serve então como uma orientação, “mais que uma sequência rígida de etapas” (opus cit, p. 83), aos procedimentos utilizados, cada um de acordo com as necessidades que surgirão no decorrer desta pesquisa.

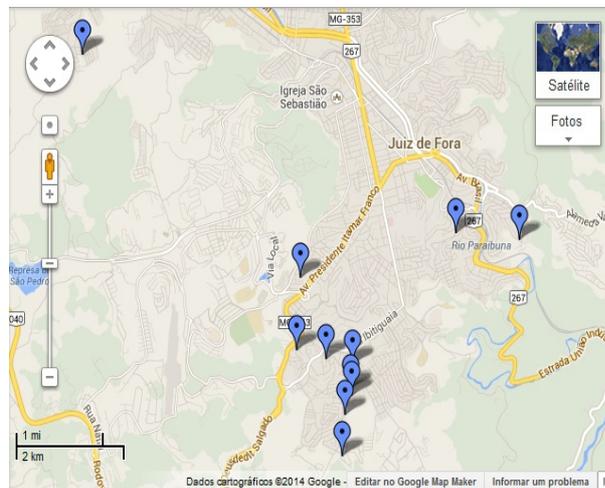
Dessa forma, os procedimentos metodológicos norteadores foram baseados na construção conjunta de conhecimento a respeito do tema escolhido porque “... só se *conhece* algo quando se acompanha cada passo de um projeto, de uma relação, com a voz e com as mãos” (ALVES, 1986, p. 129). A finalidade, portanto, não é encontrar respostas prontas, mas tentar compreender as relações humanas no contexto proposto, tornando esta reflexão uma atividade coletiva e dialógica entre sujeitos diferentes, mas não desiguais (BRANDÃO, 2005).

A condução da pesquisa e as escolhas metodológicas foram compartilhadas, principalmente, com os mestres das Folias de Reis de Juiz de Fora, de forma que eles pudessem opinar sobre elas, o que influenciou em algumas decisões e mesmo mudanças em alguns elementos da pesquisa, já que esta não é estática nem imóvel (FREIRE, 1971).

A escolha por se trabalhar com apenas um grupo se deve, principalmente, ao cronograma da pesquisa, já que a folia é festejada entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, logo tem-se efetivamente a realização de uma festa para o desenvolvimento do trabalho de etnografia. Além disso, o período de 24 meses para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado impossibilita um convívio intenso com mais de um grupo, condição indispensável

para a metodologia aqui escolhida. Por se tratar de uma festa, acreditou-se ser relevante acompanhar além dos 12 dias de jornada feita pelo grupo, também seus preparativos e o cotidiano vivido pelos seus sujeitos.

A escolha do grupo foi feita entre aqueles integrantes da Associação de Folia de Reis e Charolas de Juiz de Fora, já que estes possuem uma regularidade quanto à realização da festa. Atualmente onze grupos estão cadastrados na Associação e se concentram nas regiões Sul (7), Leste (2), Central (1) e Norte (1) da cidade, todos em bairros populares. Assim, devido a uma maior concentração e logo um maior convívio entre as diferentes folias, optou-se por trabalhar com um grupo da Zona Sul da cidade, cujos bairros das folias são: Ipiranga, Bela Aurora, Teixeira, Santa Efigênia e Vale Verde.



Mapa 1: Localização das Falias de Reis em Juiz de Fora.

Por fim, dentre os sete grupos existentes hoje nesta região da cidade, acredita-se ser mais representativo para conhecer e compreender os processos comunicativos e culturais vividos pelos sujeitos integrantes das Falias de Reis, trabalhar com aquele cujo mestre folião seja aquele que participe da festa há mais tempo, que é o Adão César, dono do grupo Sinal dos três Reis Magos do Oriente. Isso permitirá compreender os processos de formação e desenvolvimento da Folia de Reis nessa região e na cidade, bem como seus contextos.

Além disso, devido ao grande número de integrantes nestas folias, que varia de 10 a 20 pessoas, optou-se por dar uma maior atenção a um dos mestres do grupo, chamado por eles como o “dono” da folia. Essa escolha se deve à capacidade de articulação deste com os demais integrantes do grupo, bem como com as outras folias. O “dono” da folia se constitui em figura importante para o desenvolvimento da pesquisa, por conseguir reunir as pessoas ao seu redor, não só no que diz respeito à festa, mas também aos próprios assuntos cotidianos da

comunidade em que vive.

Sua liderança local, que tem a casa e a família como referência para muitos sujeitos da comunidade, é de fundamental importância para se compreender o papel da Folia de Reis enquanto processo cultural e comunicativo. O que não significa que os outros integrantes do grupo, ou mesmo as outras folias, serão silenciados no que se refere às questões propostas por esta pesquisa.

Portanto, para a realização desta pesquisa foi preciso seguir as seguintes etapas com seus respectivos meios, fontes e procedimentos:

- Levantamento da bibliografia que serviu de fundamentação teórica através da busca de livros, textos, artigos, CDs, filmes, *sites* sobre o tema abordado neste projeto;
- Realização das leituras, bem como interpretação e reflexão sobre o conteúdo do material encontrado;
- Aproximação do grupo de Folia de Reis escolhido após o levantamento dos possíveis grupos a serem pesquisados e do contato inicial;
- Experienciação da realização da festa por meio do convívio com os participantes, do acompanhamento da rotina do grupo e da produção de um documentário sobre a mesma;
- Elaboração de diário de campo;
- Elaboração de roteiros semi-estruturados de entrevistas e posterior execução das mesmas;
- Transcrição e textualização das entrevistas realizadas;
- Análise e reflexão do conteúdo presente nas entrevistas;
- Textualização e interpretação do material levantado por meio da redação do texto final.

### **3.1 Etnografia**

A principal ferramenta metodológica escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa foi a etnografia, cuja origem está no campo da Antropologia. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2006), a etnografia se compõe de três etapas que não são independentes e se complementam. São elas o olhar, o ouvir e o escrever. A primeira e a segunda etapas acontecem necessariamente na investigação empírica, a pesquisa de campo.

Ao dar início a essa fase, o pesquisador já tem “uma domesticação teórica de seu olhar” (opus cit, p. 19), o que não significa que ela permanecerá inalterada durante o processo

investigativo. Segundo Oliveira, o olhar é a primeira experiência do pesquisador no campo e é inclusive anterior a ele já que a nossa maneira de ver uma dada realidade é construída a partir de um esquema conceitual de uma determinada perspectiva teórica e prática. É o diálogo entre esse aporte teórico e a prática de campo que vai permitir uma maior capacidade de observação.

O ouvir se constitui na relação dialógica que deve ser criada entre o pesquisador e os sujeitos que integram o universo pesquisado. Estes deixam de ser simples informantes para se constituírem em interlocutores de um diálogo construído com o pesquisador, onde formas de ver o mundo e vivê-lo são confrontadas. Segundo Oliveira (opus cit, p. 24), esta interação é alcançada por meio da observação participante, que “realiza um inegável ato cognitivo”, já que esse “estar lá” é evocado durante todo o processo de interpretação do material etnográfico disponível. Para este autor, a observação participante supera em muito a entrevista, já que neste procedimento o pesquisador acaba por exercer um poder, “subjacente às relações humanas” em que a autoridade do pesquisador acaba por criar “um campo ilusório de interação” (opus cit, p. 23).

Juntamente a estas duas primeiras etapas destaca-se também o diário de campo, no qual são feitas as anotações durante o período em que o pesquisador está na investigação empírica. Os dados contidos aí “ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador” (opus cit, p. 34). Segundo Geertz (1989, p. 29), ao fazer as anotações, o etnógrafo “inscreve o discurso social”, transformando o acontecimento narrado em um relato que pode ser consultado novamente. É importante não confundir esta ferramenta metodológica com a última fase da etnografia mencionada acima: o escrever.

Esta última etapa ocorre em um momento posterior ao campo, no qual o pesquisador irá textualizar e interpretar todo o material reunido a partir de categorias e conceitos determinados e que não estão desvinculados dos dados. “Talvez o que torne o texto etnográfico mais singular, quando o comparamos com outros devotados à teoria social, seja a articulação que busca entre o trabalho de campo e a construção do texto” (opus cit, p. 28). E essa articulação só será possível nesta fase final de escrita, já que é na elaboração da narrativa que o processo de produção de conhecimento se concretiza.

Estas análises se iniciam no próprio processo de observação quando as estruturas significantes são produzidas, percebidas e posteriormente interpretadas em um processo que não é nunca exclusividade do pesquisador, já que envolve a própria significação dada pelos

praticantes dos sistemas culturais investigados sobre seus atos. “... começamos com as nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-las...” (opus cit, p. 25).

Apesar de fazer aqui referência à escrita, o texto etnográfico pode ser entendido como o material final produzido pelo pesquisador que inclui outros formatos como o vídeo e, até mesmo, plataformas multimeios em hipermídia. Independentemente de seu suporte, o trabalho etnográfico se caracteriza, segundo Geertz, por ser uma descrição densa de uma determinada estrutura de significação.

... há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o 'dito' num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. (opus cit, p. 31)

Além disso, vale ressaltar que as etapas aqui apresentadas não podem ser compreendidas de forma autônomas. Observar, registrar e analisar são técnicas etnográficas que se complementam durante todo o processo da pesquisa. Na elaboração deste trabalho, portanto, a análise – realizada a partir dos pressupostos teóricos desenvolvidos – foi construída com os dados obtidos na pesquisa de campo feita com o grupo de Folia de Reis Sinal dos Três Reis Magos do Oriente durante o período de ensaios e de realização da jornada nos anos de 2012 e 2013.

A entrevista semi-estruturada, outra ferramenta utilizada, foi realizada após o período de ensaios e da festa propriamente dita, o que permitiu uma maior interlocução entre os entrevistados e eu, já que nossa relação era mais dialógica devido ao intenso período de convivência entre nós. Além de permitir que os entrevistados se sentissem mais à vontade para responder perguntas sobre diversos temas, a experiência do campo permitiu que a entrevista fosse abordada de forma diferente do que se tivesse sido feita antes. Ela serviu portanto, como uma forma de esclarecer e complementar interpretações realizadas durante o campo.

ao permanecer por tempo suficiente com determinado grupo social, o pesquisador tem a oportunidade de observar comportamentos e eventos sociais (como certos rituais) que dificilmente seriam mencionados em entrevistas. (GAMBOGGI e TADDEI, 2001, p. 11)

O envolvimento da minha experiência pessoal se mostrou inevitável porque, segundo Caiafa (2007, p. 137), é a participação do pesquisador que faz a investigação avançar. Além disso, por se tratar a etnografia da descoberta do Outro, o pesquisador também “faz sempre

um retorno a si mesmo porque ele também se redescobre no Outro” (ECKERT e ROCHA, 2008, p. 8).

A escolha dessa metodologia se justifica também pelo próprio campo de pesquisa aqui proposto, que trabalha com a produção simbólica a partir de uma festa que é também mediadora das relações sociais entre seus sujeitos, portanto “... a cultura não poderia ser tomada a não ser na concretude da experiência de homens e mulheres, no exercício efetivo da vida social” (CAIAFA, 2007, p. 139). Assim, alguns elementos terão fundamental importância para a execução desta proposta como compartilhar o cotidiano dos sujeitos e participar das atividades relacionadas à Folia de Reis já que, como lembram Eckert e Rocha (2008, p. 3), “a interação é a condição da pesquisa”.

A partir da década de 1970, o texto etnográfico passa a apresentar também informações a respeito da presença do pesquisador no campo, mostrando como os dados “são produzidos a partir da interação entre as suas subjetividades e as dos interlocutores” (GAMBOGGI e TADDEI, 2001, p. 18). A apresentação da entrada do pesquisador no campo de pesquisa se torna uma forma de esclarecer como ele se inseriu no contexto pesquisado e como se deu sua relação com esses sujeitos, fatores importantes para se compreender as análises dos dados apresentadas, já que relatos e descrições são apenas um primeiro passo para a elaboração das interpretações sobre o tema de pesquisa.

À entrada em campo se segue uma infinidade de situações de negociação, implícita e explícita, a respeito do 'lugar' do pesquisador – nos mais diversos sentidos do termo: lugar físico, social, político, ético-moral –, o que muitas vezes perdura por toda a pesquisa. (opus cit, p. 14)

Mais que buscar apresentar as etapas que devem ser seguidas na pesquisa de campo, a etnografia busca detalhar como este trajeto foi percorrido em um contexto que apesar de muito específico apresenta semelhanças e uniformidades com outras realidades, podendo servir como um guia para futuras pesquisas etnográficas. Até porque, como lembra Whyte, “a evolução real das ideias na pesquisa não acontece de acordo com os relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver” (2005, p. 283-284).

Portanto, um texto narrativo/descritivo se faz necessário, o que será feito no próximo item, sem deixar de dialogar com outros autores que refletem sobre essa metodologia. Dessa forma, será possível compreender a partir de quais contextos os dados foram coletados, bem como que aspectos desse universo das Folias de Reis foram analisados, já que esta pesquisa

não se propõe a analisá-lo em sua totalidade. Não serão narrados/descritos todos os encontros que tive com todas as folias, mas sim aqueles que trouxeram dados que considere mais relevantes.

### **3.1.1 Entrada no campo**

Como apresentado na introdução, minha escolha por estudar Folia de Reis foi anterior à participação no processo seletivo do PPGCOM da UFJF. Por não conhecer a cidade, a internet foi a forma encontrada para descobrir se em Juiz de Fora havia grupos de folia. Descobri que não só havia grupos, como um encontro de Folias de Reis e uma associação. A quantidade de nomes encontrados nas diversas matérias escritas sobre os encontros, me fez pensar em uma quantidade muito maior de grupos do que realmente existia quando comecei minha pesquisa.

Assim que fui aprovada no mestrado, ainda em 2011, e sempre com orientação do professor Bruno Fuser, entrei em contato com a Assessoria de Comunicação da Funalfa para conseguir os contatos do presidente da Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora, André Brasilino. Continuei a pesquisar vídeos e reportagens na internet e em 26/04/2012 me encontrei com André pela primeira vez, na AMAC, lugar onde trabalha.

Neste primeiro encontro me apresentei enquanto mestranda da UFJF e com algumas perguntas em mãos conversei com André sobre a Associação, a relação com a Funalfa e a imprensa, quem participa das folias na cidade e onde se localizam esses grupos. Aproveitei para pedir o contato dos donos das folias que faziam parte da Associação. A intenção era me encontrar com cada um deles para que a partir dessas primeiras informações fosse possível escolher o grupo que participaria da pesquisa. André me passou seu e-mail e disse que também poderia encontrá-lo no Orkut, e ainda se disponibilizou a passar o contato de um outro pesquisador, Marcelo<sup>38</sup>, que havia acompanhado sua folia no ano anterior.

Adicionei André no Orkut e no dia 21/05/2012, após ligar para ele, lhe mandei um e-mail pedindo o contato de Marcelo, os telefones dos grupos que não faziam parte da Associação e perguntando quando seria a reunião com as outras folias para que ali eu pudesse pegar o telefone de todos os donos de folia, no entanto o e-mail não foi respondido. No dia 04/06/2012 encaminhei outro e-mail para André pedindo o contato de Marcelo e os telefones

---

38 Marcelo de Castro Lopes é da área da música, tendo uma dissertação de mestrado sobre um grupo de Folia de Reis da cidade de Rio Pomba-MG. Em 2013, Marcelo defendeu sua tese de doutorado “Sons, violência e devoção: uma etnografia das folias de reis em Juiz de Fora-MG”.

dos donos da folias. Como mais uma vez não obtive resposta, resolvi marcar um outro encontro com André, dessa vez para que ele me falasse especificamente do seu grupo, assim como eu fazia com outros mestres foliões. Montei as perguntas que faria a todos os grupos e no dia 03/07/2012 voltei a me encontrar com ele na AMAC. Aproveitei para pedir os telefones dos mestres foliões e ele me passou o telefone de Luiz Carlos, que lhe ajuda na secretaria da Associação, para que ele me passasse a lista com todos os números.

A dificuldade em conseguir os contatos dos outros grupos, bem como a presença recorrente da figura de André nas pesquisas feitas na internet, que incluía um documentário<sup>39</sup> sobre seu grupo gravado por estudantes de uma faculdade da cidade de Ubá, me fez decidir por não fazer a pesquisa com sua folia, e ainda me deixou na dúvida sobre até que ponto André centralizava em seu grupo a procura pela Folia de Reis em Juiz de Fora. Essa dúvida me acompanhou por mais de um ano até o dia em que fiz sua entrevista, em 04/08/2013, quando este aspecto se esclareceu, conforme será visto no próximo capítulo.

Liguei para cada dono de folia, me apresentando como aluna da UFJF que estava fazendo uma pesquisa sobre Folia de Reis e dizia que queria encontrar pessoalmente para conversar sobre o grupo. Sempre deixei a escolha de local, dia e horário por conta deles, só pedia para que me explicassem como chegar ao endereço escolhido de ônibus, saindo do centro. Todos os grupos com os quais entrei em contato se mostraram muito dispostos a me receber e a conversar comigo.

O primeiro que conheci foi Domingos, um dos donos de folia mais velhos da cidade, do grupo Estrela D'alva, do bairro Nossa Senhora de Lurdes. Ele me contou sobre a origem de seu grupo, uma herança de seu avô que foi comandada por seu pai Francino, que faleceu em 2010 com 80 anos de folia na bagagem. Com a ajuda de sua filha mais nova, Domingos, que é aposentado, me mostrou fotos e vídeos do grupo, algumas das reportagens feitas pelas emissoras de TV locais e outros gravados pelas suas filhas.

O segundo grupo que conheci foi Viagem dos 3 Reis Magos do Oriente, conhecida como Folia do Carrapatinho, do morro de mesmo nome no bairro Ipiranga. Este foi meu primeiro contato com a região onde iria desenvolver minha pesquisa. Marquei com Marley por telefone um encontro no sábado à tarde, em 07/07/2012. Quando cheguei ao endereço encontrei o jovem mestre folião junto aos meninos que soltavam pipa no meio da rua. Conversei com ele e outros dois rapazes. Este é um dos grupos que mais tem vídeo no

---

39 Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=dysAsonIySw>

youtube.

Três dias depois conheci Adão, que me recebeu em sua casa com a mulher, um dos filhos e outros três integrantes do grupo. Nesse dia conversamos sobre o grupo, as brigas entre as folias e vimos algumas fotos de anos anteriores. Foi o primeiro contato que tive com o grupo sobre o qual a pesquisa se desenvolveria. Desde então eu era identificada entre eles como “a jornalista”.

No dia 14/07/2012, um sábado, conheci outra folia de jovens, no bairro Furtado de Menezes, região Sudeste da cidade. Combinei com Branco, dono da folia, por telefone, mas ele não pôde me receber porque estava trabalhando em uma obra e não conseguiu chegar a tempo. Ele pediu então para que outros três integrantes do grupo conversassem comigo. Apesar de não acompanhar pela imprensa os casos de violência da região e nem mesmo ter presenciado qualquer ação explícita, confesso que o Furtado foi o único bairro em que senti medo de andar sozinha. Essa impressão nesta primeira visita fez com que eu adiasse minha ida a um dos ensaios do grupo Estrela Guia, o que só aconteceu em 21/12/2012.

Retomei meus contatos com as folias em 25/08/2012, depois de um mês distante da cidade. Nesse dia fui conhecer José Quintino, o dono de folia mais velho da cidade que mantém o único grupo da zona norte, no bairro Amazônia. O mais interessante foi perceber como José Quintino era o que mais insistia no discurso de se manter a folia em sua originalidade e tradição e ao mesmo tempo relatava sua vontade em construir um museu sobre Folia de Reis em sua casa. A preservação da festa se mostra também no caderno em que ele escreve todos os versos das toadas que canta e nos planos que faz de comprar uma câmera filmadora para gravar seu grupo cantando esses versos na íntegra para que possam ser disponibilizados na internet. Em uma das reuniões da Associação, em dezembro, José Quintino me falou também de sua ideia de publicar um livro com seus versos já escritos.

Os dois foliões mais velhos, Domingos e José Quintino, foram os únicos que me apresentaram suas folias sozinhos. Todos os outros grupos me receberam com pelos menos três de seus integrantes. Para mim, aquele pareceu um primeiro reflexo de como há um sentimento de pertencimento à folia mais forte nos grupos que têm uma relação mais intensa com seus bairros.

Em 02/09/2012 fui ao bairro Teixeira conhecer a Folia Estrela de Belém. Era dia de ensaio e por isso cheguei um pouco mais cedo para conversar com Cláudio Egídio, o dono do grupo. Quando cheguei ao endereço perguntei por ele, mas um rapaz me respondeu que ali, de

Folia de Reis, só tinha o Kinó. Como o Adão já havia comentado sobre o Kinó, deduzi que se tratava de fato da mesma pessoa. Ali comecei a me acostumar com os apelidos, já que a maioria dos integrantes das folias têm um e nem sempre fazem referência direta a seus nomes (Kinó é também conhecido como Arara). O ensaio não recebeu muita gente, basicamente os componentes do grupo. Como sua esposa estava viajando, Kinó preparou a comida para o grupo, com a ajuda de uma vizinha e amiga. Durante dez anos a folia de Kinó teve a participação de uma mulher, que se vestia de palhaço. Iana parou de sair com a Folia de Reis quando se converteu evangélica.

No dia 18/09/2012 fui pela primeira vez a um ensaio na casa de Adão. Retomando minhas anotações do caderno de campo vejo como minha relação com os componentes do grupo ainda era distante, já que nem mesmo o nome de todos eu sabia, tendo sempre a figura de Adão como referência: “a mulher de Adão”, “a nora de Adão”, “o filho mais novo de Adão”, etc. Outra diferença que é possível notar é a própria participação de Bel, que a partir do fim de 2012 e em 2013 assume uma posição de liderança maior no grupo, principalmente quando comparado com este ensaio, em que ele canta apenas uma das toadas, no final. Além disso, Adão é o único a fazer os informes ou a chamar a atenção do grupo para alguma questão a ser resolvida, tarefa que hoje é dividida com Bel.

Neste dia também, Igor, que assume a função de bandeirista em 2013, ia ao seu primeiro ensaio para tocar o chocalho e Adão lhe pedia para prestar atenção nos foliões cantando porque assim aprenderia as letras das toadas. Além disso, comecei a perceber melhor a relação do bairro com a folia, já que contabilizei cerca de 40 pessoas que não pertencem ao grupo, mas que foram participar do ensaio.

No dia seguinte participei pela primeira vez de uma reunião da Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora. Na ocasião comecei a perceber como as questões das brigas envolviam contextos que iam além da festa e como a relação de André com os outros foliões se desgastava um pouco quando ele tinha que fazer o papel de mediador entre os grupos e o poder público. Por isso, essa reunião realizada no auditório da Funalfa, no início da noite, contou com a presença do presidente da Funalfa, Toninho Dutra. Uma maneira encontrada por André de mostrar aos foliões que a Funalfa cobra posturas das Folias de Reis e que, portanto, suas propostas para a Associação não são uma forma de beneficiar seu grupo, mas sim uma demanda do poder público. Neste caso, o objetivo da reunião era encontrar uma solução para as brigas que aconteceram no ano anterior.

Toninho sugeriu que cada grupo pensasse em uma forma de levar uma mensagem para construir um ambiente de paz durante o encontro, e comunicou que a Funalfa ficaria responsável por elaborar, pela primeira vez, um material gráfico sobre o encontro desse ano. Palavras como “exclusão”, “punição”, “leis” e “regras” foram muito usadas por Adão ao dar sua opinião sobre como resolver a questão da violência. Toninho, no entanto, enfatizou que a Funalfa não estava exigindo que ninguém fosse excluído da festa, mas que todos encontrassem juntos uma solução para esta questão. Domingos, José Quintino e Branco se manifestaram para dizer que seus grupos nunca se envolveram em brigas.



Fotos 7 e 8: Lados externo e interno do panfleto de divulgação do Encontro de Foliões de 2013<sup>40</sup>.

Após a saída de Toninho, a reunião continuou apenas com os foliões. Momento em que eles aproveitaram para tratar de assuntos que não são ditos na frente do presidente da Funalfa, como o fato de que, como lembrou André, o grupo do Furtado não se envolve em brigas porque todo mundo sabe que eles não “deixam barato” qualquer tipo de provocação, “não ficam no 0x0”. André ressaltou também que nos bairros onde há apenas um grupo, este se beneficia. Isso porque esse grupo não se encontra com outras folias durante o período em que já está em Juiz de Fora. Além disso, na zona sul, os boatos de que alguém que bater no palhaço de outro grupo começa ainda quando as folias estão na roça<sup>41</sup>.

Em 13/10/2012 liguei para Marley para confirmar o ensaio do grupo do Carrapatim. Por telefone ele me contou sobre a morte do irmão mais novo no dia anterior e falou que não sabia quando iria ter ensaio ou se o grupo ainda iria sair em 2012. Perguntei como ele tinha morrido e Marley falou sobre o assassinato e as brigas de bairro. Foi a primeira vez que me

40 Material produzido pela Funalfa. Foto da autora, dezembro de 2013.

41 “Estar na roça” é a forma como eles se referem ao período em que estão fazendo o giro nas pequenas cidades do interior de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

deparei com a questão da violência entre os jovens que participam da folia.

No mesmo dia conheci a Folia do Dé, do bairro Vale Verde, criada em 2009. Seu avô, o qual não chegou a conhecer, tinha um grupo no bairro Sagrado Coração, que depois foi comandado pelo seu tio e que parou de girar em 2011. Neste grupo também havia uma mulher que saía junto com o marido. Dé resolveu sair da folia de seu tio para criar um grupo só de jovens. Seu pai, que é palhaço há 28 anos, ainda hoje participa do grupo do filho. Dé, que é primo de André (presidente da Associação), me recebeu em sua casa junto com a mãe, o pai e o tio. A mãe de Dé, Fatinha, participou de toda a conversa, explicando, dando sua opinião e mostrando que, apesar de não ser componente do grupo, também sabe muito sobre folia. Responsável pela organização da festa de chegada, as mulheres ocupam um papel específico dentro do ritual<sup>42</sup>.

Dé aproveitou minha presença para falar sobre aquilo que acontecia na Associação e que ele não concordava – como a presença, segundo ele, de panelinhas –, acreditando que eu trabalhava na Funalfa, apesar de ter me apresentado quando liguei para ele pela primeira vez. O grupo de Dé, por ser recente, ainda está na fase de avaliação e por isso ainda não recebe ajuda financeira da Associação. Por causa das brigas, ele contou que evita ir nos ensaios dos outros grupos, já que acredita que o motivo dos conflitos é a fofoca criada justamente por aqueles que não participam da folia<sup>43</sup>. Outra justificativa dada por eles é a própria agitação dos palhaços. Ele lembra que na Charola de São Sebastião, que não tem a figura do palhaço, por exemplo, não tem briga. Além disso, a própria presença da polícia contribui para que se crie um clima de tensão<sup>44</sup>.

Nesse dia, Dé fez um pequeno ensaio nos fundos de sua casa. Foi a primeira vez que vi pessoalmente os palhaços brincarem o chule, bem como uma Catirina, e percebi como esse momento é esperado por aqueles que estão presentes e como também é animado. Cinthya, de

42 Quando perguntei para Virgínia, esposa de Adão, sobre o significado da Folia de Reis ela respondeu que não sabia e que isso eu tinha que perguntar para Adão. Ao mesmo tempo, ela sabe dizer quando um grupo está cantando certo ou quando está fazendo algo errado. Ela deixa para o marido a função de detentor do saber sobre a folia, ainda que ela também tenha conhecimento sobre ela.

43 Durante a jornada com o grupo de Adão, eles insistiram muito que era para evitar de se levar celular para o trecho. Isso porque os outros jovens que não participam da folia ficam ligando. Neste ano, ligaram para o celular de Yago para falar que um dos palhaços da folia de Kinó avisou que queria bater em Marley. Isso faz com que durante o período em que estão em Juiz de Fora se crie um clima de tensão e expectativa quando os grupos se encontram, ocasião em que um quer “tirar satisfação” com o outro, como quase aconteceu no dia do Encontro no centro da cidade.

44 Durante o Encontro de Folias no dia 5/01/2012, a Polícia Militar montada estava presente. Como os grupos vão a pé de seus bairros até o centro e muitos moradores da região os acompanham fazendo barulho, soltando foguete e gritando o nome do bairro, a cada vez que uma folia chegava na Praça Antônio Carlos, os policiais saíam correndo em direção a eles pensando que estava acontecendo alguma briga. Isso fazia com que as pessoas que já estavam na praça fizessem o mesmo, criando assim um pequeno tumulto ou um clima de tensão.

12 anos, irmã mais nova de Dé, além de tocar a caixa e o pandeiro, também era uma das agitadoras do chule.

No dia 20/10/2012 fui à casa de Adão conversar com ele sobre a escolha do grupo que eu havia feito para a pesquisa. Expliquei por que tinha escolhido seu grupo, se eu podia fazer a pesquisa com ele e pedi para que ele conversasse com os outros componentes, porque eu teria que viajar com eles. Adão disse que iria conversar com o restante do grupo e que por ele não haveria problema. Disse que mesmo nunca tendo colocado uma mulher na sua folia, a minha presença era justificável porque representaria Maria, a única mulher que consta na narrativa. Ele disse ainda que a única coisa que me pedia era que eu desse um retorno daquilo que eu fizesse, como fotos e vídeos. Porque outras pessoas já o procuraram e nunca mostraram aquilo que haviam feito. Marley também destacou isso em entrevista que fiz com ele já em 2013:

... já veio um montão de gente querendo saber. Você foi a única que deu o que a gente queria né, o retorno do que você fez né. DVD, as fotos, tá vindo pesquisar, mostrar as coisas, você é a única. Porque o resto, veio aí, levou nós pra fazer apresentação em colégio aí, meu pai já fez apresentação em colégio aí, mas morreu naquilo lá mesmo. Foi gravar em estúdio tudo aí, não teve retorno de cd nem nada. (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).

Também em entrevista, Virgínia conta que quando Adão falou que eu iria com eles, ela perguntou se eu aguentaria e Adão respondeu que sim, nesta época ele nem lembrava meu nome, me chamava apenas de jornalista. Durante a jornada aproveitei para perguntar para Adão Beirão e Washington na noite do dia 31 como tinha sido a conversa do Adão com eles sobre a minha ida. Eles contaram que ninguém foi contra, mas Adão Beirão disse que avisou a todos que não era para ninguém me desrespeitar.

No dia 03/11/2012 voltei à casa de José Quintino, no bairro Amazônia, para a comemoração de seu aniversário, que havia sido no dia 31. Ele é o único que ainda hoje me liga às vezes para saber como eu estou, por que eu sumi, se já terminei meu trabalho etc. José Quintino queria que eu visse seu grupo ensaiando, por isso aproveitou a data para reunir seus componentes. Conheci sua família e já fui convidada para o batizado de seus dois netos no dia 11. Compareci à igreja, mas não participei do almoço, ainda não me sentia à vontade para convites que não envolviam a Folia de Reis. Além disso, à medida que se aproximava dezembro, a quantidade de ensaios aumentava e por terminarem tarde e a demora de ônibus e distância da minha casa fizeram com que esses dois últimos meses fossem bem cansativos

para mim. A tudo isso se juntava o fato de que eu ainda estava cursando disciplinas no mestrado (o que se prolongou até janeiro, devido à greve), além de estar reformulando o projeto para a qualificação.

Em 08/11/2012 houve mais um ensaio na casa de Adão. Após a conversa dele com o restante do grupo, comecei a levar a câmera filmadora para os ensaios. A ideia inicial era a produção de um documentário com a participação dos próprios foliões. À medida que os dias passavam fui compreendendo a importância daquelas filmagens para o grupo enquanto um registro da folia. Para mim, aquele material se tornou uma forma de me aproximar dos componentes. Em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978), Malinowski relata como seu cigarro contribuiu na aceitação de sua presença pelos moradores das Ilhas Trobriand.

No meu caso, mais que as gravações, o que contribuiria para uma relação de confiança seriam os dvds com as fotos e vídeos gravados. Aos poucos fui percebendo que ter esses registros era mais importante para eles do que a produção de um documentário. Além disso, cheguei também à conclusão de que a ideia inicial em que os próprios componentes da folia participassem da elaboração do documentário não poderia ser alcançada já que todos eles estavam envolvidos e ocupados com suas funções dentro da festa. Diante disso, o documentário enquanto uma estrutura narrativa audiovisual foi uma experiência pessoal que, no entanto, não deixou de ser influenciada pela vivência obtida em campo.

Neste ensaio conheci os pais de Adão e conversei um pouco com a Virgínia, me aproximando mais dela. Marley da Folia do Carrapatim e Marlon da Folia do Furtado também estavam presentes. Inclusive, foi devido à presença recorrente de Marlon nos ensaios do Adão que eu voltei ao Furtado para acompanhar o ensaio deles. Fiquei com receio de não ir e Marlon achar que eu estava fazendo pouco caso do grupo deles. Ele me pediu que avisasse antes sobre o dia que eu fosse para que eles pudessem organizar o ensaio em um lugar mais espaçoso. No dia que eu fui o ensaio foi na rua, em frente a casa de Branco, uma travessa sem saída.

Três dias depois foi a vez de conhecer a Folia do Inferninho. “Por que essa rua tem esse nome?”, perguntei. “Porque cada dia é um B.O. Diferente”, me responderam em meio a risos. O grupo A Caminho da Salvação é um dos mais novos da Associação, com três anos de existência. Os donos do grupo Keké, Bruno e Damião saíam em outras folias. Em 2010 eles estavam ensaiando com Dé, mas ele desistiu de sair com a folia, então os três resolveram criar seu próprio grupo, que é comandado por jovens. André compareceu ao ensaio e cantou uma

toada com os meninos. Ele veio conversar comigo e disse que se eu quisesse acompanhar sua Folia de Reis durante o giro ele conseguiria lugar para dormir.

Muitas adolescentes foram participar do ensaio, fazendo inclusive gritos de torcida que falavam ou do Inferninho ou de alguns dos meninos do grupo. O sobrinho de Bruno, de apenas um ano, acompanhou todo o ensaio dançando. No final do chule ele foi para o meio da roda dançar, como o ensaio havia acabado Bruno foi pegá-lo e ele começou a chorar porque não queria parar de brincar.

No dia 16/11/2012 o ensaio da Folia do Adão foi na casa de Washington, um de seus componentes. A mãe dele faz questão de receber todo ano um dos ensaios. Nesse dia, na oração do início do ensaio Adão pediu graças à filha de Palito (que também é chamado de Cabide), que havia nascido morta (ver anexo 1), e a Zé Maria que havia sido preso e por isso não iria acompanhar o grupo esse ano. Depois do ensaio, enquanto comíamos, Adão Beijo, Geraldo e Washington contavam histórias sobre as festas dos anos anteriores, me falavam como é o giro e me davam dicas sobre o que levar. Nessa conversa comecei a me sentir mais à vontade com eles, principalmente por ver que estavam encarando minha ida sem muitos problemas.

Em 22/11/2012 houve mais um ensaio, dessa vez na casa do Adão. Seus pais compareceram novamente e nesse dia Sebastião conversou muito comigo sobre a folia. Em pouco mais de meia hora ele fez toda a narrativa da história de Jesus, desde o nascimento até a morte, utilizando passagens bíblicas a partir de uma linguagem próxima à sua realidade, mostrando como o povo reconstrói estes mitos a partir de um contexto concreto ao qual pertencem.

A cada ensaio percebia que minha relação com os foliões se tornava mais próxima. Dessa vez, mais alguns componentes brincaram comigo dizendo que como eu era novata teria que servir todo mundo durante o trecho. Aproveitei para marcar uma gravação com os palhaços montando as máscaras no dia 25, já que no domingo anterior Marley desmarcou comigo porque estava ajudando um amigo a encher laje.

No dia 25/11/2012 fui para a casa de Adão para fazer a gravação com os palhaços. Adão e Marley me confirmaram por telefone que eu poderia ir, quando cheguei lá estavam todos na casa do Neguim para sua despedida, que estava indo para o Haiti em missão da ONU por seis meses. Ele trabalha no Exército e não iria participar da folia em 2012 devido a essa viagem. Como estavam todos na festa e o dia estava chuvoso resolvi deixar a câmera na casa

de Adão e ficar com eles na despedida. Nesse dia conversei muito com Grace e foi a primeira vez que bebi cerveja com o pessoal da folia, me aproximando mais de alguns deles.

Quatro dias depois teve mais um ensaio na casa de Adão. Pela primeira vez levei meu computador para mostrar as gravações que já havia feito. Quando os foliões começaram a tocar, um dos antigos palhaços que frequentava alguns dos ensaios achou ruim que eu tirasse foto sem avisar. Isto, mais o fato de poucos deles ter um perfil no Facebook ou acessar com frequência a internet, me fez repensar inclusive sobre a função do documentário que pensava fazer. A relevância do simples registro, sem a divulgação na internet, era muito maior para eles. No entanto, devido à quantidade de material registrado em vídeo, optei por fazer as entrevistas com Adão, Bel e Marley e construir um documentário que aparece enquanto apêndice dessa dissertação. Uma forma também de disponibilizar um aspecto desta pesquisa em um formato diferente e mais acessível.

Em 06/12/2012 aconteceu o penúltimo ensaio do Adão. Pela primeira vez entrei na roda de oração. Ao final, Adão reuniu todos os componentes para conversar sobre as cidades escolhidas para a jornada (Cipotânea e Alto Rio Doce, sendo que nesta última o grupo já havia ido há quatro anos), como se comportar com os moradores que recebem a folia, a data marcada para a apresentação na praça Antônio Carlos, o horário de saída no dia 25, o uso de drogas durante o trecho e a minha presença no grupo. Adão destacou que não era para eles perderem sua liberdade por minha causa. Geraldo ainda falou sobre compromisso com horário e como seria a chegada do grupo em Juiz de Fora.

Em um dos ensaios na casa de Adão, Marley, do Carrapatim, me avisou que o grupo iria sair, mas que faria apenas um ensaio, que foi no dia 15/12/2012. Jonatas, Careca, Lê, Yago, Palito e Bibil (todos da Folia do Adão) estavam lá, Bel apareceu no final. Conheci os pais de Marley, Nino (que era palhaço na folia de Adão) e Rosa. Conversamos um pouco sobre a morte de Marlan e vi algumas fotos da folia deles. Na hora dos palhaços, Moi, primo de Marley, falou o verso que fez para o primo morto, como será visto no próximo capítulo. A maioria dos que estavam presentes chorou, inclusive eu. O ensaio terminou com um clima de tristeza e fui embora logo em seguida, depois de me despedir de Rosa.

No dia seguinte foi a vez do último ensaio na casa de Adão. Como tinha chegado cedo, ajudei a Suyan a picar tomate. Conversamos e ela perguntou de onde eu era porque tinha reparado que meu sotaque era diferente. Além de ser a única mulher no grupo, era também a única de fora de Juiz de Fora e de fora da comunidade. Acredito que tudo isso influenciava

minha relação com eles e mesmo sendo alguém diferente nesse meio, nunca tentei me tornar um deles. Ao mesmo tempo, fui conseguir ficar mais à vontade apenas depois que a festa acabou, quando já estava familiarizada com o grupo e já compreendia os processos presentes na festa. Isto porque, como lembra Whyte (2005, p. 299), o pesquisador nunca consegue estar completamente descontraído porque precisa “desempenhar um papel enquanto observa”.

Este ensaio foi o mais cheio que presenciei na casa de Adão, mais de 60 pessoas estavam presentes. Adão Beijo me apresentou sua irmã, Edna, e ela ofereceu sua casa para que eu passasse o Natal, já que minha família não é de Juiz de Fira e ficaria sozinha. Durante o ensaio fiquei dançando com o Jonatas, ainda hoje ele é um dos que mais tenho proximidade, no sentido de abraçar e conversar quando nos encontramos. Neste dia conheci sua mulher e sua filha de seis meses. Quando parei de filmar, ele, Edna e Rita (esposa de Zé Maria, que foi preso) me chamaram para dançar ao lado deles. Na hora do almoço estava comendo em pé na sala, Lê passou e pegou uma cadeira para mim. Durante a jornada ele e Bibil fizeram a mesma coisa, pediam coberta, que eu dormisse em um lugar mais confortável, ou mesmo que eu pudesse tomar banho quente.

Quando o ensaio acabou fiquei conversando com Adão Beijo, esperando a chuva passar. Ele falou que era muito sistemático, mas que gostava de conversar comigo e que eles não iam perder a liberdade só porque eu estava junto. Quando a chuva parou ele me acompanhou até o ponto de ônibus. Disse que no primeiro ensaio que eu fui que ele me viu sozinha no ponto, ficou preocupado “porque os meninos aqui do bairro mete a mão quando tem alguém que eles não conhecem” (Depoimento concedidos à autora durante pesquisa de campo em 2012). Adão me sugeriu ainda que eu não levasse o tripé da câmera porque no trecho o grupo não fica parado como no ensaio, eu ia carregar peso sem necessidade. Segui seu conselho e fiz todas as filmagens com a câmera na mão.

No dia 17/12/2012 aconteceu a reunião da Associação com três policiais da Polícia Militar. Antes de começar, André pediu para que todos levantassem para rezar o Pai Nosso e a Ave Maria. Em seguida, ele falou sobre a tradição das brigas dentro da Folia de Reis, dos problemas que já conseguiram resolver desde a criação da Associação e de outros que surgiram. Capitão França, da zona sul da cidade, falou que eles são pagos para atender a comunidade, levar segurança e que onde tem festa a PM está presente. Disse que a PM vai de acordo com o que os foliões querem com a festa. Que eles não vão interferir, mas que não vão “aturar” brigas. E se eles tumultuarem a festa vai acabar.

O capitão disse ainda que os próprios foliões devem cortar as pessoas que dão problemas e tumultuam, que a polícia tem que atuar de maneira preventiva e todo mundo que estiver no meio da confusão vai ser levado para a delegacia junto. Pediu que os grupos dessem as diretrizes sobre onde cada folia iria passar nos bairros para que eles pudessem organizar o policiamento, falar onde vai ter mais gente porque eles não podem acompanhar todas as atividades. André falou da dificuldade em se planejar assim por causa da própria lógica da folia.

França falou também que as providências que eles tomam são as que a lei exige. “Drogas nem pensar”. E deu o exemplo do boné de um dos meninos que tinha a folha de maconha, que isso passa uma imagem de criminoso e que ele poderia ser preso por apologia às drogas, sem negociação, nem meio termo. E que se alguém desse droga para outra pessoa, “pode ser meia bucha”, ia ser enquadrado como traficante.

André entregou uma cópia do regimento da Associação para eles, o capitão Polidoro leu e fez considerações sobre alguns pontos. França perguntou se a Associação tinha controle das pessoas que já se envolveram em brigas. André disse que sim e França explicou que punições administrativas devem ficar a cargo da Associação e não da Polícia. Ele elogiou a organização dos grupos e disse que só de ter a iniciativa em se fazer a reunião com eles já era bom.

A reunião seguiu depois que os policiais foram embora. Todos ali sabiam quem dos grupos usa drogas, André pediu para que eles tentassem resolver os problemas sem ter que chamar a polícia<sup>45</sup>. Disse que ali não tinha nenhum santo e afirmou que as decisões da Associação são tomadas coletivamente, que ela é um braço e não o poder. Por isso qualquer grupo poderia sair da Associação e continuar com a jornada da folia, mas que não poderia usufruir das vantagens da Associação. Em seguida fizeram o sorteio da ordem de apresentação dos grupos no dia do Encontro no centro. José Quintino pediu para ser o primeiro e todos concordaram.

No dia seguinte aconteceu uma reunião da Folia do Adão. Antes de começar conversamos e ele contou sobre as brigas de bairro. Sempre que tocávamos nesse assunto, eu

---

45 A polícia é vista por eles com desconfiança. Para André eles têm “meios de sacanear” quem os critica ou os enfrenta. “Pra você ter uma ideia, tinha uma chopada aqui em cima aqui, eu tenho 60% de certeza, não choveu, não teve nenhum problema sério, no dia da chopada que eles ... tava fazendo a rua qui no terreno lá, a luz do nada, na hora da chopada, a luz caiu, só daquele quarteirão onde ia ser a chopada, eu tenho certeza, 2 e 2 são 4 que foi a polícia militar que entrou em contato com a Cemig e pediu pra eles interromper a luz daquela região, pra quê? Pra que aquele evento não desse tão certo do jeito que ia dar, certo. Evitasse do evento bum, certo. Acabou, é assim que eles agem.” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).

dizia que não entendia por que eles brigavam, tanto os jovens como as folias. De certa forma, para eles, não fugir de uma briga é uma maneira de ser respeitado dentro da comunidade. Durante o giro, na noite de 31 de dezembro, Adão Beijo e Washington me perguntaram por que eu havia escolhido a Folia do Adão para acompanhar. Expliquei que queria acompanhar a folia mais antiga da Zona Sul e que isso era uma conquista do grupo que não tinha relação com as brigas.

Durante a reunião falaram que um garoto do bairro Santa Luzia avisou que iria bater em Meninico, um dos palhaços que sairia no grupo de Adão, se eles passassem por lá. Washington lembrou que eles tinham combinado que quem tivesse problema com briga de funk não poderia sair com o grupo, mas todos concordaram que não dava para cortá-lo em cima da hora. Comentaram sobre o risco do menino estar armado e que eles não deixariam Meninico apanhar. Fu, outro palhaço, me perguntou se eu acompanharia o grupo todos os dias porque em Juiz de Fora a folia deles era muito visada e por isso me pediu que eu estivesse sempre perto deles.

Depois dessa reunião fiquei bastante preocupada em acontecer alguma briga durante o giro. Apesar de estar mais à vontade com a maioria deles, a minha inserção no grupo era recente, não sabia sequer o nome de todos. O medo de acontecer alguma tragédia devido às brigas se misturou com a ansiedade pelo trecho. Qualquer desentendimento meu com algum dos foliões poderia prejudicar minha pesquisa ou mesmo inviabilizá-la. Somava-se a isso o desgaste da própria jornada. Sempre tinha alguém me perguntando se eu aguentaria acompanhar os doze dias. O fato de ser a única mulher em meio a dezessete homens se tornava um problema menor, mas ainda assim me acompanhava. Pela primeira vez eu passaria o Natal longe da minha família e o cansaço em dezembro só aumentava devido à grande quantidade de reuniões e ensaios.

Em 21/12/2012 fui ao ensaio do Furtado, em frente a casa de Branco, dono do grupo. Um dos meninos disse que aquela rua sempre dá problema, mas que no dia do ensaio nunca tem nenhuma confusão. Enquanto o ensaio não começava tocava funk nas caixas de som montadas. Meninico estava lá e alguns jovens do Bela Aurora que frequentam os ensaios no Adão também. Acompanhei o grupo cantar quatro toadas e quando eles pararam fui embora porque minha pressão havia baixado devido ao cheiro da maconha. Um dos meninos me acompanhou até o ponto de ônibus. No dia seguinte, na reunião da Associação, Branco me contou que o ensaio terminou às 5 horas da manhã.

Fiquei sabendo dessa reunião pelo Domingos porque no mesmo dia eu ia para sua casa acompanhar o ensaio de seu grupo. Combinei então de encontrar com ele na Funalfa, onde seria a reunião, e pegar uma carona até sua casa. Quando cheguei no Parque Halfeld, Pepê do Dom Bosco, Marley do Carrapatim, Domingos e José Quintino estavam juntos esperando André chegar. A Folia de Pepê foi a única que eu não consegui visitar porque ele não tem celular e eu nunca consegui encontrá-lo em casa quando ligava lá. Ficamos conversando sobre Folia de Reis e José Quintino falava que as folias de hoje não seguem a tradição, mas que a folia dele seguia. Falei que era difícil continuar com a festa exatamente como era, mas ele insistiu que o grupo dele conseguia e que iria deixar tudo escrito para que seus netos seguissem a tradição. Já Domingos dizia que a folia sempre muda, inclusive de região para região, por isso devemos respeitar. Os dois ficaram conversando sobre antigos mestres foliões de Juiz de Fora e de cidades vizinhas.

Quando André chegou chamou a atenção de Domingos porque ele não estava com seu mestre de palhaços, que estava trabalhando. Todos subiram e André entregou as licenças dos grupos e o dinheiro de cada um e falou mais uma vez sobre brigas. Marley avisou que o grupo do Carrapatim não iria se apresentar no centro, todos concordaram que era melhor para evitar brigas durante o Encontro. Puniram o grupo com 200 reais e André avisou que eles teriam o ano de 2013 para resolver esse problema. Entreguei para Adão um dvd com os vídeos dos ensaios e ele me chamou para ir na casa dele no domingo porque os meninos iam terminar de montar a bandeira. Depois fui para o ensaio de Domingos.

No caminho ele me perguntou porque eu havia escolhido o grupo de Adão, expliquei e ele brincou que se soubesse que eu iria acompanhar uma das folias, ele teria feito alguma coisa para que eu escolhesse a sua. Mais tarde disse que tinha ficado feliz com a minha escolha porque Adão também conhece muito de Reis e tem uma folia antiga. No ensaio estavam apenas os componentes do grupo, oito pessoas, sendo três mais velhos, um jovem e quatro crianças, a família de Domingos e a mãe de um dos meninos. Eles tocaram quatro toadas e depois o chule. O mestre de palhaços trabalha no Cemitério Municipal e disse a Domingos que não sabia se ia poder acompanhar o grupo por causa do trabalho. Os mais jovens ainda não tinham domínio dos instrumentos, mas dois deles se revezaram em instrumentos diferentes e ainda pularam o chule, depois me mostraram suas máscaras. Quando o ensaio terminou fiquei conversando com Domingos sobre a Associação e as folias. Depois ele me levou até perto da minha casa.

No dia seguinte liguei na casa de Adão para perguntar se ele havia testado o dvd. Marley atendeu e disse que eles estavam assistindo e que os vídeos tinham ficado muito bons. Adão perguntou se eu iria para a casa dele e eu avisei que já estava indo, que era para Bel me esperar chegar antes de começar a fazer a bandeira. Jonatas, Palito, Fu e Bibil também apareceram na casa de Adão. Almocei com a Virgínia e passei a tarde com eles.

Este foi o último dia de pesquisa de campo antes do início da jornada. Esta parte do processo foi de grande importância para a compreensão das relações de parentesco e amizade não só no grupo de Adão, mas entre as diferentes folias. Além disso, neste período comecei a entender como se dava a dinâmica da festa e como ela fazia parte do cotidiano dessas pessoas ao longo do ano. Pude me familiarizar com as expressões usadas para nomear os elementos do ritual, as letras das toadas e os versos dos palhaços.

Essa convivência permitiu ainda compreender um pouco quem eram essas pessoas, em que trabalhavam, com o que não estavam satisfeitas, etc. Contexto que permitiu, após a jornada da folia e ao retomar as anotações do campo, delimitar as categorias de análise que serão apresentadas no próximo capítulo. E ainda supor que essa busca de respeito por meio de brigas pode ser consequência da falta de respeito vivenciada cotidianamente por esses sujeitos que não têm acesso a um sistema de ensino, de saúde ou transporte público de qualidade, que trabalham nos finais de semana, ou precisam sair de casa às 5h da manhã para chegar ao serviço, entre tantas outras dificuldades encontradas em seu dia a dia.

No dia 25/12/2012, às sete horas da manhã estava chegando na casa de Adão. Seu pai me encontrou no caminho e a primeira coisa que falou foi do tamanho da minha mochila, que eu não conseguiria carregar. Quando a van chegou perceberam que havia mais gente para ir do que vagas. Me ofereci para ir de ônibus, mas como faltavam mais dois lugares Washington ofereceu para ir em seu carro, o que facilitou o trecho já que nossas mochilas ficavam no porta-malas enquanto a folia fazia o giro pelas cidades.

O ritual descrito no capítulo anterior se repetiu pelos doze dias. Com a câmera na mão, me colocava sempre atrás do grupo porque tinha receio em atrapalhar de alguma forma, já que era a primeira vez que a folia ia a Cipotânea e eles chegam sem avisar qualquer pessoa. Neste processo, como diz Adão, eles ensinam os moradores o que é a Folia de Reis. Além disso, achava a câmera algo invasivo, o que poderia atrapalhar a recepção do grupo por algum morador. Isso fez com que eu deixasse de filmar alguns momentos da festa, principalmente aqueles de descanso, em que o grupo não estava tocando.

No entanto, isso fazia com que eu me dedicasse às conversas com os componentes, com os donos das casas e com a observação direta, convivência de extrema importância não só para mim, enquanto pesquisadora, mas para o próprio processo da festa. Foram também nesses momentos que Jonatas pegou a câmera para filmar, o único que tomou tal iniciativa, ainda que alguns deles tenham dado opinião sobre como eu deveria filmar algumas situações do ritual. A câmera se tornou também um termômetro da relação deles comigo. À medida que os dias iam passando, eles passavam a conversar com a câmera enquanto eu filmava.



Foto 9: Jonatas filmando Careca<sup>46</sup>.

Como estava sempre com o grupo e não estava ocupada tocando ou cantando, muitas pessoas vinham até mim para perguntar o que era aquilo, seu significado e de onde eram. Tentava sempre responder da forma como eles explicavam. Essa interlocução fez com que em alguns momentos eu conseguisse lugar para o grupo dormir ou comer, mas sempre pedia para algum dos palhaços conversar com a pessoa que ofereceu. Ao mesmo tempo em que procurava não interferir, eu já fazia parte de alguma forma daquele grupo.

No quinto dia de giro, em uma capela de Cipotânea, Adão apresentou o grupo para todos que estavam presentes. Quando chegou minha vez explicou que eu estava fazendo um trabalho para mim e para eles também. Segundo Whyte (2005, p. 283), o pesquisador “tem um papel a desempenhar” durante o campo e Adão tinha consciência dele.

Por ser a única mulher, muitos me perguntaram se eu era casada com algum deles. Os donos das casas que ofereciam alojamento também sempre me colocavam em algum lugar mais confortável. Enquanto eles ficavam na varanda ou na laje, eu ia para um quarto ou para o

<sup>46</sup> Em Cipotânea, Jonatas filma Careca mandando recado para família de Juiz de Fora. Foto da autora, dezembro de 2012.

sofá da sala.

Ao fim da festa, a convivência intensa proporcionada pelo giro mudou minha relação com todos do grupo e também com os familiares e moradores do bairro. Eu passei a fazer parte das brincadeiras, entendia as piadas e era parte das histórias contadas. Isso porque eu havia gastado tempo com essas pessoas, condição necessária, segundo Whyte, para “conhecê-las, encaixar-me em suas atividades” (ibidem, p. 295). E essa relação foi criada com pessoas que, de alguma forma, têm um papel importante em suas comunidades, como será visto no próximo capítulo.

Enquanto fazia a pesquisa de campo ia montando um quebra-cabeça com as informações soltas que chegavam até mim. Evitava fazer perguntas principalmente de temas delicados como drogas, mortes e prisões. A confiança e a liberdade adquiridas durante a festa possibilitou que questões que eu não consegui compreender sozinha fossem respondidas nas entrevistas que fiz quatro meses após o término da folia. A análise, antes pensada por meio da divisão temporal entre ensaios e giro, foi substituída pelas categorias que serão apresentadas no próximo capítulo. Com a análise do caderno de campo e as entrevistas realizadas foi possível elaborar a interpretação da Folia de Reis e seu contexto a partir de temas como o bairro, a mídia, a Associação, a violência e religião, sendo que alguns desses aspectos não se mostravam tão visíveis no início da pesquisa.

É interessante observar que a festa em si, apesar de ser a parte mais espetacular do processo de pesquisa, se apresentou enquanto um elemento dentre outros na identificação destas categorias. Os doze dias de jornada foram fundamentais para a construção de uma relação de afetividade com os foliões e, principalmente, com Adão e sua família, já para a coleta de dados eles se apresentaram enquanto mais uma etapa tão importante quanto as outras. E incluo aqui todo o período posterior à festa, no qual continuei frequentando a casa de Adão seja por causa de aniversários, seja devido aos preparativos para a festa seguinte, ou ainda a exposição fotográfica que fizemos na casa de Adão com as fotos tiradas durante a jornada que participei.

Dar continuidade a esta convivência mesmo depois de terminar a coleta sistemática de dados possibilitou compreender os momentos nos quais me senti mais afetada durante a pesquisa de campo e que por isso à época não podia compreendê-los. Um exemplo foi o ritual de entrega da bandeira, no último dia da festa, em 06/01/2012. No dia em que o grupo chegou a Juiz de Fora, três dias antes, machuquei meu joelho. Com a ajuda dos foliões consegui

acompanhar o grupo pela cidade durante todo o dia, até que eles pararam para se preparar para o encontro de folias no dia 05. Fui para casa e passei o dia fazendo compressa de gelo e passando remédio, já que ainda faltava um dia para acompanhar. No sábado reencontrei a Folia do Adão ainda com o joelho inchado e os acompanhei mancando desde o fim da apresentação até a entrega da bandeira no dia seguinte, sem parar. No momento da oração final em que cada componente vai até a bandeira, dois deles me falaram para que eu também fosse e pedisse que Santos Reis ajudassem a melhorar meu joelho. Muitos deles choravam (como já haviam me avisado) e quando chegou minha vez não foi diferente. Aos prantos já não conseguia conversar e mal pude almoçar. Não sabia se chorava pela dor, pelo cansaço, por ter conseguido acompanhar, por não ter tido problema com ninguém ou simplesmente porque estava tão afetada quanto eles no momento de entrega da bandeira.

Afetada no sentido dado por Fravret-Saada (2005, p. 160), em que “os aspectos não verbais e involuntários da experiência humana” se sobressaem invadidos pelos afetos do pesquisador. Para a autora, “... quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo [...] Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer” (opus cit, p.160). E ainda que a intensidade afetiva não apareça de forma clara no texto do próximo capítulo, as informações trazidas por elas foram de fundamental importância para as análises realizadas.

## 4. A FOLIA DO ADÃO

A Folia de Reis Sinal dos Três Reis Magos do Oriente foi criada no início da década de 1990. Não se sabe ao certo o ano de sua criação, as lembranças de Adão só lhe permitem dizer que, à época, seus dois filhos mais velhos já haviam nascido. O grupo é conhecido como a Folia do Adão, mestre folião e seu criador junto com Rivelino, o mestre de palhaços que continuou no grupo até início dos anos 2000.

A vinculação de seu nome ao do grupo de folia se deve não só à sua atuação no bairro onde vive, mas também aos vários anos de Folia de Reis que Adão carrega, já que participa da festa desde seus sete anos de idade. O primeiro grupo de que fez parte foi o de seu avô Guiomar Augusto da Silva, no bairro Teixeira, onde foi mascote de palhaço. Seu pai era o mestre folião e um de seus irmãos, o mestre dos palhaços. Neste ano, e durante os outros seis seguintes, saiu com a folia para pagar a promessa de uma de suas irmãs<sup>47</sup>.

Com o fim do grupo de seu avô, Adão e seu pai, Sebastião Silva, fizeram parte de outras Folias de Reis da cidade que hoje não existem mais como as dos bairros Jardim Gaúcho, São Bernardo e Progresso. Adão ainda ajudou a criar o grupo do bairro Santa Efigênia que hoje pertence a André, presidente da Associação, no bairro Bela Aurora.

Além disso, vários foliões e palhaços dos grupos existentes hoje já participaram da Folia do Adão. O grupo Viagem dos Três Reis Magos do Oriente, mais conhecido como Folia do Carrapatim, por exemplo, foi criado por iniciativa de jovens que participavam do grupo de Adão, sendo que um de seus mestres é filho de Nino, que saiu por muitos anos como palhaço na Folia Sinal dos Três Reis Magos do Oriente.

Devido aos quase 40 anos de vivência na Folia de Reis de Juiz de Fora, a história de Adão se entrelaça com a de outros foliões, como será visto a seguir nas análises acerca de seu grupo, e também com a de outros aspectos da cidade nos quais a festa se insere.

### 4.1 Comunidade

Para entender a formação e constituição das cidades brasileiras hoje é imprescindível conhecer como se deu seu processo de ocupação, principalmente em seus bairros populares, sendo o êxodo rural o principal motivador da existência de muitos deles. Da mesma forma

---

47 Segundo Gomes e Oliveira, “é comum – dentro da concepção de promessa como empenho coletivo – que uma pessoa faça uma promessa para a outra cumprir, isto é, os vínculos de pertencimento autorizam que se empenhe a palavra do outro” (1995, p. 95).

que se desenvolveu a ocupação do campo no processo de povoamento do interior do Brasil, a chegada de famílias a cidades de grande ou médio porte se caracteriza pela instalação em espaços onde o poder público não se faz presente, adquirindo assim a lógica que tais grupos implementam no local. É o caso, por exemplo, do Bela Aurora, bairro que abriga duas folhas de Juiz de Fora, sendo uma delas a de Adão. Virgínia, sua esposa, lembra que o local “antes era terra né porque não tinha asfalto e nem casa [...] não tinha colégio, não tinha nada, isso aqui era tudo mato”. (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).

Quando o Estado se faz finalmente atuante neste espaço, precisa lidar com esquemas de organização da vida comunitária que desenvolvem formas próprias de associação, bem como de conquista de direitos básicos para garantir sua permanência em determinados locais. No caso do Bela Aurora, foi escolhida uma pessoa para se responsabilizar pelo bairro e “pedir ajuda à Prefeitura [...] eles escolheram seu Chiquito porque seu Chiquito ia na cidade fácil, não pagava ônibus”. O asfalto, por exemplo, foi conseguido há menos de dez anos. Este encontro entre o poder público e os moradores se dá portanto em meio a tensões e conflitos entre esses grupos sociais em um contexto que envolve a disputa pelo espaço, tanto físico, quanto simbólico. “Na época não era de comprar, era de invadir e ficar. Aí depois eles não conseguia tirar. [...] esse [terreno] aqui ele ficou vazio muito tempo e muito mato, o pai limpou e cercou. E nunca mais ninguém tirou porque não tinha dono. Aí que nós ficamos” (Depoimentos concedidos por Virgínia em entrevista à autora em 2013).

Tal disputa se dá pela tentativa de se construir uma ideia de cidade que seja homogênea e unívoca. No entanto, a cidade é a conexão de espaços que se diferenciam entre si e que muitas vezes não se enquadram naquilo que a administração central determina, mas que ao mesmo tempo se superpõem na construção de uma história comum. Essa pluralidade de modos de ocupar o espaço instaura formas de existir espacialmente, sem que essas particularidades se isolem das demais relações vivenciadas na cidade e também com o mundo rural que ainda resiste no contexto contemporâneo e insiste em se apresentar nos modos de vida urbanos.

Neste sentido é possível perceber como se dá os processos de apropriação dos equipamentos de estado considerados tipicamente urbanos e como são construídos os sentimentos de pertença de um grupo social em relação a um determinado lugar. Diante disso compreende-se como os moradores de bairros populares conseguem viver em uma lógica distinta daquela das regiões centrais da cidade ou dos bairros ricos ou mesmo dos

condomínios fechados que constituem o que Caiafa (2007, p. 23-24) chama de “anticidade”, caracterizada pela privatização do espaço público, o que diminui as oportunidades de encontro com o Outro, tendo como grandes aliados “a televisão familiar e a comunicação por computador”, produtores de uma ilusão de alteridade.

Se o centro representa a cidade no que ela pode oferecer de mais urbanizado e modernizado, já que concentra os equipamentos do Estado, bem como os centros comerciais e financeiros, os bairros se apresentam como a própria extensão da casa de seus moradores, onde todos se conhecem ou são ainda parentes. Marley destaca isso quando fala sobre os integrantes da folia de seu pai.

a maioria da folia todo mundo mora perto né. Todo mundo. Aqui em casa é tipo uma pensão, eles tá sempre aí. É, não tem muita distância nossa no dia a dia não. Todo dia um vê o outro, conversa muito. Sempre teve convívio desde pequeno, entendeu. Todo mundo. (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).

Essa rede de relações fortalece um modo de vida que pode ser entendido mesmo como resistência a essa anticidade e sua lógica de exclusão de determinados grupos sociais no acesso a bens e serviços. É nesse aparente isolamento dos grupos populares em seus bairros que são reforçados os símbolos e códigos próprios da comunidade, em uma perspectiva relativamente autônoma.

A cidade é, no sentido forte, 'poetizada' pelo sujeito: este a refabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço. O bairro é, por conseguinte, no sentido forte do termo, um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo da privatização do espaço público. (MAYOL, 2011, p. 45).

Quando Virgínia diz que uma das coisas que gosta de fazer em seu tempo livre é sentar-se à porta de casa para conversar e beber cerveja, ela reproduz uma lógica de ocupação do espaço urbano onde o coletivo é produzido a partir da alteridade e a relação desses sujeitos com a cidade se reforça já que “a força criadora das cidades vem precisamente de se chamar à rua e de se ocupá-la” (CAIAFA, 2007, p. 25). No entanto, é preciso destacar que tal ocupação se dá em um ambiente que lhe é favorável já que é realizado em meio a relações e lugares que lhes são familiares.

Essa lógica própria de ocupação urbana delimitada pelo espaço do bairro tem como figura central o “homem pessoalizado”, que está inserido em um contexto sócio-cultural específico e compartilha das regras de convivência do grupo social ao qual pertence por meio

de um contrato coletivo implícito que, quando quebrado, é resolvido também de forma coletiva. Tal acordo é aprendido de forma natural e é transmitido por meio da tradição dos valores compartilhados através da convivência e da reprodução de tais normas no dia a dia da comunidade. Essa coexistência concreta em um mesmo território urbano é, segundo Mayol, marcada pela moradia fixa, pelo costume recíproco da existência de uma vizinhança, pelos processos de identificação entre esses sujeitos e pela proximidade física.

O bairro é uma noção dinâmica, que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação. A trivialidade cotidiana desse processo, partilhado por todos os cidadãos, torna inaparente a sua complexidade enquanto prática cultural e a sua urgência para satisfazer o desejo 'urbano' dos usuários da cidade. (idem, 2011, p. 41-42)

Para este homem pessoalizado, o bairro é portanto “uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (opus cit, p. 40). É ao mesmo tempo o espaço público compartilhado por várias pessoas, mas também o espaço privado particularizado pelo seu uso cotidiano. Aqui, lembra Mayol, público e privado não são compreendidos a partir de uma perspectiva antagônica, ainda que coexistentes, mas sim na interdependência de ambos, no qual um não tem significação sem o outro.

Pelo fato do seu uso habitual, o bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço público. Trata-se de um dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou mesmo, por extensão, o resto do mundo) [...] O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora. E é na tensão entre esses dois termos, um *dentro* e um *fora*, que vai aos poucos se tornando o prolongamento de um dentro, que se efetua a apropriação do espaço. (opus cit, p. 42)

Diferentemente dos indivíduos anônimos que circulam na anticidade, o homem pessoalizado está vinculado a uma cadeia de pessoas que possuem suas próprias histórias, estando estas intimamente ligadas umas às outras. O bairro é portanto o elo nas relações afetivas que se constroem no eixo “eu-família-mundo”, no qual as posições individualizadas são sempre compreendidas no contexto mais amplo da comunidade (GOMES e PEREIRA, 1995).

Ainda que o bairro se transforme em uma extensão da casa, esse encontro com o Outro, por mais familiarizado que seja, não está isento de conflitos e tensões, além de ser o momento de assimilação das subjetividades desse Outro. À medida que novos elementos da

vida moderna se inserem no contexto de vida de uma determinada comunidade, seus moradores se inserem em um contexto permanente de ressignificação das condutas coletivamente aceitas, bem como de criação de novas normas comunitárias, ainda que implícitas.

Compreender o bairro a partir desta perspectiva contribui na elaboração das interpretações que podem ser feitas acerca das relações entre as Folias de Reis de Juiz de Fora e os bairros onde elas se encontram, a começar pelas relações de parentesco entre integrantes de grupos distintos. Em um exemplo de inspiração drummondiana é possível fazer uma pequena quadrilha: André, de uma das folias do Bela Aurora, é primo de Dé, da Folia do Vale Verde, cujo sobrinho é filho de um dos integrantes da Folia do Carrapatim do Ipiranga, cujo dono é primo da nora de Adão, da outra folia do Bela Aurora, que mora em frente ao antigo bar de Kinó, da folia do Teixeiras.

A brincadeira ilustra a complexidade da rede de relações existentes entre os grupos, além de vincular a trajetória pessoal de seus integrantes. Essa rede, ainda que parte estruturante das Folias de Reis, é conhecida apenas por seus membros, familiares e alguns amigos, passando despercebida tanto para as pessoas que recebem os grupos em suas casas, quanto pelo poder público. A própria história da Folia de Reis em Juiz de Fora se confunde com o movimento de ocupação de seus bairros, logo os problemas que acometem esses espaços vão influenciar diretamente a própria realização da festa, podendo determinar inclusive o fim de um determinado grupo.

A folia e o bairro se confundem também no que se refere a um *status* de autoridade adquirido pelos donos das folias e que se estende para a resolução de conflitos comunitários. A sabedoria em relação à festa é requisitada em outros momentos da vida cotidiana que são alheios ao período festivo, mostrando como a hierarquia construída entre os membros da Folia de Reis é reproduzida nas relações sociais do dia a dia da comunidade. Esse *status* se estende também às suas famílias, que passam a ser reconhecidas em outros grupos devido à Folia de Reis.

Desde quando eu comecei a sair com Folia de Reis, fiquei afamado por aí, já não saiu mais isso da minha vida, isso aí já é um traço que eu tenho no sangue, na pele, no jeito de ser, na alma. Você pode tá lá no centro lá, se você pegar o ônibus do Bela Aurora vindo de lá pra cá, do Manuel Honório pra cá, você já pode perguntar alguém se ele conhece o Adão da folia que vai ter alguns que vai te indicar, criança, senhoras, senhores, alguém vai falar, ah eu conheço, eu sei onde que ele mora. Isso aí já é uma coisa na minha vida já, ninguém não deixa de me encontrar, tenho certeza e assim vai ser meus

filhos também, vai ser meus filhos. (Depoimento concedido por Adão em entrevista à autora em 2013).

Todo mundo me conhece mais por causa da Folia de Reis né, do meu pai. (Depoimento concedido por Marley em entrevista à autora em 2013).

[...] todo lugar que eu chego os outro fala aquela ali, você é mulher do Adão né. Outra hora eles fala assim, aqui eu tô te conhecendo eu acho que, você é mulher daquele Adão que tem uma Folia do Riquitiqui? (Depoimento concedido por Virgínia em entrevista à autora em 2013).

Além disso, ao levar o nome do Bela Aurora para outros bairros de Juiz de Fora e mesmo para outras cidades, Adão acredita estar cumprindo uma importante função para sua comunidade. A partir da festa ele consegue se relacionar com outros grupos sociais e com isso aumentar suas fronteiras de influência, ampliando ainda mais o reconhecimento que ele tem no Bela Aurora, o que ajuda a fortalecer também a imagem do seu grupo de Folia de Reis que, com isso, consegue se manter em atividade, o que possibilita levar seu grupo para mais lugares diferentes, conhecendo assim mais pessoas, de forma circular.

eu levo o nome do Bela Aurora rapaz aonde vocês nem vai, mas se eles forem em certos lugares assim assim, vocês pode ir que lá vocês já tão conhecido, tenho certeza, sabe como. Então eles me vê como uma pessoa que eu pratico algum bem pra minha comunidade sabe.

[...]eu posso trazer gente lá do outro bairro pra cá, eu posso trazer sabe porque é eu tenho a minha fama boa não é só aqui que eles conhece não. Eu tenho fama boa também em outros lugar e muitas das vezes é lugar que pessoas daqui que tá aprontando aqui nem conhece, tá aprontando aqui e nem conhece, nunca foi lá onde que eu vou, sabe como. Então eu tenho esse direito, sabe como. É por isso que tem a ver com a minha folia, sabe. E acho que eles me veem assim como uma pessoa capaz né, capaz porque eu tenho um grupo, eu consigo juntar as coisas sabe, eu consigo juntar as imagens de comunidades, de parentes, sabe, parentes. (Depoimentos concedidos por Adão em entrevista à autora em 2013).

Da mesma forma, a festa serve como uma forma de reunir não só os integrantes dos grupos, mas também amigos, vizinhos e familiares. Alguns ensaios dos grupos ao longo do ano chegam a atrair de 30 a 50 pessoas que acompanham tanto o canto das toadas como o momento do chule. Para Adão, inclusive, muitos acompanham a festa mais pela amizade do que por algum tipo de devoção aos Reis Magos. Assim, o bairro fortalece o reconhecimento da festa e esta motiva o reforço dos laços de amizade e parentesco, em um movimento dialógico.

É devido a este embricamento entre Folia de Reis e bairro que determinadas questões relativas à vida urbana, como a violência, não poderiam deixar de afetar diretamente a festa, como será visto no tópico seguinte.

## 4.2 Violência

Na Folia de Reis de Juiz de Fora é possível perceber a presença de dois tipos de violência. A primeira seria aquela aceita dentro da festa, em que há disputas entre dois grupos. Essa inclusive é justificada pela tradição da folia e está presente em outras festas populares desde suas origens na Europa.

A tradição da região diz que, ainda na época em que as folias saíam pelas fazendas, quando dois grupos se encontravam existia uma disputa a qual media qual folia sabia mais sobre a festa e sua história (o que inclui a história dos santos reis e dos textos bíblicos)<sup>48</sup>. Pessoa e Félix encontraram em uma folia de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, uma explicação sobre a origem desse confronto.

As primeiras folias de Reis no Brasil foram patrocinadas por fazendeiros, que promoviam disputa com os representantes das fazendas vizinhas. Às vezes, quando havia rixa entre os senhores das terras, para que eles não brigassem, punham as Folias para disputar. A que perdia ficava desmoralizada e seus membros eram punidos pelo fazendeiro derrotado. (FOLIA apud, FÉLIX; PESSOA, 2007, p. 206)

Essa disputa é feita através de versos, cada mestre folião canta um pedaço da toada e o outro tem que dar uma resposta de acordo com a história dos santos e com as regras da folia.<sup>49</sup> Quem não conseguisse responder “à altura” perdia sua bandeira para o outro grupo, tendo que parar de fazer o giro. Em alguns casos, a folia “perdedora” tinha que dar também a esmola coletada. No entanto, a derrota nem sempre era bem aceita, provocando outras brigas.

Algumas folias não podiam se encontrar no meio da rua de uma cidade ou em uma estrada de roça, que acabavam realizando um desafio chamado *encontro de folia*. Nesses encontros, ainda presentes em algumas localidades, mestres e ou palhaços se desafiavam, cantando e versando. Um mestre cantava fazendo uma pergunta sobre o fundamento, quer dizer, sobre o mito ou o significado de determinado ritual, o outro tinha que responder logo em seguida, num jogo de improviso. Assim por diante, iam se enfrentando até que um deles desistisse e não correspondesse à altura. Se assim acontecesse, sua folia perderia para a outra os instrumentos, o dinheiro arrecadado e até mesmo a bandeira. (GIOVANNINI, 2005, p. 33)

Outra forma de se fazer essa disputa era entre os palhaços, que também improvisam versos, ou ainda na dança<sup>50</sup>. Pular o chule inclui “dar pernada” fazendo com que um palhaço

---

48 Em algumas regiões são chamadas de Folia de Herodes aquelas que não dominam os segredos do sagrado (GOMES e PEREIRA, 2005). Da mesma forma, as casas que não aceitam receber os grupos são comparadas ao Palácio de Herodes.

49 Segundo Burke (2010), é provável que esta disputa em que dois participantes compõem estrofes alternadas seja um costume que remonte à Idade Média.

50 Peter Burke (2010) assinala que na Europa, durante a Idade Moderna, havia disputas entre poetas que improvisavam versos.

derrube o outro. O mais habilidoso consegue se manter em pé dançando. Os palhaços também carregam um pedaço de madeira (que é adornado, pintado e enfeitado), o qual eles chamam de porrete. Dançar batendo um porrete no outro é outra forma de disputa, a falta de habilidade pode fazer o palhaço se machucar. No entanto, essas disputas vão ganhando mais força e as brigas começam a ser mais sérias, no sentido de machucar, mas dentro de um certo limite. Tais confrontos são lembrados nos anos seguintes pelos foliões, que contam rindo como as brigas começaram, quem bateu e quem apanhou.

Segundo Peter Burke (2010), a violência é um dos três temas principais do Carnaval<sup>51</sup> (sendo os outros dois a comida e o sexo), já que é também uma festa de agressão, destruição e profanação. Assim, a agressão é ritualizada e adquire formas específicas de se concretizar, podendo se dar de forma verbal por meio de insultos, ou de forma física.

A agressão frequentemente se ritualizava em batalhas simuladas ou partidas de futebol, ou era transferida para objetos que não podiam se defender facilmente, como galos, cachorros, gatos e judeus, que eram atingidos com pedras e lama em sua corrida anual por Roma. Não raro ocorriam violências mais sérias, quer porque os insultos fossem longe demais ou porque não se queria perder uma ocasião ideal para descontar velhos rancores. (opus cit, p. 255)

Essas brigas no caso de Juiz de Fora acontecem quando dois grupos se encontram e um deles não “segue as regras”, que são: os foliões devem parar de tocar os instrumentos enquanto o mestre folião e o mestre de palhaços dos dois grupos conversam e decidem como vai ser feito o encontro, se nos versos das toadas ou com os palhaços. Uma terceira opção é cada folia se juntar de um lado da rua e deixar a outra passar. Quando os grupos se distanciam as folias voltam a tocar. “Se você quiser cantar nós vai cantar, se você quiser pular nós vai pular, ou então você junta sua folia pra lá eu vou juntar a minha também, você passa pô.” (Depoimento concedido por Bel em entrevista à autora em 2013).

Contudo, há casos em que os palhaços ficam “agitando”, chamando o outro palhaço para a briga e aí tem início a confusão. Dois casos que ocorreram com a Folia do Adão são exemplos: eles estavam indo tocar na rua da Folia do Inferninho, uma viela, estreita, no bairro Santa Efigênia. Quando eles entraram na primeira curva deram de frente com a Folia do Kinó, que estava voltando. Segundo eles, a folia parou de tocar, mas os foliões do Kinó não pararam, então eles voltaram a tocar e os palhaços dos dois grupos começaram a se bater. É o

---

51 É preciso pensar aqui o Carnaval não enquanto a festa que conhecemos hoje, mas em sua acepção mais ampla de um tipo geral de festas populares, independentes da Igreja, do Estado e da indústria cultural, que incluem tais elementos e que se apresentam enquanto uma inversão e libertação da concepção oficial do mundo.

que o Bel diz: “Agora não vem com achando que vai passar, vem fazendo festa de lá pra cá que vai passar por cima, vai passar não. Isso aí não” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013). Isto ocorreu durante o giro da folia de 2011/2012 já na cidade de Juiz de Fora, perto do dia 6, quando os grupos estão de volta à cidade para fazer a entrega da bandeira.

Outro exemplo ocorreu no Encontro de Folias do mesmo ano, que é realizado no centro da cidade com apoio da Prefeitura. Todos os grupos se apresentam nesse dia, em um tempo de 15 minutos cada um. Nesta ocasião, a Folia do Adão ia se apresentar depois da Folia do André. Segundo eles, quando a Folia do André terminou de se apresentar e desceu do palco, eles continuaram tocando, o que atrapalhou a apresentação do grupo do Adão. Por causa disso os palhaços brigaram no meio da praça e houve a intervenção da polícia.<sup>52</sup>

É interessante observar que nesses dois casos as folias envolvidas eram as mais antigas da Zona Sul (com os mestres foliões mais velhos da região) e entre integrantes que são amigos e que convivem no dia a dia do bairro. Adão justifica essas brigas enquanto uma tradição dos grupos, “dentro da atividade tem foliões que não podem ficar perto um do outro sabe, não pode, sabe isso aí é, já é tradição de grupos mesmo, vem lá do início do mundo lá sabe, é você com seu grupo pra lá e eu com meu grupo pra cá” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).

No entanto, é possível perceber aqui uma disputa por legitimação do grupo dentro das comunidades e uma briga que não se estende ao longo do ano. Virgínia, mulher de Adão, diz que ele e Kinó são amigos desde jovens e que no mesmo dia que acaba a folia (mesmo se eles tiverem brigado) Adão vai pra casa do Kinó para conversarem. Além disso, o Kinó tem um bar na rua de cima da casa do Adão, um convívio que os aproxima ainda mais.

Em 2013 quase houve outro confronto entre os grupos dos dois. No dia da apresentação no centro da cidade, no dia 5 de janeiro, Adão resolveu ir embora logo depois de sua apresentação para evitar confusão. Logo depois que o grupo começou a caminhada em direção a um dos bairros da cidade, a folia de Kinó veio atrás. O grupo de Adão parou, se juntou de um lado da rua e esperou a folia deles passar, mas um clima de tensão já existia. A folia de Kinó passou e depois que eles sumiram na primeira curva o grupo de Adão voltou a caminhar. Logo mais à frente a folia de Kinó havia parado, como se esperasse o grupo de Adão, que juntamente com um dos palhaços foi conversar com Kinó para saber se ele queria

---

52 Vídeo disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=W5coRHj0Xdg> Acesso em 09/06/2013.

fazer o confronto nos versos e na dança. Depois de uma rápida conversa Adão voltou dizendo que o outro grupo iria embora. E assim aconteceu.<sup>53</sup>

O outro tipo de violência que faz parte do cotidiano dos integrantes dos grupos e que influencia indiretamente a folia é a briga entre gangues de bairros. A presença de facções e “bondes” em bairros de Juiz de Fora faz com que jovens se confrontem em brigas que podem acabar em mortes. Essas brigas podem acontecer nos próprios bairros ou em bailes de funk que tais jovens frequentam. A presença de rapazes pertencentes a uma determinada facção ou “bonde” em um grupo de folia pode também motivar um conflito durante a festa. Um exemplo aconteceu no início de 2012, quando a Folia do Lió, do bairro Ipiranga, brigou com jovens de uma determinada facção em um ponto de ônibus no centro da cidade logo depois da apresentação do Encontro de Folias.

Outro exemplo foi o assassinato de um integrante da Folia do Carrapatim depois de uma briga de bairro. A morte de Marlan<sup>54</sup>, irmão do mestre folião, em 5 de outubro de 2012, no bar do Kinó, fez com que o grupo pensasse até em desistir de sair com a folia no ano 2012/2013 para evitar mais brigas, já que as folias andam pelos bairros a pé fazendo o giro, o que poderia acarretar em mais conflitos durante a festa. Mesmo dando continuidade à festa, o grupo decidiu não participar do encontro no centro para evitar qualquer tipo de confusão. Por fim, na última reunião da Folia do Adão antes da festa, o grupo decidiu sobre a ida de um rapaz do bairro Furtado de Menezes que queria sair com o grupo, mas que tinha conflito com jovens do bairro Santa Luzia. A questão era que sua presença poderia gerar brigas quando o grupo passasse pelo bairro, prejudicando assim a folia. Por fim, o rapaz em questão não saiu no grupo, mas devido a outro motivo que envolvia dívidas com drogas. Ele acabou sendo

---

53 No giro de 2012/2013 não houve nenhum confronto entre folias na cidade.

54 A morte foi retratada pela mídia local enquanto mais um assassinato na cidade que se mostra cada dia mais violenta. A frase “O começo do fim de semana em Juiz de Fora foi marcado por violência” abre a notícia que narra a morte de Marlan. “Conforme a PM, a vítima teria sido abordada por dois homens [eram dois jovens, conhecidos pelos integrantes das folias, sendo que o irmão do rapaz que atirou já havia inclusive saído na folia do Carrapatim], que chegaram fazendo ameaças de morte. Um deles teria sacado o revólver e apontado para a direção do rapaz, mas sem disparar. Em seguida, seu comparsa teria pego a arma e atirado duas vezes no peito da vítima. Ela foi socorrida pelo Samu e chegou a ser encaminhada ao HPS [Segundo Grace, ex-mulher de Bel e prima de Marlan, o SAMU demorou muito tempo para chegar e enquanto esperavam o socorro, um carro da polícia passou e nenhum dos policiais desceu para prestar qualquer tipo de ajuda]. Contudo, o jovem não resistiu aos ferimentos e morreu no hospital. O suspeito de cometer o crime, um rapaz de 20 anos, foi encontrado durante um patrulhamento de rotina. Ele foi encaminhado à delegacia, onde teve a prisão confirmada pelo delegado de plantão”. A notícia segue com uma estatística: “Com esses dois assassinatos, sobe para 66 o número de homicídios ocorridos neste ano na cidade. Um aumento de 26% se comparado ao índice registrado em todo o ano de 2011, quando 52 pessoas foram mortas em Juiz de Fora.” Disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/cidade/dois-assassinatos-e-uma-tentativa-de-homicidio-em-menos-de-24h-1.1166331>

assassinado em abril de 2013<sup>55</sup>.

Tais exemplos ilustram de que forma a violência está inserida no contexto da festa de Folia de Reis, já que é também parte do cotidiano de seus integrantes. A consciência que tais sujeitos têm dessa realidade pode ser ilustrada com os versos criados em homenagem a Marlan pelo seu primo Moi, palhaço da Folia do Carrapatim, no ensaio do dia 15 de dezembro de 2012 (Ver anexo 1). Além de narrar o fato acontecido com Marlan, os versos nos mostram como era a relação do jovem com sua família, como a violência está presente na região e como a religiosidade influencia na maneira como eles encaram a morte.

Além de conhecerem os motivos que causam a violência na comunidade e de conviverem com essa realidade cotidianamente, o envolvimento de integrantes das folias em tais casos recebe também uma explicação de âmbito religioso. André e Adão, por exemplo, chegaram à conclusão, depois de uma conversa sobre a prisão de alguns jovens da comunidade, que esses fatos se devem à ação “da coisa ruim” na vida dessas pessoas. Segundo eles, “antigamente aparecia coisas que a gente não entendia” e tais acontecimentos eram atribuídos ao diabo que agia durante o período da festa fazendo, por exemplo, com que o capacete de algum palhaço sumisse, que os integrantes do grupo vissem “determinadas coisas” ou mesmo que algum deles recebesse um tapa de alguém que não podia ser visto. O que acontece atualmente, segundo eles, é que “o bicho” não precisa mais agir durante a festa porque encontrou novas formas de agir no cotidiano dos integrantes da folia que de alguma forma não encararam a festa com fê, seriedade e respeito.

[...] o componente, ele sai com bandeira de Santos Reis, só que ele não cumpriu o compromisso que Santos Reis tem, que o santo tem, que Jesus Cristo tem, a história do nascimento, levar mensagem do nascimento, levar mensagem de paz, deixar nas casas prosperidade, a mensagem, ele não levou isso. Muitas vezes muitos têm levado a desordem, levou bagunça, fez durante esses 12 dias a festa dele particular. Então, o diabo não precisa mais aparecer pra ele porque ele já ele pegou ele, já tá com ele. Então, quando acabar a Folia de Reis, que acaba a proteção, aquele momento que o santo ainda você tá com o santo, ele vai ir agir na sua vida [...] ele tem um preço e ele tá pagando esse preço fora da Folia de Reis, não é dentro da Folia de Reis. (Depoimento concedido por André em entrevista à autora em 2013).

---

55 “O outro caso foi registrado na rua Carneiro da Silva [onde a folia do Furtado ensaia], no bairro Furtado de Menezes, na noite do último sábado, dia 6. Policiais passavam pela região, quando ouviram barulho de tiros e passaram a rastrear as ruas do bairro até encontrar um homem de 27 anos caído já sem vida. Segundo o boletim de ocorrência, o corpo apresentava perfurações em um dos dedos da mão esquerda, no braço direito, no tórax, no pescoço e outras na cabeça. O homem teria sido morto por envolvimento com o tráfico de drogas.” Trecho da notícia retirada do site Acesso: <http://www.acessa.com/cidade/arquivo/noticias/2013/04/08-dois-assassinatos-sao-registrados-em-jf-no-final-de-semana/> Segundo Marley, Bel e Adão, o rapaz que atirou se entregou para a polícia.

Além de ser uma busca para explicar os acontecimentos da vida de integrantes das folias, André busca, a partir desse discurso, reforçar o caráter sagrado da festa porque “precisa de entrar no sagrado pra poder ser realmente Folia de Reis”. Segundo ele, os grupos rezavam mais e tinham uma relação mais próxima com a Igreja<sup>56</sup>, além de haver uma preparação para ser palhaço ou folião. André reforça que é preciso levar a Folia de Reis para o lado espiritual e que é a fé naquilo que eles fazem e na mensagem que buscam transmitir durante a festa que faz com que os pedidos destinados aos santos sejam atendidos. Para Marley, “tudo que é religioso tem sua seriedade e há cobrança”, que vem da própria religião e da fé das pessoas envolvidas, por isso, não pode ser levado na brincadeira. (Depoimentos concedidos em entrevista à autora em 2013).

Esta postura em relação à Folia de Reis mostra que, apesar das influências de novos aspectos e elementos do mundo moderno na festa, a religiosidade ainda tem seu espaço entre os integrantes dos grupos e faz parte das significações atribuídas à tradição.

### 4.3 Religião

A religião vivenciada pela maioria dos integrantes das Folias de Reis de Juiz de Fora é aquela praticada sem a mediação da igreja. A relação desses sujeitos com o sagrado se dá por meio da festa e é mediada pelos santos (Reis e São Sebastião<sup>57</sup>, principalmente) e por Jesus. Como lembra Zaluar (1983), para estes sujeitos não existe uma preocupação com o pecado, mas sim em honrar um compromisso feito com o santo. As orações e as promessas<sup>58</sup> (bem como seu cumprimento) validam, assim, a religiosidade que se renova a cada ano através do ritual que prescinde “da intervenção das autoridades eclesiais para atribuírem sentido social e religioso às suas experiências com o sagrado” (GOMES e PEREIRA, 1995, p. 202). Quando Adão diz que a Folia de Reis é sua religião, confirma como o catolicismo popular ainda está presente na sociedade brasileira contemporânea e está longe de ser uma exclusividade da vida rural.

Ao mesmo tempo em que a maioria dos integrantes do grupo não frequenta a igreja católica, eles se sentem legitimados quando algum representante oficial da instituição reconhece o valor do que eles fazem. Ser convidado para tocar na igreja ou capela das cidades

56 A própria folia do Adão dava início à jornada saindo da Capela de Santa Izabel, localizada no bairro Bela Aurora.

57 Muitos integrantes das Folias de Reis de Juiz de Fora participam também de grupos de Charola, que festeja São Sebastião entre os dias 8 e 20 de janeiro.

58 “A categoria *promessa* denotava ao mesmo tempo o pedido feito ao santo, a dívida a saldar e a efetivação do pagamento ao santo...” (ZALUAR, 1983, p. 88-89)

onde visitam com a folia é motivo de honra para o grupo, ao mesmo tempo em que a não aceitação é motivo de revolta, já que segundo eles estão carregando a palavra de Deus. Vivenciar a religião a partir de seu próprio contexto pode se tornar então uma forma de resistência quanto à visão de mundo desses sujeitos.

Um exemplo seria a própria ideia de reciprocidade que, segundo Zaluar (1983), está presente nas promessas e que incluem tanto sair com o grupo de folia por um tempo determinado, como receber um grupo em sua casa e oferecer um almoço ou janta para seus integrantes. De acordo com Bel, se uma pessoa faz promessa em uma determinada bandeira, ela tem que ser cumprida com o mesmo grupo que carrega esta bandeira. É criado então um vínculo entre estes sujeitos, no qual são refletidas as próprias relações entre os devotos e seus santos porque “para obter a ajuda dos santos, os homens ligavam-se socialmente com eles, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade, isto é, uma relação em que havia uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas” (opus cit, p. 88). Para André, sair com a Folia de Reis é um compromisso feito com os Santos Reis que deve ser encarado com seriedade para que o sagrado possa retribuir os componentes do grupo com o atendimento de seus pedidos, desde que eles sejam feitos com fé.

Esta relação que é construída com o santo também faz parte da vida do mundo cotidiano, assim, tanto as relações com os santos são projetadas na vida mundana dos sujeitos, quando as relações que os sujeitos estabelecem entre si são refletidas na forma como eles compreendem o sagrado. Isso porque “criar vínculos para o futuro e honrar compromissos do passado” (RODRIGUES, 1989, p. 110) são ações de grande importância na consolidação de valores e, logo, na existência da própria sociedade.

A festa do santo tem portanto uma função eminentemente restauradora das relações sociais e das relações de devoção. Ela restaura e reforça os laços de solidariedade da população local ou do grupo que promove a festa, restaurando e reforçando as relações que unem o santo aos seus devotos. Daí resulta a importância da festa do santo. Ainda que, no correr do ano os devotos pratiquem suas devoções sob a forma de cultos domésticos e privados, eles precisam de um momento forte que alimente a sua devoção, e este momento só pode ser produzido coletivamente. [...] na realidade, eles são indissociáveis, pois promover ou participar da festa do santo é ao mesmo tempo promover ou participar do trabalho social de restauração e reforço dos laços de solidariedade do grupo. (OLIVEIRA, 1983, p. 928-929)

Além disso, uma oferta dada ao santo por meio da Folia de Reis não precisa ser necessariamente fruto do pagamento de uma promessa, mas sim um agradecimento por uma graça recebida ainda que tenham passado alguns anos. Um exemplo que pode ser dado é a

janta recebida pelo grupo de Adão na cidade de Alto Rio Doce. Após aceitar receber a bandeira em sua casa, Esmeralda<sup>59</sup>, que havia feito uma cirurgia nas pernas há pouco tempo, aceitou fazer a janta para o grupo após o pedido de um dos palhaços, recebendo a ajuda de sua vizinha. Para ela, receber o grupo em sua casa era uma forma de retribuir um milagre recebido quando era criança. Ela conta que tinha uma doença e que por causa dela não conseguia comer nada porque vomitava tudo que tentava colocar na boca. Sua mãe procurou ajuda médica, mas nem os remédios que os médicos passavam paravam em seu estômago. Um dia, voltando para casa com a filha no colo, a mãe de Efigênia, sem saber o que fazer, ajoelhou no meio da rua virada para a igreja da cidade e pediu a ajuda de Deus. Um farmacêutico, que estava na farmácia em frente, foi ver se ela precisava de ajuda e após ouvir o relato do problema, deu um remédio de gotas para Efigênia que, então, melhorou. Receber o grupo era, assim, mais uma forma de retribuir o milagre recebido.

Se este relato mostra um dos elementos presentes no catolicismo brasileiro, outra promessa cumprida por Esmeralda mostra como as mudanças promovidas pela Igreja Católica nas relações com seus fiéis incentivou a consolidação no Brasil do que Pedro Oliveira chama de catolicismo privatizado<sup>60</sup>. A visita às cidades-santuário é uma característica desse segundo tipo de catolicismo, no qual a romaria e a penitência se opõem à festa do santo, relacionada à diversão. “... embora os romeiros se sintam solidários entre si, cada qual vai ao santuário pedir ou agradecer a proteção do santo para si mesmo ou para seus familiares e amigos. Inclusive, os próprios gestos religiosos de homenagem ao santo são gestos eminentemente individuais.” (opus cit, p. 938). No caso de Esmeralda, a promessa feita era a de ir de joelhos de uma igreja a outra na cidade de Aparecida do Norte caso fosse aprovada no concurso da prefeitura que havia prestado. Após assumir o cargo, ela foi à cidade em companhia do marido e do filho mais velho e cumpriu a promessa sem utilizar qualquer tipo de proteção nos joelhos, já que segundo ela quem usa proteção é porque não tem fé.

Percebe-se assim como duas éticas religiosas estão presentes em uma mesma prática de relação com o sagrado, inserindo assim a Folia de Reis na complexidade do campo

---

59 Nome fictício. Foram mantidos os nomes verdadeiros apenas dos integrantes das folias ou de pessoas diretamente relacionadas a elas.

60 “... caracteriza-se pela relação direta e pessoal entre o fiel e o santo. Entre eles não há mediadores, ficando ampla liberdade para o fiel expressar sua devoção ao santo de modo que melhor aprover. [...] O catolicismo privatizado deixa, portanto, ampla liberdade de culto ao devoto no seu cotidiano, mas o sujeita à autoridade eclesiástica sempre que ele se dirige à imagem do santo na igreja ou no santuário. Aí reside a ambivalência do catolicismo privatizado: é praticado no espaço da igreja e usa a simbologia católica, porém de forma reinterpretada pelo fiel, que inclusive pode combiná-lo com práticas e crenças não-católicas, sem que a autoridade ou a comunidade católica o impeça.” (OLIVEIRA, 1988, p. 121-122)

religioso brasileiro contemporâneo. Os versos de um dos palhaços da folia de Adão ajudam a retratar como as duas formas de se pagar uma promessa podem estar juntas: “Em agradecimento eu fiz uma viagem lá para Aparecida do Norte / Fui cumprir uma promessa lá no pé da cruz de vidro / Ao sair sete anos na Folia de Reis, carregando a imagem de Jesus Cristo” (Ver anexo 5). Mas é devido, principalmente, ao primeiro exemplo que a Folia de Reis pode ser inserida, ainda hoje, no quadro que muitos pesquisadores da área chamam de catolicismo popular, rituais que têm sua origem na religião católica, mas que são ressignificados pelos sujeitos que a praticam na medida em que se autonomizam do comando dos especialistas religiosos. Assim como os estudos sobre a cultura popular, a religiosidade popular foi tema recorrente principalmente nas décadas de 1980 e 1990.

Na bibliografia que discute a religiosidade popular parece lugar comum incluir nesta categoria as promessas, festas, novenas, peregrinações, milagres, culto aos santos, etc. No entanto, já não há um consenso quando se quer delimitar uma significação para o conceito de popular na religiosidade presente nestas manifestações. Pedro Oliveira (1997) mostra como a noção de popular pode assumir significados distintos nos estudos sobre religião, perspectivas que, segundo Fernandes (1984), podem ser encontradas em diferentes estudos produzidos principalmente até os anos 1980.

Tomada sob a perspectiva social, ela se opõe ao que é próprio de classes dominantes; tomada sob o prisma da cultura, ela se opõe a erudita; sob o prisma político, ela se opõe a oficial. [...] oposições dialéticas, uma vez que o trabalho religioso anônimo e coletivo sempre coexiste – variando a proporção – com o trabalho especializado, e por conseguinte nenhuma religião é exclusivamente popular. (OLIVEIRA, 1997, p. 45)

No caso da Folia de Reis em Juiz de Fora, estas três características estão claramente presentes, tanto porque os grupos se organizam sem qualquer influência da igreja e seus representantes oficiais, quanto porque seus sujeitos fazem parte das classes populares da cidade, sendo todos moradores de bairros pobres. Tal fato não impede, como foi visto, que os grupos se relacionem com padres ou sejam recebidos por famílias de classes sociais diferentes. Mas vale lembrar que a construção e consolidação das diversas manifestações religiosas existiram sempre em espaços de disputas simbólicas, culturais, políticas, etc.

Além disso, é importante destacar que essas manifestações continuam sofrendo influências não só da fé de seus sujeitos, mas também da vida social, política, cultural e econômica como um todo.

deveremos sempre situar as religiões que desejamos conhecer em seu contexto histórico e social, buscando as razões de sua existência na nossa

realidade. [...] como conjunto de crenças e práticas sagradas professadas por determinados grupos sociais. (idem, 1988, p. 107)

Assim, não se deve pensar a Folia de Reis e sua religiosidade popular a partir de uma perspectiva de ingenuidade dos seus sujeitos, ou mesmo de uma supersticiosidade presente nessas narrativas das interpretações do sagrado, mas sim por meio de construções simbólicas que contribuem na (re)construção de discursos que envolvem inclusive disputas de hegemonia.

... a ideia de uma *religiosidade popular* nos lembra que as religiões envolvem questões de legitimidade e estão marcadas por disputas, configurando campo de tensões entre seus membros ou fiéis, questões que devem ser incorporadas à análise, isso significa não apenas reproduzi-las, num deslizamento ingênuo por sobre as categorias nativas, mas tomá-las como um dos problemas a serem explicitados e explicados. (MENEZES, 2003, p. 2).

Assim, as relações entre a Igreja e o Estado ao longo da história fazem com que o caráter oficial dessas instituições, que são políticas e sociais, influencie em uma diferenciação mais facilmente demarcada com as religiosidades populares que conseguem manter-se de forma relativamente autônoma, ainda que em diálogo com elas.

A variedade de elementos simbólicos empregados no culto aos santos, elementos estes que extrapolam largamente o código da liturgia oficial da Igreja [...] não trazem em si mesmos uma ruptura com o código simbólico católico, embora nem sempre sejam bem vistos pelas autoridades eclesiais. São, muitas vezes, gestos discrepantes dos gestos da liturgia oficial, mas não gestos divergentes ou antagônicos a ela. [...] Suas diferenças em relação aos gestos e orações da liturgia oficial devem ser atribuídas às diferenças de classe social e de culturas, e não interpretados como formas não-católicas de culto ao santo. Tanto assim que o povo sente-se perfeitamente dentro da Igreja Católica, sem atribuir ao culto aos santos uma conotação de contestação religiosa. Não se trata, pois, de um culto paralelo ao culto oficial, e muito menos, de um culto contestador, antagônico ou substitutivo do culto oficial; trata-se, sim, de um culto onde a liberdade expressiva dos devotos não fica limitada ao código da liturgia oficial, assumindo por isso os traços próprios à cultura de cada grupo ou classe social. (OLIVEIRA, 1983, p. 918-919)

A festa possui um caráter ambíguo da própria vida humana, pois ela consegue ser ao mesmo tempo uma representação dos pensamentos e modos de vida das pessoas em sua cotidianidade, e também carrega seu caráter extraordinário por ser um espaço/tempo que quebra as rotinas rígidas impostas ou apresentadas principalmente pelo trabalho, pelo sistema oficial, bem como pelas relações hierárquicas. Aqui ocorre uma inversão da hierarquia social; os sujeitos tidos como subordinados passam ao *status* de líderes, principalmente pelos seus

conhecimentos relativos às crenças nos santos e à organização da folia.

### 4.3.1 Palhaços

Além das toadas cantadas pelos foliões que contam a história do nascimento de Jesus e outras narrativas sagradas, os palhaços também trazem contribuições importantes para as significações religiosas presentes na Folia de Reis. Seus versos, que podem ser improvisados, autorais ou letras de música, procuram em sua maioria fazer referência ao sagrado e um dos recursos utilizados pelos palhaços para abordar esta questão é o sonho<sup>61</sup>. Dois exemplos que narram o mesmo fato podem ilustrar a presença desse elemento. Tratam-se dos versos criados por Moi (ver anexo 1) e Marley (ver anexo 2) em homenagem a Marlan. Em seus versos, o encontro com o amigo, agora morto, se dá nos sonhos que eles tiveram e Marlan aparece então nos “braços da Virgem Maria” e, apesar de seus erros cometidos durante a vida, recebeu o perdão “do nosso pai salvador” e por isso está no “paraíso”. Isso porque no catolicismo popular a morte é o momento de se arrepender de todos os pecados cometidos e onde o perdão exerce toda a sua força tanto no mundo sagrado, como no terreno. Tal tolerância permite a “absolvição de todos os devotos”, fazendo com que a “alma pecadora” encontre o caminho dos céus. (GOMES e PEREIRA, 1995, p. 298)

A referência à Virgem Maria é recorrente também quando se trata de narrar no catolicismo popular a salvação de uma alma, sendo relacionada à “infinita bondade materna” que sempre vai interceder pelos seus devotos. A mãe terrena e a celestial carregam assim características semelhantes e um espaço reservado na vida dos devotos, já que, como lembra Bel, mãe é “amor maior”. “A presença da Virgem reinstaura a figura materna em sua dimensão simbólica de geradora da vida, que alimenta e protege o filho angustiado” (opus cit, p. 295). Assim, Marlan, já no céu, pede perdão à mãe por tê-la feito correr perigo quando se colocava em sua busca: “E pra minha mãe quero que diga para ficar descansada / Não precisa mais andar atrás de mim, correr perigo na madrugada”.

Para Marley, ao sair com a Folia de Reis, Marlan cumpriu suas obrigações em terra com o sagrado, já que ao pular de palhaço ele “fez sorrir quem estava triste e alegrou muitas famílias”, merecendo então, pelas palavras do próprio “pai salvador”, estar ao lado dele e da Virgem Maria. O compromisso com os Santos Reis na folia pesou positivamente na decisão sobre o destino de Marlan quanto ao ingresso em um outro mundo, tendo os três magos como

---

61 Além dos versos citados aqui, o recurso do sonho pode ser encontrado também nos anexos 5 e 6.

seus protetores.

Já o sonho de Moi serve para Marlan dar recados aos seus parentes e amigos e dizer que sua morte era inevitável porque fazia parte dos planos “celestiais” traçados para ele, justificando assim a postura dos que aqui ficaram em não cometer a vingança. É por meio de Marlan também que o consolo é dado a Palito, cuja filha nasceu morta. Nos versos de Moi, ela encontrou outro caminho e está agora “num mar de rosas, onde não tem cravo e não há espinho”. As crianças, no catolicismo popular, não precisam passar por nenhum julgamento divino, já que são consideradas seres sem pecados. “A criança falecida guarda a eterna lembrança da pureza celeste, pois não viveu tempo suficiente para ser marcada pelos pecados” (opus cit, p. 300).

A morte do Outro, assim como todos os outros elementos apresentados nesta pesquisa, faz parte de uma acepção coletiva e é vivenciada também coletivamente já que “as interpretações da morte são feitas por seres sociais e para seres sociais”, neste caso por meio de um repertório do catolicismo popular (opus cit, p. 199-200).

Além dos versos de autoria própria, os palhaços recitam outros que podem ser letras de música, principalmente de tradicionais compositores do estilo sertanejo, ou mesmo versos de domínio público que fazem referência a ensinamentos da Bíblia. Um exemplo é o verso que usa a imagem das cartas de baralho para explicar a vida de Jesus, que, segundo Peter Burke (2010), remontam ao século XVI ou mesmo antes. O uso de elementos do cotidiano para elaborar sermões religiosos que continham uma moral era comum na Idade Moderna na Europa e nos Estados Unidos. O referido verso foi recitado por Marley em Cipotânea na casa onde estava hospedado um padre, que ao ouvi-lo pediu para que ele o repetisse na capela Santa Ana à noite, onde seria feita uma celebração para apresentar a folia aos moradores do bairro (ver anexo 3).

Outro elemento presente nos sermões da Idade Moderna podem ser encontrados nos versos dos palhaços aqui estudados. Se trata da antítese, lembrada por Peter Burke (ibidem) como uma figura da retórica. Assim, a literatura popular tradicional se utiliza da “lei do contraste” em que opostos são justapostos, como o rico e o pobre ou o branco e o negro. Um exemplo é a música Castigo (ver anexo 4), de Zico e Zeca, recitada por Marley, que além de falar da escravidão (“Os pretos todos em leilão, pelos brancos eram comprados” - na letra original a palavra “brancos” é substituída por “homens”), opõe a maldade da sinhá (rica) feita contra a escrava (pobre) e por isso sendo castigada misteriosamente (“Escute bem o castigo

que a sinhá recebeu / Ficou cega de repente, sem falar ela morreu”). Outros opostos que podem ser identificados são o do homem dedicado versus a mulher infiel, ou da mentira contra a verdade.

Se os motivos para as promessas e as causas das mortes mudam, a reciprocidade entre devotos e foliões continua sendo a base para a continuidade da festa, que fortalece também laços sociais e identitários. Os grupos assumem assim a responsabilidade de, anualmente, transmitir uma mensagem cristã fortalecendo a fé daqueles que aceitam receber a bandeira em suas casas.

Além disso, é por meio dessa festa religiosa que estes grupos sociais constroem mensagens que correspondem a suas formas de ver o mundo e vivê-lo, reforçando a abordagem que Pierre Bourdieu faz da religião enquanto linguagem, sendo portanto um “sistema simbólico de comunicação e de pensamento” (OLIVEIRA, 2003 p. 178).

Tais grupos conseguem por meio da festa criar suas próprias significações religiosas dentro do contexto do catolicismo, bem como relacioná-las com seu cotidiano, já que “a religião não é um simples reflexo das relações sociais, mas sim sua expressão simbólica e portanto parte constitutiva da sua realidade” (idem, 1997, p. 44).

É por meio da festa e da religião, portanto, que esses grupos se recriam, atualizam suas crenças, reinventam seu modo de viver o cotidiano e usam da criatividade para criar mensagens e transmiti-las àqueles com os quais criam algum tipo de vínculo.

#### **4.4. Mídia**

Enquanto a democratização do acesso aos meios de comunicação convencionais segue encontrando entraves políticos, grupos sociais pertencentes às classes populares encontram em seu cotidiano outras formas de trocar informações e consolidar valores e modos de vida particulares. A Folia de Reis é um exemplo de como a mídia pode se tornar um complemento secundário em determinados processos de comunicação. A festa, que tem uma narrativa específica sobre o nascimento de Jesus Cristo, encontra espaços para construir e transmitir mensagens que abordam outros temas, como foi visto nos itens acima.

O compartilhamento de informações e a construção de mensagens se dá não só durante o período da festa, como também ao longo do ano, quando seus membros se reúnem em contextos que podem ou não estar diretamente relacionados à Folia de Reis. As mensagens transmitidas por meio da festa têm como importante característica a contextualização que,

segundo Azevedo (2013), é uma característica da oralidade. Aquilo que é dito é apresentado “como uma situação única, concreta e compartilhável” (opus cit, p. 183). O grupo de Adão, por exemplo, não quis que eu colocasse na internet os vídeos que gravei durante a festa.

Porque não é uma coisa explicada nem nada, entendeu, o que a gente fez. Foi só uma gravação. Pro seu trabalho é uma coisa que vai ser explicada. Pelo fato de só colocar na internet o que aconteceu não vai ter explicação de nada, se ligou. Nego só vai ver, vai pô, mó bobeira os cara cantou, parou do nada, então cabou, não dançou chule nem nada... (Depoimento concedido por Marley em entrevista à autora em 2013).

Vista de um forma bastante funcional, a TV e o jornal, por exemplo, não conseguem dialogar com esses grupos sociais, nem mesmo retratar suas realidades, fazendo com que tenham uma importância mais secundária na vida dessas pessoas. Isto porque “apesar do excesso de comunicação e, talvez mesmo, por causa dele, as pessoas continuam a achar que não há compartilhamento, que não há troca, que é difícil passar ao outro o que a gente sente, como a gente sente, as coisas que estão dentro da gente” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 7). Para Marcondes Filho, essas mídias exerceriam seu papel enquanto difusão e não enquanto comunicação, justamente porque “não há a ação recíproca, a troca, o aprendizado instantâneo e num mesmo ambiente contextual de um com o outro” (opus cit, p. 15-16). Para ele, a comunicação vai além da emissão de sinais, já que a linguagem, tal como as mídias a transmitem, não é suficiente para expressar a experiência real dos sujeitos<sup>62</sup>. A postura adotada pelos meios de comunicação, principalmente os de cunho mercadológico, em relação à construção das mensagens se reflete no cotidiano das pessoas e na forma como elas encaram esses meios.

Virgínia, Marley, Adão, Bel e André, quando perguntados sobre o que fazem em seu tempo livre, não incluíram nenhuma atividade que envolvesse a TV, o jornal e a internet. Apenas Marley cita a preferência por ver filme e escutar música. Ainda que todos os outros afirmem gostar de ver novela, não há uma fidelização a um programa de televisão ou ao consumo de um jornal, por exemplo, e a falta de tempo é uma das justificativas utilizadas. Essas atividades são substituídas pela ida à casa de um vizinho, pelo pagode no bar da esquina, pelas conversas nas ruas do bairro, pelas tarefas domésticas ou mesmo pelo mutirão de construção da casa de um amigo.

---

62 Paulo Freire lembra em seu livro *Extensão ou Comunicação?* que é na comunicação que se dá a “co-participação dos sujeitos envolvidos no ato de pensar”, já que os sujeitos nunca pensam sozinhos, mas na reciprocidade do diálogo constante que se dá por meio da interação entre eles. Por isso, a simples emissão de sinais não significa a comunicação porque neste caso o “sujeito estaria (ou está) transformando o outro em *paciente* de seus comunicados” (1977, p. 66 e 67).

A falta de credibilidade desses meios também é citada por Marley. “Deve rolar muita mentira né. Ah, pra dar ibope né, na mídia, deve ser alguma coisa assim. Ibope, sei lá. Ainda mais que eles têm costume de mentir mesmo, aí eles bota alguma coisinha a mais ou a menos” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013). Um dos motivos de não gostar de ver televisão:

Muita mentirada né. Ah é, só maldade, esses problema aí, só doidera, gosto não. Gosto de ver um filme mesmo, é mentirada também, mas é uma coisa mais sussu né, mais tranquila. No fim dá tudo certo. (...) Vai pôr no jornal só desgraça, matança, sequestraram não sei quem, gosto não. (Depoimento concedido por Marley em entrevista à autora em 2013).

Esse distanciamento entre os sujeitos e as mídias é reflexo de “uma sociedade em que a comunicação real vai ficando cada vez mais rara, remota, difícil e vive-se na ilusão da comunicação, na encenação de uma comunicação que, de fato, jamais se realiza em sua plenitude” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 8-9), apesar e talvez por causa de todos os avanços tecnológicos. Para Marcondes Filho, comunicar envolve “entender ou sentir junto com esse outro as coisas que ela ou ele sentem” (opus cit) e, para ele, isso é possível em algumas circunstâncias como “a experiência da criança, a do diálogo, a do aprendizado, e, em alguns casos, a da paixão” (opus cit, p. 14). Para Paulo Freire (1977), no ato comunicativo, o objeto da comunicação pertence justamente ao domínio do emocional.

André, por exemplo, conta como em uma conversa com Adão, depois de um pagode no bairro, conseguiu que ele concordasse com sua opinião sobre uma questão da Folia de Reis: “é essa forma que a gente precisa de levar, trocar ideia sempre pra gente tá vendo o que ou aonde a gente pode tá sempre melhorando. Ele aprendeu isso com a gente, ele chegou a essa mesma conclusão sem forçar, sem nada, num bate-papo” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013). Momentos de diálogos entre os integrantes das folias em situações de descontração no bairro se colocam enquanto processos comunicativos mais presentes, importantes e eficazes para esses sujeitos.

Há um momento no processo comunicacional em que há o estalo, há o impacto de quem constata o 'a-ha', um momento em que o outro enfim percebe, sente o que estou dizendo, entende, vive como eu, complementa o que eu dizia, participa desse mesmo mundo. Somos arrebatados, misturamos no outro. Operou-se aí uma mudança qualitativa em nós, *fomos comunicados* (MARCONDES FILHO, 2004, p. 100).

Essa presença da comunicação se apresenta para Bel, por exemplo, em seu aprendizado sobre a tradição da folia. As conversas com seu avô reforçam essas formas de

sociabilidade do estar-junto e também carregam a presença da oralidade na aprendizagem que se efetiva no momento em que os sujeitos transformam o conhecimento adquirido a partir de seus contextos de vida.

(...) folia é uma coisa que joga no ar e você tem que pegar e juntar as coisas entendeu. Meu vô me falou um negócio, nem lembro que que é mais, me falou um mês, não uma semana atrás. Aí quando foi ontem de manhã, eu conversando com ele, ele me falou, eu guardei que que ele me falou semana passada e juntei e falei: alá rapaz, é isso mesmo. Eu pensando comigo, de novo eu pensando comigo mesmo eu falei: alá, é isso mesmo. Ele me falou aquilo, agora tá juntando com isso. [...] Ele não te pega e fala não é assim assim não. Eles vai jogando no ar pra você se virar e pegar tudo e juntar pra ver o que você vai fazer e é isso. (Depoimento concedido por Bel em entrevista à autora em 2013).

Isso se reflete na própria relação entre as mídias e a Folia de Reis. A internet, por exemplo, é usada pelos grupos de forma muito pontual para a postagem de conteúdos relacionados à festa. Isso porque poucos membros das folias têm acesso constante a ela. Já a relação que os meios de comunicação de Juiz de Fora têm com a Folia de Reis do município é determinada, em sua maioria, pela cobertura do Encontro de Folias no centro da cidade. Aproveitado enquanto uma pauta para o fim de semana dos veículos de comunicação, o material produzido não consegue cobrir todas as variáveis do ritual. Nesta perspectiva a festa é tomada em seu caráter folclorizado, na qual todos os anos é explicada a origem e o significado da tradição que mudam em um ritmo muito lento, podendo ser imperceptível para quem não participa do ritual.

Segundo Ginzburg, essa aparente imutabilidade é uma característica da tradição oral, já que “a memória da comunidade tende involuntariamente a mascarar e reabsorver as mudanças. À relativa plasticidade da vida material corresponde assim uma acentuada imobilidade da imagem do passado” (1987, p. 157).

Ah, eu meio que falo muito a mesma coisa né. Porque não muda muita coisa né. Aí o que você muda é a data da apresentação, o dia da apresentação [...] mas não tem muito uma mudança radical não porque a história de Santos Reis, a história de São Sebastião ela não muda, é a mesma, né. Você tem mais mudança de grupos, quantidade de pessoas, de evolução, às vezes me pergunta ah esse ano qual que vai ser a surpresa no evento? Não tem surpresa, é a mesma coisa, a surpresa é os grupos vão estar diferentes, vão estar com outras roupagens, outros cantos, mas não tem uma surpresa, entendeu. (Depoimento concedido por André em entrevista à autora em 2013).

Como lembra Laraia (2001, p. 95-96), “qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação”, por isso, outros aspectos que envolvem a Folia de Reis em Juiz de

Fora só são conhecidos por quem pertence às comunidades de origem dos grupos.

Essa característica da cobertura da imprensa local faz com que os grupos, no geral, não tenham interesse em participar das reportagens ou não se preocupem em acompanhar o que foi noticiado sobre o encontro, a não ser quando este material é visto enquanto um acervo histórico do grupo, como é o caso específico de Francino, da folia do bairro de Lurdes, que tem reportagens televisivas salvas de quando seu pai ainda era vivo e dava entrevistas por ser o folião mais velho da cidade.

Outra exceção é apresentada por André que, enquanto presidente da Associação, aproveita a cobertura feita do Encontro como uma forma de legitimar a Folia de Reis na cidade, já que a visibilidade proporcionada por ela garante, na visão dele, que a Funalfa mantenha o compromisso de manter o apoio financeiro aos grupos.

... pra gente da Associação é ponto de honra ter o encontro. O encontro é o principal. Porque é o encontro que nos afirma, entendeu. Estamos aqui, entendeu. O encontro é que nos afirma dentro da sociedade. As Folias de Reis se apresentam, nas suas comunidades, mas o encontro ele dá a cara. (Depoimento concedido por André em entrevista à autora em 2013).

Opinião que não é compartilhada por todos. Para alguns, participar do encontro significa cumprir uma obrigação com a Associação. Para Marley, por exemplo, é uma forma de mostrar para as pessoas que não participam da festa que essa tradição existe: “Porque simplesmente lá na praça cantar lá, cada uma hora cada um canta não é encontro de Folia de Reis. Lá é só uma apresentação, mostrando pros outros que existe o folclore, entendeu” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013).

O papel da imprensa para esta manifestação cultural é encarada apenas a partir de uma perspectiva institucional. André sacrifica o seu grupo para atender os meios de comunicação locais, já que nenhum outro aceita se enquadrar na rotina de produção dessas mídias.

O pessoal, ah por que que todo ano é só você faz a filmagem da televisão? Porque a televisão, não sei se você tem esse conhecimento, não é o seu horário, sabe é o horário deles, é o horário deles. Teve vez deu virar a noite com a Folia de Reis e a Panorama querer fazer a gravação nove horas da manhã. Todo mundo cansado, aí paramos cinco horas num lugar pra dar uma descansada, tomar um café e ficar ó gente, não dorme, vamos ficar sentado esperando aqui um cadim, vamos dar uma relaxada, qualquer coisa, nego querendo ir embora pra casa dar uma descansada, dormir, eu não podia deixar, eu tinha uma apresentação pra fazer e tinha que tá todo mundo fazendo cara de bonito porque a filmagem tinha que ficar bonita, certo. Ah, nós doido pra viajar com nossa folia, nós tinha que ficar aqui em Juiz de Fora rodando pra lá e pra cá porque a Panorama marcou no dia tal. Ah dia 3, ela marcou dia 3, então eu tenho que antecipar minha chegada aqui pra fazer a apresentação. Tá, você quer fazer ô fulano, a Panorama quer que você

esteja aqui dia tal, ah pra mim não dá não, eu só chego aqui dia 4 e tal. Ó fulano, a Panorama quer fazer filmagem com você, com a sua folia, dá? Dá. Beleza, mas você tem que esperar lá no bairro tal, no horário tal, todo mundo organizado. Beleza. Chegava lá, ô fulano, cadê a folia? Ah nós paramos aqui um cadim. A televisão não espera, eles vão embora, vão procurar outro grupo, certo. Porque tudo é editado na hora, tudo, tudo muito coisa. Por exemplo, o mestrim mesmo reclama pô André, nosso grupo é prejudicado porque a gente quer viajar, a gente não consegue viajar direito, a gente quer tocar, já teve vez da gente ter que fazer o negócio da Folia de Reis, ter que ficar aqui, eles marcaram pra seis horas da manhã a chamada, nós tava lá no Santa Cecília. Cantei até cinco horas da manhã, cinco e pouco da manhã, parei a folia na casa de um conhecido lá, enquanto eles tava tomando café, eu tomei um táxi, tava lá na praça Agassis. Qual folião que faz isso? Quem que se dispõe a determinadas coisas? Ninguém. O cara não quer se dispor. Ele não quer parar sua folia pra seguir uma rotina dos outros, entendeu. Então é difícil, é difícil, então por isso que às vezes você vai ver o mesmo grupo ali ou quando eles passam por aqui. Foi fazer uma outra cobertura aqui, passa por aqui, tem um grupo aqui eles vão lá tirar foto, se a foto ficar boa eles vão usar aquilo, vão usar a minha matéria com a foto do outro, mas na maioria das vezes eles vão procurar a mim pra tá fazendo a matéria. (Depoimento concedido por André em entrevista à autora em 2013).

O esforço de André em manter a cobertura da Folia de Reis pela imprensa juizforana tem repercussão entre grupos de fora da cidade. Segundo Lopes (2010, p. 953-954), um folião da cidade de Rio Pomba acredita que participar do encontro em Juiz de Fora seria uma forma de conseguir apoio para o seu grupo.

A visibilidade midiática das folias de Juiz de Fora traz até Rio Pomba suas indumentárias luxuosas e o prestígio de seus palhaços. O desejo de Célio de encontrar apoio articula-se com seu desejo de implementar mudanças em sua folia. Muitas delas inspiradas em informações que lhe chegava via meios de comunicação de massa. Seu desejo de uma indumentária mais luxuosa e a inclusão de palhaço em sua folia, bem como a própria busca por apoio encontram-se neste universo de relações. Na medida em que o prestígio das folias de Juiz de Fora – que possuem apoio da Prefeitura e visibilidade midiática – chega até Rio Pomba via meios de comunicação de massa, estas e outras informações trazidas por estes meios passam a integrar as reflexões de Célio e de outros integrantes sobre as práticas de sua folia, bem como seus projetos de mudanças. (opus cit)

Isso mostra como o material produzido pela imprensa de Juiz de Fora tem menos relevância para os grupos retratados em suas matérias, do que para outros segmentos sociais que não participam da festa ou que mantêm essa tradição fora da cidade, não compartilhando assim da realidade vivida pelos grupos locais.

#### **4.5 Associação**

A criação da Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora provocou para os

grupos da cidade um processo de mudança a mais em sua lógica cultural. Segundo Laraia (2001, p. 95), “os homens [...] têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los” e isso inclui os processos simbólicos de rituais como a Folia de Reis. Acostumados às mudanças internas resultadas da própria dinâmica cultural da festa, inserida num contexto social e cultural específico, os grupos de Juiz de Fora vivem ainda hoje um processo de adaptação às transformações que a folia vem sofrendo desde que houve a institucionalização por meio da Associação em 2003.

O funcionamento de entidades como essa é acompanhado pela formalização de compromissos e obrigações que devem se enquadrar em lógicas políticas e jurídicas da sociedade à qual pertencem. Por se tratarem de contextos tão diferentes aos vividos anteriormente pelos grupos de Folia de Reis da cidade, a festa desde então convive com mudanças mais bruscas que aquelas decorrentes das forças internas ao ritual. Não há aqui a intenção de julgar se essa institucionalização foi boa ou ruim para a folia na cidade. É apenas a constatação de que ela influenciou e influencia as mudanças na festa, que poderiam vir por outras vias já que “é praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna” (opus cit, p. 96-97).

A própria inserção dos jovens nas folias existentes e a criação de novos grupos tensionam as diferentes dinâmicas de mudança dentro do ritual. É na negociação entre as diversas visões acerca da festa que esta se renova e se recria.

Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos. (opus cit, p. 99).

A cada ano os mestres das folias se reúnem e avaliam nas reuniões da Associação o que, na visão deles, deve ser mudado ou deve ser mantido no regulamento da mesma. Apesar da participação efetiva dos membros nas discussões e reuniões, a figura de André se sobrepõe às outras. À frente da presidência desde sua criação, ele é visto pelos outros como o único capaz de ocupar o cargo e os motivos são vários. Um deles é o próprio fato de estar na presidência há tantos anos, a experiência garante a confiança em seu trabalho. Além disso, foi o próprio André que teve a iniciativa de criar a Associação, assumindo assim as responsabilidades da tarefa. A presidência da Associação de Moradores do Bela Aurora, a

participação no Conselho Municipal de Transportes da cidade e o emprego em um dos órgãos da Prefeitura<sup>63</sup> também faz com que outros mestres acreditem que ele tenha mais facilidade de conseguir melhorias, junto à Prefeitura, para a Folia de Reis na cidade<sup>64</sup>. Alguns donos de folia ainda acreditam não ter competência para assumir tal função devido à falta de estudos.

Abro o processo de eleição, ô gente, é necessário que saia alguém candidato, é necessário que eu monte uma chapa, é necessário que o pessoal participe e quando chega na hora mesmo de assumir a responsabilidade ninguém quer. Todos querem estar na Associação, participar, mas às vezes ninguém quer assumir a responsabilidade. (Depoimento concedido por André em entrevista à autora em 2013).

A permanência de André na presidência da Associação ao longo desses dez anos não ficou, contudo, imune a conflitos e tensões. Domingos, por exemplo, acredita que por pertencer a uma folia da Zona Sul e por isso ter maior convivência com os mestres dos grupos dessa região, André acaba por favorecê-los em algumas decisões tomadas. Outro questão é a existência de um grupo especial que tem mais benefícios, inclusive financeiros, que os grupos recém-criados. Estes devem passar por uma avaliação de quatro anos que, segundo André, é uma forma de ver se eles vão dar continuidade à tradição. Como esse prazo já foi de apenas um ano e foi aumentando até chegar a quatro, alguns mestres dessas folias acreditam que André muda o regulamento para atrasar seu acesso ao grupo especial, ainda que decisões como essa sejam votadas dentro da Associação.

Além disso, não há uma participação efetiva dos outros membros da Associação nas atividades administrativas. Todas as responsabilidades políticas e jurídicas ficam sob a responsabilidade de André, que se torna o mediador entre as cobranças vindas da Funalfa e da Polícia Militar, por exemplo, e os foliões que, algumas vezes, acham que as mudanças

---

63 André é funcionário da AMAC, Associação Municipal de Apoio Comunitário.

64 Esta grande participação de André em instituições formais de política fez com que, por duas vezes, ele recebesse convite para filiar-se a partidos diferentes, sendo que em um deles a finalidade era a de candidatar-se ao cargo de vereador. “... na época que tinham montado a chapa mesmo eu preferi não sair. Falei eu não vou sair não, por quê? Porque acho que não não é nem tipo assim é o partido ele depende de um grupo de pessoas que tem uma quantidade de votos pra eleger determinadas vagas pro partido. E eu falei com ele, se eu fizer parte de um projeto eu não ligo de entrar e me propor a ganhar 200, 300, 500 votos e esses votos servir pra eleger um colega que tem um pouco mais de voto e que tem uma programática legal. Agora eu também não quero é fazer parte de um projeto que amanhã você não sabe nem pra quem que você tá elegendo. Aí, não que aqui é diferente e depois que eu fiz a filiação, só foram me procurar no período da inscrição pra montar a chapa. Aí eu reneguei. (...) Então eu acho como, pra mim eu, posso sair candidato? Posso. Pra atender eu? Não, pra atender o interesse do partido. (...) Agora pra mim botar minha cara pra ser candidato eu posso, pra ajudar alguma coisa, eu posso até fazer, que eu acho importante e posso vir a ganhar, sabe. (...) Então isso tudo é um acordo que a gente pode tá fazendo pra melhorar o que a gente o caso eu defendo, a Folia de Reis e defendo a minha região aqui da zona sul, certo. Não dá pra você beliscar tudo. Ah eu vou defender Juiz de Fora inteira. Não dá não (...) Eu posso vir a ser candidato? Posso, qualquer um de nós pode ser candidato. Tem gente que tem um voto e sai candidato, certo” (Depoimento concedido por André em entrevista à autora em 2013).

propostas são uma iniciativa de André e não uma cobrança do poder público.

Essa postura se estende a outros contextos organizativos diferentes da folia, como é o caso das Associações de Moradores<sup>65</sup>. Adão, por exemplo, afirma que nunca se candidatou a nenhum cargo nessas associações porque teria que lidar com político: “eu não gosto de mexer com político sabe por causa de quê porque eu não tenho duas caras, eu não gosto de ser duas caras com ninguém” (Depoimento concedido em entrevista à autora em 2013). Reflexo não só de um histórico político brasileiro, caracterizado pelas relações verticais de participação política que favoreceu práticas clientelistas e personalistas – mas também pelo fato de que “no Brasil a desigualdade social, a democracia recente, o analfabetismo, o baixo nível de escolaridade, as dificuldades econômicas, são características inerentes à sociedade da segunda metade do século XX” (MOREIRA, 2012, p. 35) –, bem como da própria forma como a sociedade encara o Estado, cujas estruturas não têm autoridade, provocando o desinteresse pela participação e o desengajamento das pessoas em assuntos que envolvam a coletividade.

Os poderes antigos geriam habilmente a sua 'autoridade' e supriam assim a insuficiência do seu aparato técnico ou administrativo: eram sistemas de clientelas, de cooptações, de 'legitimidades' etc. Procuravam no entanto se tornar mais independentes dos jogos dessas fidelidades por uma racionalização, pelo controle e a organização do espaço. Fruto desse trabalho, os poderes de nossas sociedades desenvolvidas dispõem de procedimentos bastante finos e firmes para vigiar todas as redes sociais: são os sistemas administrativos e 'panópticos' da polícia, da escola, da saúde, da seguridade social, etc. Mas vão lentamente perdendo toda a credibilidade. Dispõem agora de mais força e menos autoridade. (CERTEAU, 1994, p. 280)

Tantos anos à frente da Associação fez com que André lidasse também com as diversas posturas assumidas pela Prefeitura em relação à Folia de Reis da cidade. A cada novo prefeito eleito, uma nova forma de diálogo era estabelecida. Isso porque cada gestor da Funalfa assume seus compromissos com a cultura popular de forma diferente “porque cada gestor ele tem uma característica e tem uns que ele gosta mais da cultura popular, tem outros que já gostam mais da cultura do erudito (...). Então com isso o cara acabava levando ali a coisa da Funalfa mais pro lado daquilo que ele tinha mais intenção” (Depoimento concedido por André em entrevista à autora em 2013).

Para André, o respeito entre os grupos foi uma das grandes conquistas da Associação. Além disso, a organização contribuiu para que houvesse um reconhecimento da sociedade e do poder público em relação à Folia de Reis, já que “o peso das associações resulta da união

<sup>65</sup> Movimentos como as Associações de Moradores surgem no Brasil na década de 1940. Em Juiz de Fora, elas tiveram uma grande importância na participação política na cidade principalmente nas décadas de 1970 e 1980.

de forças e da busca racional de formas de negociação ou de pressão para o atendimento de suas reivindicações” (MOREIRA, 2012, p. 21).

A Associação, ainda que voltada para temas ligados à Folia de Reis, se coloca enquanto um importante espaço de discussão e participação menos formalizados que os mecanismos legais de representação para os sujeitos participantes e inclui momentos de maior ou menor atuação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Folia de Reis em Juiz de Fora se apresenta enquanto uma forma importante de socialização de grupos sociais populares, especialmente na região sul da cidade, que inclui bairros como Bela Aurora, Teixeiras, Ipiranga, Santa Efigênia e Vale Verde. Historicamente a festa também foi um laço social forte em outros bairros, assim como é hoje também, em menor proporção, em outras áreas de Juiz de Fora como Amazônia, Nossa Senhora de Lurdes, Furtado de Menezes e Dom Bosco.

A importância da festa está não só no reforço dos laços de amizade e solidariedade, mas no complexo contexto que é criado para que outras dimensões da vida em comunidade se apresentem. Tal aspecto é tão forte que os próprios foliões afirmam que existem duas festas: aquela que acontece enquanto estão na “roça”, quando o aspecto religioso e de união do grupo se sobressaem, e a outra que começa quando chegam em Juiz de Fora, quando tem início uma disputa de status diante do restante da comunidade que acompanha o giro. Estes dois momentos se unem e se confundem no período que os antecede e que os sucede.

Os ensaios que são realizados ao longo de todo o ano na casa dos foliões é o espaço não só para a preparação da próxima jornada, mas também de recordar o que aconteceu no trecho, as histórias, as cidades percorridas e os aprendizados. Este é um dos momentos importantes da construção de processos comunicativos e culturais para esse grupo social que foi aqui pesquisado.

A Folia de Reis se torna um motivo para reunir essas pessoas que normalmente fazem parte da mesma comunidade ou moram em bairros vizinhos. Nessa aproximação cotidiana laços de amizade vão se transformando em laços familiares através do casamento, da gravidez ou do apadrinhamento. Mesmo quando alguém se muda de bairro, a convivência se mantém ou pela permanência de algum parente ou pela participação em algum dos grupos de folia.

A tradição da Folia de Reis presente em Juiz de Fora há mais de 50 anos pode ser um dos motivos para que essa festa e não outras seja a mais importante nesses bairros que contam também, em menor quantidade, com grupos de Charola de São Sebastião, cuja maioria dos componentes é a mesma da folia. Ainda que haja outros tipos de manifestações culturais nesses locais como o funk, a folia mantém sua importância por conseguir reunir várias gerações diferentes, desde crianças, passando por adolescentes, jovens, adultos e velhos. Além disso, a folia consegue agregar um grande número de componentes e cada um deles tem uma

função a desempenhar, aspecto importante para atrair a participação de novos foliões que obtêm na Folia de Reis o reconhecimento de uma aptidão, o que muitas vezes não ocorre em suas tarefas cotidianas.

Compreender a cultura a partir do cotidiano dessas pessoas nos permite sair de uma posição hegemônica que a enxerga a partir de uma perspectiva etnocêntrica em que é preciso levar para esses grupos sociais os bens culturais produzidos por uma elite. Sair desse posicionamento nos possibilita compreender como o contexto de vida e a história dessas pessoas influenciam e são influenciados por seus modos de pensar e viver. Isso nos leva a compreender também que há a construção de outras formas de se comunicar que não aquelas monopolizadas por grupos hegemônicos da mídia. A comunicação, neste contexto, se apresenta de uma forma fluida e horizontal em que a dialogicidade e a alteridade estão presentes porque há esse encontro mútuo com o Outro, que vem carregado de afetos e conflitos.

A festa é destaca pelos foliões enquanto um espaço importante de aprendizagem em que todos ensinam e aprendem. É a partir deste contexto que a construção de processos culturais e comunicativos nesses grupos sociais pôde ser identificada nesta pesquisa a partir de cinco categorias de análise: bairro, religião, brigas, mídia e Associação. No entanto, estas categorias – aquelas que, na minha análise, se constituíram como as mais importantes para a compreensão desta festa – não esgotam seus contextos culturais e comunicativos, havendo a existência de outros elementos que não puderam ser englobados aqui.

A importância do bairro se deve não só a essa proximidade entre os foliões mencionada acima, mas também à interação entre a festa e o cotidiano desses sujeitos. Graças à permanência das atividades da folia nas casas de seus donos, os assuntos relacionados à festa se estendem para o restante de sua família, bem como seus parentes e vizinhos. Assim como os temas referentes às questões do bairro, de amigos, vizinhos e parentes estão presentes no período da Folia de Reis. Devido a essas relações a tradição precisa ser reinventada, dessa forma, os mestres foliões precisam se adequar a uma nova demanda, por exemplo, em que todos os componentes do grupo querem participar das decisões sobre a folia, renegociando assim a autoridade de seu dono.

É a partir desta categoria que podemos perceber também que os grupos da zona sul possuem mais elementos em comum entre eles do que em relação às outras quatro folias da cidade. Há entre estes sete grupos, por exemplo, uma preocupação maior com as roupas e

máscaras, com a criação de novos modelos, principalmente aqueles que chamam atenção. Além disso, os grupos compostos prioritariamente por jovens, e que são também os mais recentes, procuram criar novas músicas e ritmos, o que influencia diretamente esses elementos entre os foliões mais antigos da mesma região. Há ainda uma maior participação da comunidade nos grupos da zona sul pela sua tradição no local, bem como pelo maior número de grupos.

As brigas não se dissociam desse contexto do bairro e ainda se justificam historicamente na própria festa. Às disputas que se davam a partir de elementos da Folia de Reis, acrescenta-se a violência vivenciada cotidianamente pelos foliões nas comunidades onde vivem. Há uma disputa relacionada ao status dentro da folia entre os grupos mais antigos da zona sul (Adão, André e Kinó), enquanto parte dos mais jovens tentam resolver seus conflitos pessoais de brigas de gangue dentro do período da festa. A prisão ou a morte de integrantes das folias interferem, assim, diretamente em sua dinâmica, inclusive com o fim de alguns grupos.

Já a religião é não só a justificativa da festa, por sua origem cristã, mas uma das formas encontradas para expressar o modo de pensar desses sujeitos, bem como explicar suas ações. As narrativas bíblicas relacionadas aos Reis Magos ou as passagens da vida de Cristo conhecidas são reinterpretadas em um discurso que prega a solidariedade, a tolerância e o compromisso com o plano sagrado, o qual se estende às pessoas que participam da festa, dentro e fora de seu contexto.

Historicamente, tal modo de vida não é representado pelos grandes meios de comunicação que quando o fazem é de forma estereotipada, preconceituosa ou assistencial. Ainda que faça parte do cotidiano da grande maioria das pessoas, essas mídias se tornam secundárias nos processos comunicacionais desses sujeitos que, pelo seu acesso mais restrito à internet, TV a cabo, jornais e livros, encontram em suas manifestações culturais um canal importante de comunicação.

Essa relação no período da festa não é muito diferente. Por não conseguir retratar os elementos importantes da Folia de Reis para seus praticantes, a cobertura dos meios de comunicação de Juiz de Fora não consegue atrair o interesse dos foliões. Sendo que apenas o presidente da Associação interfere no giro de seu grupo quando a imprensa lhe faz alguma solicitação. Tal postura se apresenta muito mais enquanto uma estratégia política de visibilização da festa para a garantia de reconhecimento na cidade e, em consequência, de sua

permanência nas ações de política pública na área cultural de Juiz de Fora, o que inclui o repasse de verbas. Já o restante dos grupos ou concede entrevista durante o Encontro de Folias no centro ou não tem qualquer preocupação sobre a presença ou ausência da festa na mídia local.

Além disso, os grupos e seus foliões não procuram organizar o material que possuem em vídeo ou em foto de forma sistematizada para, por exemplo, disponibilizar na internet. Muitas vezes o material encontrado é de pessoas que não participam de nenhuma das folias, nem mesmo os foliões que possuem conta em redes sociais têm o costume de publicar material referente à festa. Isso se justifica em parte porque eles estão ocupados com a própria folia, como foi possível perceber com relação à produção do documentário. Ou ainda a própria escolha dos integrantes da folia de Adão em não publicar os vídeos gravados por mim durante a pesquisa.

Por fim, a Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora se apresenta enquanto uma importante categoria para se discutir a organização política desses sujeitos que pode se dar por meio de instituições formais como essa e outras associações, mas que também pode ser identificada na própria organização e cotidiano das comunidades. Enquanto nos primeiros espaços os conflitos e negociações se dão em relação direta com os equipamentos do Estado, no segundo eles convivem de forma que os sujeitos sociais constroem uma posição mais autônoma de decisões e resolução de problemas. A existência de um espaço como as associações para o debate e o confronto de opiniões, ainda que em relação a um assunto específico como a Folia de Reis, abre caminho para outras reflexões. A demanda por pesquisas acerca da festa, por exemplo, permite a compreensão por parte dos foliões da importância dessa manifestação para a sociedade.

A partir da pesquisa realizada com o grupo de Adão foi possível compreender como estas categorias são importantes para a análise dos processos comunicativos e culturais dos sujeitos participantes da Folia de Reis em Juiz de Fora. No entanto, elas não esgotam as possibilidades de análise nem da festa nem das comunidades, que possuem outras formas de construir seus processos culturais e comunicativos. A própria criação em 2013 da Associação de Grupos Folclóricos de Minas Gerais, que visa substituir a Associação de Folias de Reis e Charolas de Juiz de Fora para incluir outros grupos culturais populares das cidades próximas a Juiz de Fora vai permitir a elaboração de novas análises sobre o tema pesquisado.

Além disso, esta pesquisa nos mostra que ainda hoje, no contexto contemporâneo,

mediatizado e urbanizado, as festas populares possuem uma grande importância para determinadas comunidades, se mostrando um campo rico de pesquisa já que elas interagem continuamente com o cotidiano desses sujeitos. Ademais, conviver com grupos sociais diferentes daqueles com os quais estava acostumada, possibilitou o aprendizado não só sobre a Folia de Reis, mas também sobre as formas de viver e encarar os desafios do dia a dia. Aspectos que mesmo não tendo maior destaque nesta dissertação por não ser seu objetivo ou mesmo pela falta de prazo para o seu desenvolvimento, influenciaram as análises aqui realizadas.

A metodologia utilizada abre também caminhos para outras formas de se coletar dados porque inclui uma convivência e um envolvimento maior com os sujeitos sociais a partir de seu cotidiano, base da elaboração da cultura popular que é o foco desta pesquisa. Assim, permite que as informações sejam coletadas de uma forma mais espontânea em que as opiniões dos sujeitos estão mais próximas de suas ações, já que a recorrência do encontro entre o grupo social e o pesquisador possibilita inclusive que as contradições desses sujeitos se sobressaíam, acompanhando a complexidade do contexto pesquisado. Em um grupo social no qual a contextualização da vida é parte fundamental para a interpretação dos fatos sociais a partir de seu espaço local, essa convivência se coloca enquanto importante ferramenta para a compreensão de seus modos de viver.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luiz Roberto. Comunicação e cultura popular: as prosopopéias na rua, no meio do redemoinho. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (ORG.). Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1986.

AZEVEDO, Ricardo. *Abençoado & danado do samba: um estudo sobre o discurso popular*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

BASTOS, Wilson Lima de. *Folclore no setor Religião em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: [s. n.], 1973.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BENJAMIN, Roberto. Expandindo a proposta da obra fundadora. *Anuário Unesco/Umesp de Comunicação Regional*. Ano V, n. 5, 17-24, jan/dez 2001.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 4ª reimpressão.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. Problemas Ligados à Cultura das Classes Pobres. In: QUEIRÓZ, José J.; VALLE, Edênio. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez & Moraes: EDUC, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. A pesquisa participante na docência – a busca do diálogo na construção do saber. 2005.

\_\_\_\_\_. *Os deuses do povo – um estudo sobre a religião popular*. Uberlândia – EDUFU, 2007.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAIAFA, Janice. Aventura das cidades – Ensaio e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes,

1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2 – Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, 10a edição.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural – o direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Conformismo e Resistência – Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. *Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites*. In: QUEIRÓZ, José J.; VALLE, Edênio. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez & Moraes: EDUC, 1979.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Editora da UFSC, Florianópolis, 1999.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia: Saberes e Práticas*. *Revista Iluminuras*, v. 9, n. 21, 2008, UFRGS.

FRAVRET-SAADA, Jeanne. *Ser afetado*. *Cadernos de campo* n. 13: 155-161, 2005.

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

FÉLIX, Madeleine; PESSOA, Jadir de Moraes. *As viagens dos reis magos*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

FERNANDES, Rubem César. 'Religiões Populares': Uma visão parcial da Literatura recente. *BIB, Rio de Janeiro*, n. 18, pp. 3-26, 2º semestre 1984, pp. 3-26.

FERREIRA, Maria Nazareth; et all. *Globalização e identidade cultural na América Latina – A cultura subalterna frente ao Neoliberalismo*. São Paulo, CEBELA, 1995.

\_\_\_\_\_. *Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares*. *Comunicação e Informação*, v. 9, nº 1, p. 111-117, jan/jun 2006.

FREIRE, Paulo. *Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação*. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GAMBOGGI, Ana Laura e TADDEI, Renzo. *Etnografia, meio ambiente e comunicação ambiental*. *Caderno Pedagógico*, Lajeado, v. 8, n. 2, p. 09-28, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo. *Folgedos da Mata: um registro do folclore da Zona da Mata*. Leopoldina: Do Autor, 2005.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Do presépio à balança – Representações sociais da vida religiosa*. Belo Horizonte: Mazza edições, 1995.

\_\_\_\_\_. *Flor do não esquecimento – Cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Diferentes momentos do processo de pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. In: *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

GRIGON, Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Lo culto y lo popular – Miserabilismo y populismo en sociología y en literatura*. Ediciones Nueva Visión – Buenos Aires, 1989.

GRUPPI, Luciano. *Conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

IANNI, Octavio. *A ideia de Brasil Moderno*. Editora Brasiliense, 1992.

JACKS, Nilda. Audiência nativa: cultura regional em tempos de globalização. *Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 2, p. 1-15, julho/dezembro 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendhal. *Paisagens, textos e identidade*. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2004.

LOPES, Marcelo de Castro. A figura do palhaço em folias da Zona da Mata de Minas Gerais. In: *XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO*, p 951-960, 2010. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/2787/2096>.

MACEDO, Carmen Cinira. Algumas observações sobre a Questão da Cultura do Povo. In: QUEIRÓZ, José J.; VALLE, Edênio. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez & Moraes: EDUC, 1979.

MALINOVSKI, Bronislaw Kasper. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?: uma reflexão sobre o processo de individuação e formação*. São Paulo: Paulus, 2004.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2012.

MENEZES, Renata de Castro. A benção de Santo Antônio e a “religiosidade popular”. In *Estudios sobre Religión*. N. 16, dez. 2003 p. 1-6.

MOREIRA, Luciana Verônica Silva. *Movimentos comunitários: experiências de participação em Juiz de Fora (1974-1988)*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2012.

NERUDA, Pablo. *As uvas e o vento*. Carlos Nejar (trad.), Porto Alegre: L&PM, 2004, 256 p.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Expressões religiosas populares e Liturgia. In *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 43, fasc. 172, p. 909-948, dez. 1983.

\_\_\_\_\_. Adeus à sociologia da religião popular. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 18(2): 43-62, 1997.

\_\_\_\_\_. Religiões Populares. In O. Beozzo (org.). *Curso de Verão II*. São Paulo: Paulinos, 1988, p. 107-123.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In \_\_\_\_\_. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

OLIVEIRA, Simone G. de. ‘A bandeira pede passagem’: Folia de Reis: fé e festar entre a tradição e a modernidade. In: CAMURÇA, Marcelo Ayres e PEREIRA, Mabel Salgado (ORG). *Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003.

ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada – Ensaio de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PACE, Enzo. Narrar a Deus – A religião como meio de comunicação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 24, nº 70, junho/2009.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Editora da UCG; Editora Kelps, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. *Antropologia e comunicação: princípios radicais*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 2º sem. 1997.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

TACUSSEL, Patrick. À altura do cotidiano: A propósito da obra de Michel Maffesoli. In: MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade – o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro:

Atlântica Editora, 2004.

TILLY, Charles. O acesso desigual ao conhecimento científico. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 18, n.2, p. 47-66.

TURINO, Célio. *Ponto de cultura – O Brasil de baixo para cima*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.

WEFFORT, Francisco. Nordestinos em São Paulo: Notas para um Estudo sobre Cultura Nacional e Cultura Popular. In: QUEIRÓZ, José J.; VALLE, Edênio. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez & Moraes: EDUC, 1979.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina [Street Corner Society] – A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus - um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ZEMELMAN, Hugo. Sujeito e sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói. In: SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *Conhecimento Prudente para uma vida decente – 'Um discurso sobre as Ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 457-468.

## FILMOGRAFIA

O RAP do pequeno príncipe contra as almas sebosas. Direção: Paulo Caldas e Marcelo Luna. Mundial, 2000. 75 min, documentário. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vgcvfXZdvbl> . Último acesso em 29 jan 2014.

SIBA – Nos balés da tormenta. Direção: Caio Jobim e Pablo Francischelli. DobleChapa cinematografia, 2012. DVD, 83 min, documentário, HD, cor.

## ANEXOS

1-Verso do palhaço Moi, folia do Carrapatim, gravado em 15.12.2012

Olha só hein gente / Por onde quer que eu vá eu vou te levar pra sempre (estendendo uma camiseta com a foto de Marlan) / Ô gente, o maior golpe de mundo que eu tive na minha vida / Foi no dia 5 de outubro que a morte veio em minha família / Eu jurei fazer vingança, entrar firme na matança / Mas agir de cabeça quente gente, pode crer que não adianta / Se as coisas desse errado eu ia virar mais uma mancha / Triste é a dor dos pais ao passar o acontecido / Criar com amor e carinho e depois passar a dor de enterrar o próprio filho / A dor que eu tô sentindo gente tá me matando por dentro / Às vezes eu penso que tô sonhando, que isso é coisa do pensamento / Mas essa é a vida que nós vivemos, as coisas que nós mais amamos um dia nós vai perdendo / Eu não sei o que acontece nessa nossa zona sul / Toda vez que eu ouço um tiro, até sinto um arrupio, imagino foi mais um / É uma grande ilusão, tão deixando se levar / Um dia cai um daqui, no outro cai um de lá / Muito sangue tá rolando gente e a luta continua / Hoje a minha família chora, amanhã pode ser a sua / Não desejo mal pra ninguém, tenho esperança que isso acabe / Não quero mais ver essa cena e nem famílias em desastre / Eu sonhei com o Marlan gente e no sonho ele me disse / Não quero que chore mais e que também não fique triste / Porque eu tô no paraíso, lugar igual não existe / Eu peço que dê apoio ao nosso mano Cabide / Diga a ele que a filhinha dele não chegou aí porque achou outro caminho / Ela tá num mar de rosas, onde não tem cravo e não há espinho / E pra minha mãe quero que diga para ficar descansada / Não precisa mais andar atrás de mim, correr perigo na madrugada / E que eu vou estar sempre com ela lá na nossa antiga casa / Pro meu irmão peço que diga pra poder me desculpar / Por não ouvir os seus conselhos e às vezes querer brigar / Pro meu pai tô sem palavras e nem sei o que falar / Ele aceitou tudo numa boa, ainda serviu pra consolar / E quando você gritou Moi, eu deitado com os enfermeiros / Eu já não pude responder, mas eu vi seu desespero / Peço não pra se vingar, peço que cuide da nossa família / E que não perca o seu juízo, você não tem o poder de mudar o que tava escrito / Eu tenho saudade imensa gente do meu primo imaturo / No meu peito ainda chora o meu coração de luto / A recordação que eu tenho hoje eu trago na minha mente / Tem que lembrar os bons momentos pra poder ficar contente / Agora fique com meu Deus meu primo, um dia vamos estar de frente / É que por onde quer que eu vá, eu vou te levar pra sempre.

2-Verso do palhaço Marley, folia do Adão, gravado em 06.01.2013

Vou te contar uma história Nino que é de cortar meu coração / Mas vou pedir a todos um minuto de silêncio e vocês prestem atenção / Se aqui eu cheguei, cheguei Nino com o meu coração ferido / Primeiro eu quero lhe dar meus sentimentos do seu filho falecido / O começo da minha história Nino tem a ver com amizade / Hoje não é como era antes, mas sinto muita saudade / Se sorria se chorava e esta é a grande verdade / Dois anos de uma folia nova Nino que em minha vida deixou saudade / Pois teve até um grande pedido que virou realidade / Desse jeito ele me falou Nino: / “Ô Marley, a gente saiu junto há dois anos na maior tranquilidade / Porque ninguém sabia nada e rolou tudo na humildade / Mas brincar de palhaço na folia do meu irmão, essa era a minha vontade” / Alembro como se fosse hoje Nino seu rosto de felicidade / A gente não estava longe, estava em Lima Duarte / O seu irmão também foi junto, só pra lhe dar mais coragem / Feito o céu, o mar e a terra, os dois era unha e a carne / Ô Nino, dele tenho muita saudade Nino, mas sei também que era pra frente / Não deu meia hora de farda, colocou a chapa quente / Que o Deus o tenha em bom lugar Nino porque lembranças eu tenho demais / Mas também sei que igual aquele Deus não fez outros que pulava trançando pra trás / Ô Nino, eu tive um sonho amargo, que me parecia um recado / Pelos anjos da Virgem Maria lá no céu eu fui chamado / Assim que cheguei no céu Nino já era bem de tardezinha / Encontrei Marlan deitado, num manto todo bordado, aos braços da Virgem Maria / E pra mim ele olhava Nino, mas ele não falava nada / Perguntei o que fazia ali, ele não deu uma palavra / De repente levantou Nino e me deu um tchauzinho chorando / Sem falar uma palavra ele ia caminhando / Depois de dar uns doze passos Nino já estava lá sorrindo / Ajoelhado e se arrependendo dos seus pecados cometidos / Mas na cabeça dele eu vi Nino a mão do nosso pai salvador / E ele disse assim pro Marlan: “você já se perdoou / Escute bem esse recado Lan de quem guiou toda sua vida / Você fez sorrir quem estava triste e alegrou muitas famílias / Mas hoje fiz seu chamado, pois quero você ao meu lado e ao lado da Virgem Maria” / Eu acordei chorando tanto Nino, molhei a cama de pranto por ver o Lan pelo último dia / Hoje levo minha vida com coração cheio de dor, pois hora triste dolorida é a dor da despedida só a conhece quem passou / Passei por coisas na vida Nino e esse foi o maior golpe do mundo / Desde o dia 5 do 10 do 12 carregou meu coração de luto / Enfim Nino, hoje cumpri minha promessa e aqui foi o melhor momento / Dia e noite eu dentro de minha casa acompanhado do meu sofrimento / Ô Nino, à família me despeço, mas as lembranças comigo vai / Aonde quer que o Marlan esteja, que ele sempre nos proteja, que sua alma descanse em

paz.

### 3- Verso do palhaço Marley, folia do Adão, gravado em 29.12.2013

Num domingo eu fui na missa, pra cumprir minha obrigação / Por não ter livro de reza, levei meu baralho na mão / Eu fui traçando o meu baralho pra cumprir minha devoção / E lá dentro da igreja, com meu baralho levava / Quando eu vi perto de mim um sargento ajoelhado / Não demorou muito tempo, foi entrando dois soldados / E me falou ó seu moço, o senhor tá intimado / O doutor mandou chamar que é pro senhor ser interrogado / Fui saindo da igreja até um pouco envergonhado / E lá dentro da cadeia o delegado me perguntou / Se lá dentro da igreja é lugar de jogador / Olha aqui senhor delegado, com toda educação / Se o senhor me der licença eu faço uma oração / Que quando eu pego no az, que tem uma pinta somente / Eu lembro que só existe um só deus onipotente / Que quando chamado por nós, é certo que está presente / E quando eu pego no dois, aí me sinto mais eu / Em duas tábuas de pedra o criador escreveu / E quando... a Moisés apareceu / E quando eu pego no três, rezo com sinceridade / E lembro das três pessoas da santíssima trindade / Pai, filho e espírito santo em um só deus de verdade / E quando eu pego no quatro, quatro de paus cruzados / Eu lembro que com quatro cravos que Jesus foi cravejado / Foi morto sem dever crime, morreu sem dever pecado / O cinco me faz lembrar daqueles dias de dor / Cinco de chagas doidas que sofreu nosso senhor / Derramou seu sangue todo pra salvar os pecador / E quando eu pego no seis, eu faço a comparação / Dos seis dias da semana da obra da criação / Em seis dias Deus fez tudo sem nada botar a mão / O sete me lembra a hora, hora triste amargurada / Dos sete passos de Cristo, da sua paixão sagrada / Com sete espadas de dor que a mãe de Deus foi cravada / E quando eu pego no oito, que oito pinta contem / Eu lembro que não se deve amar falso a ninguém / Quem ama a falso os outros, perdão do céu nunca tem / E quando eu pego no nove, me vem na imaginação / Os nove meses sagrados da divina encarnação / Que Jesus passou no ventre da Virgem da Conceição / E quando eu pego no dez eu não posso me esquecer / Que os dez mandamentos ficaram, é para os homens se reger / Quem cumpre seus dez mandamento sua alma não quer perder / E quando eu pego na dama, me lembro da Virgem Maria / Se não fosse o amor de mãe, ai de nós o que seria / Sendo a mãe de Jesus Cristo, nos protege todo dia / E quando eu pego no rei, me vem logo na memória / Jesus Cristo é o poderoso, é o divino rei da glória / E não precisou de força pra alcançar sua vitória / E foi assim senhor delegado, que na igreja fui rezar / Agora estou nas suas ordens pro senhor determinar / Ou me mande pra

cadeia ou me deixe retirar / O delegado pensou, não sabendo o que falar / Me perguntou por que razão deixei o valete sem contar / O valete senhor doutor, o valete é carta feia / Quando pego no valete, meu sangue ferve na veia / Porque parece com esse sargento que me trouxe pra cadeia.

4- Verso do palhaço Marley, folia do Adão, gravado em 31.12.2012

Eu vou lhe contar uma história da Fazenda Boqueirão / Na Fazenda Boqueirão, há muitos anos passados / Assucedeu esse fato que abalou o povoado / Ainda tinha escravidão no nosso Brasil amado / Os pretos todos em leilão, pelos brancos eram comprados / Existia na fazenda uma escrava bem trigueira / Por ser linda e danada tinha o nome de faceira / O sinhô se apaixonou por essa escrava que digo / Seu amor foi criminoso também teve o seu castigo / A sinhá que descobriu pôs a culpa na mulata / Amarrou ela num tronco e lhe surrou de chibata / Amarrada lá no tronco e dava pena de olhar / Mas escute o castigo que arrecebeu a sinhá / Faceira tava doente, ia ser mãe a criatura / Amarrada lá no tronco foi a sua desenvoltura / Pois seu filho ali nasceu tendo o céu por cobertura / No outro dia os escravo abriu duas sepultura / O sinhôzinho quando soube o que se assucedeu / A correr e a gritar a memória ele perdeu / Escute bem o castigo que a sinhá recebeu / Ficou cega de repente, sem falá ela morreu / Isto foi acontecido na fazenda boqueirão / Há muitos anos atrás, no tempo da escravidão / Mas quem passa naquela fazenda sente a tristeza em seu coração / Pois o sangue daquela escrava não saiu daquele chão

5- Verso do palhaço Marley, folia do Adão, gravado em 02.03.12

Sabiá cantou bem te vi lá do sertão / Eu tive um sonho que ia pro céu e chorando eu ajoelhei no chão / São Pedro me mandou uma escada e eu subi a escadaria / Chegando lá encontrei com Jesus menino nos braços da Virgem Maria / São Jorge no seu cavalo branco, São José na carpintaria / Também vi São Cosme e São Damião abençoar minhas criancinhas / São Sebastião também lá estava tirando as flechas do corpo / Vi São Lázaro sentado no banco diante de muitos cachorros / Quando vê chegou Sano Antônio falando com o mensageiro / Dizendo fazer milagre e que também é casamenteiro / Como que o céu é bonito diante dos olhos meus / Os santos odos se reuniram na espera só de Deus / Quando vê chegou de branco, o nosso Deus todo poderoso / Mas como sou pecador eu não pude ver seu roso / Todos os santos rezaram e odos os anjos cantaram / Eu não vi o roso de Deus, mas escutei suas palavras

/ E ele dizia assim ao som daquele lindo hino: / Que o mundo está em guerra, mas que ele virá salvar os seus filhos / Eu acordei daquele sonho e foi o meu dia de sorte / Em agradecimento eu fiz uma viagem lá para Aparecida do Norte / Fui cumprir uma promessa lá no pé da cruz de vidro / Ao sair sete anos na folia de reis, carregando a imagem de Jesus Cristo / E esse é o fim de um sonho lindo que o palhaço aqui contou / E essa é a folia de Juiz de Fora, bate palma quem gostou

6- Verso do palhaço Wanderton, folia do Adão, gravado em 03.03.12

Uma noite eu tive um sonho, tava eu e meu irmão / Caminhando com a virgem santa bem no meio da escuridão / De repente eu escuto uma estranha gargalhada / Que deixava Virgem Maria com cara de assustada / Quando eu olho pra trás vejo um cara chifrudo / Eu tava com tanto medo cheguei até a ficar mudo / Meu irmão me perguntou o que tava acontecendo / Porque ele não sabia o que eu estava vendo / Eu olhei pra ele, eu fui falando com sinais / Que estava vendo um homem que parecia Satanás / Quando eu acordei, eu fiquei mais aliviado / Porque eu tinha Virgem Maria caminhando bem do meu lado.

7- Verso do palhaço Careca, folia do Adão, gravado em 31.12.2012

Na segunda eu plantei a cana / E na terça eu fui colher / Na quarta eu fiz uma cachaça / E na quinta eu fui beber / Na sexta tô de ressaca / No sábado vou trabalhar pra quê?<sup>66</sup>

---

66 Versos semelhantes eram cantados por oficiais húngaros durante a Idade Moderna: “Domingo bebo vinho,/ Segunda não faço nada./ Terça é bom para descansar./ Quarta para levantar./ Quinta para recuperar./ Sexta para fazer as contas,/ Ei! Sábado para perguntar,/ O que temos para trabalhar?” (BURKE, p. 71)